

16 MESES NA U.R.S.S.

RUMO
A OUTRA
FLAMA



16 Meses na U.R.S.S. - Rumo a Outra Flama
Panaït Istrati

Fonte Digital
Fotos jpg enviadas por Janer Cristaldo
jcrystaldo@gpmail.com

imagens escaneadas por Gerson Antunes - Ijuí-RS
Título Original
Vers L'autre Flamme
Après Seize Mois Dans L'U.R.S.S.

Primeira edição em cola e papel
Editora Alerta, RJ, 1946

©2013 — Panaït Istrati

eBooksBrasil.org

ISTRATI
PANAIT

16 MESES NA U. R. S. S.

PANAIT ISTRATI

16 meses na U. R. S. S.

"RUMO A OUTRA FLAMA"

Tradução de Romulo de Castro

Titulo desta obra na edição francesa:

"VERS L'AUTRE FLAMME"

APRÈS SEIZE MOIS DANS L'U. R. S. S.

Reservados todos os direitos.

1946

EDITORA ALERTA
Caixa Postal n.º 1872
RIO DE JANEIRO

NOTA PRELIMINAR

16 meses! 16 anos! 16 meses!

"16 Meses na URSS". Há quase 16 anos aguarda o Brasil a publicação deste livro. Há quase 16 anos foi assinado o contrato de publicação deste livro no Brasil. Há quase 16 anos se acha esse contrato metido no porão de importante empresa editora, isso por ordem de um poder misterioso, estabelecido a 12 000 km 666 m do Rio de Janeiro.

Há 16 meses trabalho para arrancar o contrato das mãos desse poder misterioso. E, após longo e esbafoante trabalho que por vezes me levou à borda do desânimo, aí está o primeiro dos 3 libelos.

Panait Istrati não precisa de apresentação. Romancista conhecido, Istrati se destaca por sua linguagem inflamada e suas atitudes deussonbradas.

Tendo, com cerca de 2.000 delegados comunistas, ido assistir aos festejos do 10.^o aniversário da revolução bolchevista em Moscou, tanto se entusiasmou com o que lhe mostraram, que resolveu ficar ali, afim de viver de perto a vida da "Pátria do Proletário", auscultar o pulsar do coração operário, tomar parte íntima e direta na construção da Nova Ordem, sob a flama ardente do comunismo.

Mas, aos poucos, através do livro, Istrati vai descobrindo o que não lhe haviam mostrado: a miséria do operário, rói, faminto e desabrigado, vilmente explorado pelo capitalismo de Estado em benefício dos chefes comunistas e altos funcionários. E o entusiasmo de Istrati transforma-se em indignação. E a indignação de Istrati vai, através do livro, em crescendo vertiginoso, até explodir num tremendo libelo contra os ditos

dores e contra os escritores covardes e corruptos que alugam sua pena à propaganda soviética.

O livro é um flagrante de psicologia vivida. Em cada página vibra o homem, intransigente com a mentira, buscando, sem medir consequências, a verdade: Rumo a outra Flama!

—x—

Panaït Istrati foi o primeiro comunista a denunciar corajosamente "a exploração do homem pelo homem", que nunca deixou de existir atrás da cortina de ferro, baixada pela propaganda comunista, solerte e capciosa, opulenta e generosa, para esconder a verdadeira situação da Rússia.

A grande verdade flagrante e indiscutível é que o comunismo não resolveu o problema operário na Rússia. E o melhor testemunho dessa verdade são os comunistas sinceros que, com repugnância de sustentar a mentira, corajosamente denunciam a exploração dos operários, as violências, atrocidades e infâmias que se passam diariamente atrás da cortina de ferro da propaganda.

Istrati é um desses desiludidos. A esse destemido pioneiro seguiram-se outros, os comunistas André Gide (1936), Andrew Smith (1936), Victor Serge, amigo de Istrati, (1937), Legay Kieber (1937), L. F. Celine, M. Rouet, M. Yvon e outros, o socialista Sir Walter Citrine (1936), os simpatizantes com o comunismo Max Eastman, Eugene Lyons e L. C. Goyenola, diplomata uruguaio, e os bolchevistas Barmine e Kravchenko que abandonaram suas altas posições no governo soviético para denunciar as atrocidades, por eles ali presenciadas. E outros. E outros.

"16 Meses na URSS" são as primícias da "Editora Alerta", fundada com o objetivo principal de auxiliar os leitores brasileiros a pesquisar e descobrir a Verdade sobre a Rússia. Se o público prestigiar as suas publicações, a "Editora Alerta" será um dique formidável e intransponível às mentiras capciosas e cincoas de que se alimenta o comunismo na Terra de Santa Cruz.

Neste vasto país, criado pelo patriotismo dos brasileiros,

abençoado por Deus, cristianizado por Anchieta, libertado por Tiradentes e os demais patriotas de todos os tempos, moureja uma população cristã que, acima de tudo, ama a Pátria, a Família e a Igreja. Sobre esta sagrada Terra de Santa Cruz flutua o auri-verde pendão, surgido das margens do Ipiranga, símbolo glorioso da Liberdade, que, digno e respeitado, herdamos de nossos maiores.

Traidores, a soldo das forças do mal, conaptram às ocultas para conspirar a Pátria Brasileira, reduzindo-a a colônia bolchevista.

"Alerta!" é o nosso grito.

E estamos certos de que, do Amazonas ao Rio Grande, de Mato Grosso às bordas do Atlântico, de todos os recantos desta sagrada Pátria, quarenta milhões de corações nos responderão: "Alerta estão!"

—x—

Olho para a folhinha. Feliz coincidência: aniversário do nascimento de Jackson de Figueiredo, batalhador indomável que, como Istrati, combatia desassombradamente a mentira e buscava, sem medir consequências, a Verdade.

Rio de Janeiro, 9 de Outubro de 1946.

ILDEFONSO ALBANO.

NOTA — Afim de permitir a leitura deste livro a maior número de leitores, foram, com a autorização dos editores, abrandadas certas passagens que poderiam ser consideradas chocantes.

CONFISSÃO PARA VENCIDOS

Os três Heros que aparecem sob o título "Rumo a Outra Flama" são escritos em colaboração, porém muito distintamente. Se os publico sob meu único nome, não é em primeiro lugar, sendo temporariamente; é também porque os assino com as duas mãos, não para me assenhorear de suas idéias, mas para lhes assegurar a difusão.

Pois, o que é espantoso, em todas as épocas e mormente na nossa, um homem cujo "nome" não tem direito de cidade não se pode fazer ouvir, tenha ele carradas de razão. Ora, eu acho que se deve fazer ouvir o mais longe possível a voz de meus amigos, essa voz que quase sempre completa e às vezes contradiz a minha, essa voz que pode mesmo não ser uma em sua diversidade...

Nem que fôsse apenas para suscitar o debate interdito na Rússia e nesse Internacional cuja salvação desejamos

P. I.

Vencidos são todos os homens que no declínio de vida se acham em desacôrdo sentimental com os melhores de seus semelhantes. Sou um desses vencidos. E uma vez que há mil modos de estar em desacôrdo sentimental com os semelhantes, explico que aqui se trata daquela penosa separação que segrega um homem de sua classe, após uma vida de aspirações comuns a essa classe e a ela próprio e que no entanto permanece fiel à necessidade, que sempre o compeliu, de lutar pela justiça.

Porque a necessidade de justiça é um sentimento e não uma teoria. Eu o sei, hoje em dia — após verificação em vasta escala — e apoiado em mil provas. Salvo algumas exceções — magníficas exceções às vezes, mas que não modificam o drama — todos aqueles que vêm à revolta pela teoria, voltam atrás pela teoria, a exemplo dos que a ela vêm pelo ventre ou pela ambição, e que voltam pelo mesmo caminho. O sentimento, ao contrário, é a força que revolve toda a vida e a distribui a todos os ventos. Seria necessário defini-lo melhor? Mas se fôsse preciso definir tudo, não teria eu feito melhor permanecendo pintor de paredes?

Eis vinte e sete anos que, num arrabalde de Braila, ouvi pela primeira vez clamar por justiça. Minha cidade acabava então de ser rudemente sacodida por imensas revoltas populares: uns atrás dos outros, os guindastes terrestres e em seguida os guindastes flutuantes haviam caído sobre nosso velho porto e ameaçado de fome 6.000 estivadores de cereais. Eram, com suas famílias e parentes, dois terços da população da cidade.

— Justiça! gritaram 40.000 pulmões.

— Progresso! respondera o prefeito, rodeado por três companhias de soldados.

Eu não era estivador. Nenhum parente meu o era. Bem melhor, minha mão ganhava sua vida a limpar a sujeira dos que haviam adquirido o guindaste. Entretanto, a resposta do prefeito me magoou para o resto de meus dias. E eis por que fui dar ouvido à resposta do orador socialista, que clamava por justiça. Como os estivadores gritassem: "Jogaremos os guindastes no Danúbio!" — ele disse:

— Não! Primeiro porque vo-lo impedirão sob ameaça do fuzil; depois, se o conseguissem, outros guindastes viriam substituir os destruídos por vós, por isso que, outrossim, é a técnica moderna. Mas essa técnica, que hoje vos prejudica, deve um dia tornar-se propriedade vossa e servir aos interesses de todos os que trabalham, como de justiça.

— Bom! disseram os homens. E' preciso deixar correr o barco!

Foi uma longa espera, que dura ainda, na Rumânia como no resto do mundo. Pelo que, é preciso viver e lutar. Para viver pode haver vários meios, mas para lutar só há um: dar em cima do adversário. E meu adversário foi, é e será o adversário de minha classe, aquele que constrói guindastes para seu proveito pessoal, esfomeia-a e, quando ela clama por justiça, metralha-a.

Não há mais de um lustro, quer dizer, ali pelos quarenta anos, achava-me ainda entre aqueles que se vêm esfomeados e metralhados. Se hoje não me reduzem à fome, sempre tentarão metralhar-me. Porque, aconteça o que acontecer, após essa disputa que empreendo severamente com minha classe, um fato permanecerá certo: atirarei sem parar no peito ou nas costas daqueles que esfomeiam os homens e em seguida os metralham. E no dia em que, como já me aconteceu, eu me achar, o mais comodamente do mundo, sentado à mesa de um desses esfomeadores-metralhadores, que ele saiba que ali não me encontro senão para me instruir, afim de melhor ferir!

Se eu me afastar dessa linha de vida, que os meus me abitam na rua sem me submeterem a processo.

E agora, vejamos até onde sou um vencido, até onde me separo dos meus, sem jamais cessar de combater os inimigos do homem livre.

Pois bem, eu me separo de meus amigos comunistas, até naquilo que constitui o seu orgulho na Rússia: a edificação do socialismo. Para nossa velha amizade é triste, mas é assim.

Não discuto essa edificação e admito que ela seja socialista, embora não se trate senão de empreendimentos "modelos" que funcionam mal e continuarão a funcionar mal, enquanto forem dirigidos por comunistas incapazes. E mesmo que fôssemos incapazes, ainda no-lo deviam perdoar. Têm fazer de mim um ministro, que responderei imediatamente que não há departamento em que eu possa servir utilmente; mas me façam dirigir uma oficina de pintores de parede e eu me desincumbirei com competência. Serei ainda tão útil todas as vezes e por toda a parte em que me fizeram compreender o funcionamento íntimo de uma engrenagem.

Pois a classe operária não comete falta quando ignora aquilo que jamais lhe ensinaram. Mas os chefes que se impõem a ela são bons para a força, quando lhe comprometem o futuro, fazendo-a pôr o carro adiante dos bois, a todo custo, por todos os meios e haja o que houver.

Aqui, é necessário um parêntese.

Antes de saber que uns teóricos inveterados se haviam aplicado a edificar o socialismo atabalhoadamente e a todo o custo, eu era partidário da tomada do poder por todos os meios. Era afinal de contas uma questão de temperamento. Criado a margem da sonolenta ação social-democrata, que tão odiosamente devia precipitar o proletariado na guerra mundial, sempre me inclinei por um sindicalismo combativo. Esse sindicalismo foi ilustrado, no movimento revolucionário rumão, por três figuras, duas das quais muitíssimo imponentes: Al. Const., nosso chefe, condenado à morte e desaparecido do mundo; Stefan Gheorghiu, nosso maior orador popular, morto tuberculoso; C. Manesco, bom organizador, hoje em dia decepcionado e vencido. Gravitando em torno deles, entre duas viagens ao Egito, eu representava uma espécie de quinta roda de uma carroça. Mas todos quatro importunávamos bastante a Christian Rakowsky, líder do partido social-democrata, que nos detestava afetuosamente.

Assim, a aparição do bolchevismo, depois de Zimmerwald

e Kienthal, me subjugou com a sua firmeza, sua precisão, sua coragem. A ele aderi prontamente, no dia seguinte à revolução de outubro, sem levar em conta que eu me achava então na Suíça e que tal gesto podia me custar caro. Lerão essa adesão pública em *La Feuille* (desaparecida), do valente Jean Debré, de Genebra. Foi o meu primeiro artigo escrito em língua francesa. E, se o quiserem, resposta a uma conferência que Birkhoff, de volta da Rússia, acabava de pronunciar em Genebra. Enviado sem esperança a *La Feuille*, apareceu na primeira página sob o título: *Tolstoísmo ou Bolchevismo?* e a assinatura: P. Iatr. Ele me é mais caro que tudo o que escrevi de então para cá, porque — aconteça o que acontecer com a III Internacional e com a edificação socialista dos comunistas russos — o bolchevismo que eu saudei ali, falava ao mundo operário pela boca de Lenine e este não perecerá, enquanto houver revolucionários enviados à morte pelo capitalismo criminoso e à Sibéria por comunistas execráveis.

Foi com essa revolta no coração e desembaraçado dos fantasmas wilsonianos, que na primavera de 1920 desembarquei em Paris. Cidade luz, centro da civilização ocidental.

Pobres ingênuos que somos! Eu ainda cria em todo aquele palavrorio. Quero dizer que ainda tinha fé no "poilu" (soldado) que saía das trincheiras, e numa suprema elite do pensamento francês de tradição revolucionária. Eu acabava de ler o magnífico *Feu* de Barbusse, e trazia em minha alma Romain Rolland. Assim, dissimulando o melhor possível o meu bolchevismo, por um instante acreditei nessas duas forças da França civilizadora:

— Ah! dizia eu para mim mesmo, a dolorosa experiência dos feridos de guerra, unida à coragem do escritor revolucionário, talvez consiga salvar o mundo sem fazê-lo suportar a terrível operação bolchevista!

E enganava-me horivelmente. O "poilu", — potente com sua paga de desmobilização, orgulhoso de sua cruz de guerra e glorioso de suas feridas — um dia quase que me magoa um olho, na praça de L'Etoile, por não haver eu tirado o chapéu diante de uma palhaçada guerreira. Era o caminho aberto ao fascismo nascente.

Quanto ao escritor francês de tradição revolucionária, é coisa um pouco mais longa.

Primeiramente, tive a desgraça de me tornar também um escritor. No princípio foi uma grande alegria. Ora essa! Paris pode fazer desses milagres: tirar um vagabundo da sargeta e abrir-lhe todos os caminhos do possível! Isso não é nada banal — mas esperai! Não sou único. Uma família imensa de vagabundos, dos quais não sou nem o melhor nem o pior, vale muito mais que eu, não pelo que ela escreve, mas pelo óleo que extrai do abismo sem conseguir se aquecer com ele. Ela é que escreve terríveis garatuñas que, se não somos de pedra, nos impedem de dormir ou de engolir nosso alimento.

"O! tu que estás alçado à luz, pensa em nós que ficamos nas trevas!"

Como então! Mas não há dúvida alguma nisso! Não só pensarei em vós, mas tudo o que é meu será vosso, salvo minha mulher! Enfim, e sobretudo, lutaremos em comum, agora que minha voz repercutirá no espaço e que tantos amigos se dizem amigos vossos.

Seria mal pensar assim? Porquanto, que é um homem que vence na vida? Um afortunado a mais, e eis tudo. Mas como seria belo e humano vencer menos na vida e contribuir com sua parte para fazer reinar mais justiça na terra! Como seria belo, civilizado!

Ora, foi nessa época em que meu coração tanto se rejubilava, que uma ocorrência, um drama obscuro, mas um daqueles que envergonham a humanidade, se deu não sei mais em que departamento da França. Ei-lo:

Ao voltar um sábado à tarde com seu ordenado em papel-moeda, um trabalhador agrícola o colocou em cima de uma mesa. Um filho seu de quatro anos apodera-se do magro pecúlio e atira-o no fogo. O pai toma de um machado e com dois golpes decepa as muletas do pequeno. A mãe, que banhava um bebê numa peça contígua, acorre atraída pelos gritos da criança, vê o horrível espetáculo e cai morta. O bebê se afoga na banheira. A polícia encontrou o pai, louco, a correr de noite pelos campos".

Tudo isso ocupa menos de vinte linhas na terceira página.

do Journal. Isso se passava há quatro ou cinco anos. Depois disso, nunca mais eu li as ocorrências, mas hoje mesmo, 4 de julho de 1929, meus olhos se dirigem de novo para a primeira página do Journal. Copio sem mudar uma palavra:

Enlouquecida pela miséria, uma infeliz mãe mata a machadadas seus três filhos e tenta suicidar-se decepando em si própria um pé e uma mão.

"Rennes, 3 de julho. — Acaba de se dar um drama horrível na comuna de Bréal, sous-Monfort. Na aldeiazinha de Launay-la-Porte, habitava uma humilde família composta do marido, o sr. Colombel, trabalhador agrícola, da mulher e de 4 filhos. O mais velho trabalha numa propriedade agrícola, ao passo que os três mais moços (uma menina de 6 anos e dois gêmeos de 3 anos) viviam com os pais.

"Reinava a miséria em casa. Ultimamente, compelida pela necessidade, a sra. Colombel cometera um furto, e uma condenação a 2 meses de prisão com sursis em que incorrera, afetara-a vivamente.

"Foi então que ela resolvera acabar de uma vez com uma existência penosa e arrastar consigo para a morte sua filhinha e seus dois gêmeos.

"Ontem à noite, achando-se estes deitados em seu leito onde acabavam de adormecer, ela tomou de um machado, inclinou-se para as três cabecinhas mergulhadas nos travesseiros e, brandindo por três vezes sua arma, abriu o crânio de seus três filhos. O sangue jorrou logo, sendo instantânea a morte.

"A sra. Colombel voltou-se então para si própria, tentando suicidar-se. Cortou um de seus pés, decepou completamente seu punho esquerdo, tentou degolar-se com a ajuda de uma faca cega, desmaiando afinal.

"Só esta manhã foi descoberta a horrível carnificina. A mãe criminosa jazia numa poça de sangue, ao pé do leito em que estavam estendidas suas três vitimazinhas. Foi encontrada no chão a mão que ela cortara de si mesma.

"A sra. Colombel foi transportada para o Hospital de Rennes, em estado desesperador" (Le Journal).

Certo leitor, que me dirá que estou "zombando", perguntar-me-á aonde quero chegar. A isto:

O sentimento do bem e do belo é infinitamente mais poderoso que o do mal e do feio. Ele constitui a base da vida. É a ele que devemos não mais vermos queimar um cavaleiro de La Barre "por não haver, no tempo de Voltaire, saúdo uma procissão", embora ainda nos quebrem a cara, às vezes, por não saudarmos um trapo suspenso a uma vaua — mas o crime é menor. E desse sentimento do bem e do belo os fartos da vida nem querem saber. São os pequeninos, os que vivem nas trevas que ele inspira. Para estes ele é o pão e o sal quotidianos.

O bem e o belo, se evocados numa assembléia da Liga das Nações, não chegariam a comover o coração de uma dactilógrafa, porém na porta Clignacourt, por sua causa se sublevariam dez mil almas. Assim como entre nós, nos sombrios Balcãs ou na imensa Rússia. Tiritando dentro de choupanas e nutrindo-se com um bocado de milho, algumas elites humanas bebem avidamente os pensamentos generosos.

Ora, dentre todas as nações pródigas de tais pensamentos, a França nos é a mais conhecida. Ela nos envenena a adolescência com seus dois últimos dois séculos de filosofia e de literatura. Cremos nela. Levamo-la a sério. Embalamo-nos. E vimos às vezes debaixo de um trem ou a pé pedir-lhe contas.

Cheguei a Paris, pela primeira vez, em 1913. Imediatamente Jonesco, o sapateiro, me tomou pela mão e me conduziu ao Louvre. Mostrou-me o mendigozinho que mata seus filhos. Demorei-me três meses, pois queria ver toda aquela história e aquela arte de Paris. Deixei-o ébrio de felicidade e quase mendigo, prometendo a mim mesmo voltar lá, aprender-lhe a língua, viver nesse país de generoso pensamento.

Cumpri minha promessa, porém a miragem se volatilizou.

Há dois anos, achando-me uma tarde em companhia de franceses ricos e letrados, um deles me perguntou abruptamente:

- Conhece Paris?
- Um pouco.
- O que?

— Os museus, os monumentos, os casebres.
Espantaram risos. Acharam graça.

— Viste...?

— Não.

— E... o Palácio de Vênus??

— Também não.

— E não gostarias de conhecê-lo?

— Gostaria.

Os carros tomaram o caminho da Rue de Provence. Eschada discreta. A nossa entrada, uma campainha deu alarime com grande barulho. Fazem-nos visitar a casa...

— Tudo obrigatoriamente francês, cavalheiros! insiste a dona da casa.

Que Deus proteja os povos! E que a França proteja suas filhas!

Seguimos... Uma peça de paredes cobertas de cortinas pretas, corrediças... luxuosamente forrado...

Afastam-se as cortinas: pinturas realistas, persa, árabe, chines, japonês, turco, de todas as cores, vermelho, verde, azul, amarelo...

Ei-nos afinal na piscina. Suntuosa. A dona da casa mostra-nos a bela decoração mural:

— Cavalheiros! Foi executada por um primeiro-prêmio de Roma!

Parabens pelo primeiro-prêmio de Roma!

Eu indago:

— Minha senhora, podeis dizer-me quanto custou a construção deste "Palácio de Venus"?

— Quatro milhões!

Muito bem, acabei de "zombar" para certo leitor, mas concluo:

Quando uma civilização constrói bordéis no valor de quatro milhões, ao passo que seus camponeses, com terror da miséria, assassinam seus filhos a machadadas, não tem tal civilização mais direito à existência, mesmo que seus escritores se convertam ao catolicismo e seus advogados se tornem bispos, após sete anos de penitência. Uma civilização assim, se lhe resta um pouco de pudor, deve enterrar suas bibliotecas, des-

montar e armazenar seus mais nobres monumentos, e em seguida fazer soar o sino da catedral por intermédio de seu magnífico bispo-advogado. Do contrário...

Do contrário, todos os meios são lícitos para destruí-la.

E agora, perdoem-me este parêntese.

Sim: não seria a primeira vez na história, que uma civilização soçobrasse na ignomínia e que a fizessem esvaziar o bico a porretadas. Hoje o porrete se ergue diante dela, terrivelmente ameaçador. Chama-se ele o bolchevismo.

Esse bolchevismo já mostrou o de que é capaz. Perfeito. Irrepreensível. Uma beleza de trabalho. Nenhum trabalhador, manual ou intelectual, poderia deixar de aplaudir-lo.

Quando vamos à paradisíaca Livadia, e vemos 270 miúdos tuberculosos encherem o palácio imperial em que Rasputine enroscava os dedos em mólho para que a czarina os lambesse, quando sabemos que essa czarina fazia esquecer como por descuido, nalgum desvio de estação ferroviária em suas imensas estepes, vagões abarrotados de soldados presos, os quais se transformavam aos poucos em mil esqueletos rodeados de moscas enormes, quando vemos e sabemos isso, apenas isso, não podemos, trabalhadores que somos, deixar de ser bolchevistas.

Eu o sou. E desejo muito, custe-me a vida, contribuir para destruir as civilizações czaristas — seus Rasputines, suas casernas, seus bordéis decorados por primeiros-prêmios de Roma, seus monumentos enganadores e suas bibliotecas hipócritas — muito desejo contribuir para destruí-los por todos os meios, mas esperem um pouco!

Pois eis aqui:

Após milhares de anos de miséria e de martírios, penso que minha classe... Mas, antes de tudo, sabem que classe? A da usina? A do campo? — Sim e não. Eu tenho visto, como todo o mundo, operários e camponeses mudarem de classe como de sapatos, pela capacidade ou por velhacaria, o que importa pouco, uma vez que para mim uma classe não é um operário, não é um camponês...

Desde que se trata de separar o mundo em classes, quer isso dizer, sem dúvida alguma, que separamos antes que di-

ferem entre si — mas que diferem em que? Em que uns exploram e outros são explorados? Em que uns comem e outros não comem? E se fôsse assim? Que fareis de vossas classes, quando uma tomar o lugar da outra, como se vê acontecer há milhares de anos, com classes inteiras, depois das revoluções, e todos os dias com alguns homens? Julgais, pergunto eu, que adianta alguma coisa a meus pintores de parede o fato de eu comer hoje até fartar-me enquanto eles continuam a morrer de fome? Julgais que adianta alguma coisa à milenar humanidade sofredora, se João Ninguém se esfalfa dentro da mina ou se dita suas ordens do alto de uma poltrona confortável?

— Certamente que não. Eis por que o admirável ensinamento socialista diz que as classes devem ser suprimidas, e com elas a exploração do homem pelo homem. Obra imensa, já mais realizada, e que cabe historicamente à classe operária.

Vá lá. Isso é tão nobre, que bendigo meus pais por terem sido indigentes e por me haverem posto indigente no mundo. Bendigo também a existência por causa dos 40 anos de miséria com que ela me cunhou. Pois desde o momento que somos nós, miseráveis, que o destino (ou a história) escolheu para confiar-nos uma missão que classe alguma, no triste passado, soubera levar a bom termo, que recompensa seria maior para nosso milenar sofrimento, que glória mais ofuscante, na eternidade das eternidades?

Após tantos séculos de abominação, penso pois que minha classe se vê inesperadamente atribuir um papel em que a virtude, a justiça, a dignidade, a honestidade, a fraternidade o desinteresse, a abnegação se acham no primeiro plano. E' necessário tudo isso. E' necessário, sob pena de nos vermos para sempre cobertos de ignomínia, por termos feito passar o mundo pela espada e pelo fogo, sem no mesmo alterar coisa alguma. E' necessário ainda, porque nós nos dizemos, como que de justiça, os herdeiros de um martirologio que conta vítimas demais para que possamos olvidar a massa de sofrimento, em nome da qual nos erigimos em justiceiros implacáveis e para que nos permitamos combater as iniquidades mesmas que acabamos de denunciar à face do universo.

A nós, bolchevistas, a leviandade, o gozo, o conforto, a

injustiça, os abusos, os favores, tudo o que temos tachado de crime e punido de morte, não nos é mais permitido. E quando um dos nossos — pelo menos de nossa geração — o permitisse a si mesmo, deveríamos pregá-lo imediatamente ao pelourinho e pendurar-lhe do pescoço um cartaz assim concebido:

"Para, transeunte, e deplora este homem, que havíamos tomado por um camarada! Pois no momento em que, as mãos tintas de sangue, queríamos dar ao mundo o exemplo do que deve ser a Vida Nova, ele cometeu o crime, na qualidade de juiz, de mandar um inocente para a Sibéria para poder apropriar-se de sua ração de manutenção" (1).

Eis de que estoicismo devemos dar prova, se quisermos dar uma razão a nossos crimes e conservar alguma probabilidade de corrigir as injustiças.

Mas isso não é possível a toda uma classe. Por que? Simplesmente porque ela alimenta as mesmas invejas e os mesmos apetites que a outra classe. Se ela é a esmagada e não a esmagadora, não é a nenhuma pureza de alma que o deve, porém à sua impossibilidade de apoderar-se da máquina que esmaga. Acusar-me-ão de traição por haver afirmado isso? E' certo que nossas mãos são santas, mas só porque não puderam fazer de nós uns marechais. Isso é tão verdadeiro, que não conheço absolutamente "revolucionário", ditador ou simplesmente abastado, que não haja feito de seu filho um "intelectual".

Dito de outra maneira, eu creio que nós todos somos quase os mesmos. Donde vem então que os espaços vibram de impulso generoso, muito mais do que por causa de tolices pelo sem-fio?

E' porque não somos os mesmos senão mais ou menos. Primeiramente. E depois porque a maioria da humanidade é feita de sequiosos de justiça. Assim, sedentos de justiça e gente que tem o direito de se dizer melhor, enchem os ares de clamores que transtornam os espíritos, criam correntes revolucionárias e conseguem frequentemente fazer recuar a hidra militarista e imperialista. Uns e outros parecem marchar

(1) Não há exagero aqui: na Rússia mataram criaturas humanas para poderem roubar suas botas.

de mãos dadas e ganhar terreno sobre o inimigo atual da humanidade: o capitalismo.

Infelizmente, entre esses homens melhores que representam a boa-fé e o progresso, e a massa que reivindica seu direito ao sol, o acôrdo é apenas aparente. Os primeiros manifestam escrúpulos e não querem agir senão no limite do possível, ao passo que a massa sufocadora não quer saber de escrúpulos e de limites; ela reclama a qualquer preço o que lhe é devido e mostra-se disposta a agir por todos os meios.

Eu tenho a infelicidade de ser o bastardo que une a consciência do homem de boa-fé à sede de justiça dessa massa a que pertence e cujo martírio é por demais conhecido. É uma posição que me indis põe com todo o mundo, mas sobretudo com uma espécie humana que, consciente ou inconscientemente, engana a todo o mundo, alarga o fôssco que separa homens fáceis de se aproximar e se diz capaz de realizar, ela sózinha, todas as aspirações da classe operária, que ela reivindica e gostaria de monopolizar.

Essa espécie humana é personificada por certo militante revolucionário muito comum, porém difícil de identificar num grande movimento de massas, porque ocupa todos os degraus que vão do apóstolo ao canalha. É ele que se vangloria de estoicismo e pretende ser superior à massa e mais decidido que o homem de boa-fé. Torna-se, ou melhor, é o agitador providencial. Numa época em que as consciências que têm escrúpulos, se isolam voluntariamente da multidão que reclama justiça por qualquer preço, aquele militante atende a uma necessidade social, como um coveiro em tempo de peste. Ele não se faz de rogado. Não tem concorrentes. Ninguém se lhe pode opor. Além dele é temível. Pois onde a grande figura revolucionária teme falhar, ele não teme coisa alguma. Tudo é feito para ele vencer, mesmo a confusão, da qual tira prontamente vantagens para seu proveito pessoal.

Conheço essa espécie e a espreito há 25 anos. Hoje em dia seus traços me são familiares. Mas pretendo ainda passar por cima de muita coisa e não me referir aqui senão a indivíduos cuja ação detestável é realmente inconsciente. São eles de duas espécies: os moderados e os fanáticos, mas

igualmente nefastos. Os primeiros levaram a cabo o caso da social-democracia. Os segundos levaram a melhor no comunismo.

A social-democracia de antes da guerra não existe mais e seu militante passou com ela. Os que ainda se podem encontrar, com exceção de alguns bons sujeitos, não passam de um deixado por conta da família, que já se acha sentada à mesa. Se eles se pavoneiam, é apenas na esperança de ver um dia a mesa crescer e multiplicar suas cadeiras.

Não era assim outrora, quando a mesa não existia. Alguns lugares para escribas e importunos, penosamente apertados. Era preciso ser muito prudente se se quisesse fazer notar, fosse em sua casa ou na casa defronte, e, de um ou outro modo realizar o anelo de todo o bom social-democrata: entrar no divino parlamento, aquele Eden da pátria reconhecida, para cuja salvação deveria morrer logo o quotista disciplinado.

Os sindicalistas, bolchevistas em embrião que éramos então (abaixo o parlamento, ação direta)! desagradava muitíssimo aquela "elite" primeira série, que dava ordens em nome da classe operária, açambarcava a tribuna e a imprensa, excomungava-nos e mortificava-nos, trazendo nas mãos o evangelho pseudo-marxista. O militante ortodoxo, insolente falador e doutor em marxismo, desempenhava então exatamente o mesmo papel tirânico que o de seu comparsa comunista de hoje. Só ele representava a "consciência revolucionária", as "aspirações", a "ideologia" do proletariado. Nós não passávamos de "traidores" — ou quase.

As massas ouviram e seguiram esse militante, até à grande carnificina, que fez a desgraça daquelas e a ventura deste. Mas isso já não passa de história.

Passemos a atualidade.

Ela é muito mais trágica.

Mais do que nunca, a "consciência de classe" daqueles que têm a gamela na mão. Porque hoje em dia o proletariado tem uma gamela imensa, cujo escasso feijão excita fortes apetites. E eis em que me separo do militante "revolucionário" e porque estou pronto a combatê-lo.

Ainda uma vez: não nego sempre a sua sinceridade. Daqui a pouco, quando entrarmos na Rússia, verão até onde eu me entregarei a ele, que confiança e que fé eu pusera nele. Mas a história se repete, precipita-se e vai direta ao irremediável. E' o que é preciso impedir, pelos meios mais leais.

Sim: não nos pode interessar senão uma luta leal, embora a partida não seja igual, pois uns têm as mãos vazias e os outros a Sibéria. Entretanto, não podemos proceder de outro modo. A despeito de tudo, a U.R.S.S. deve permanecer, para o proletariado mundial, o que ela é na realidade: a fortaleza inexpugnável contra a qual o capitalismo deverá se esmagar um dia. Seria criminoso e digno de força o operário que tocasse nela com armas na mão. O esboramento dessa muralha entregaria o mundo sofrendor à mais negra reação.

Mas, afirmado isso, categoricamente, uma vez por todas, tenho o direito de voltar-me para a turba burocrática e de exclamar: ralé!

Ralé que — ontem moderada, hoje fanática, ontem patinhando no "marxismo", hoje no "leninismo" — nos mostras a mesma cara estúpida, te revelas tão intratável, mergulhas tão profundamente tuas garras no cangote das massas amordaçadas e sabotas assim a mais bela obra de justiça social.

Mais ainda — horror que jamais conheceram os anais das lutas socialistas — hoje em dia assassinas. Por meio da fome, da cadeia e às vezes até do porrete, assassinas o operário (o operário!) que se recusa a mostrar-se contente, em face de teu tirânico poder.

Posso então te poupar, ignóbil ralé! Posso esquecer que vim a ti da maneira mais desinteressada e que por pouco não me metes em teu bolso? Posso — para te agradar e sob o pretexto de não "dar armas à burguesia" — desprezar as massas que tu espinhas, o seu futuro que tu apunhalas e seus melhores combatentes que tu exilas, prendes e esfomeias, em nome de uma clástica doutrina que somente tu pretendes conhecer? Posso também aquiescer sem reservas à extensão ao mundo de teus métodos de convicção da classe operária? Devo escrever que somente tu tens razão? Que somente tu

tens o direito de falar? Que somente tu sabes edificar o socialismo?

Mas como se trata da U.R.S.S., seria necessário saber ainda se se deve distinguir o militante-ralé do burocrata, ou confundir os no mesmo tipo maléfico. Pois eis o que se passa: na Rússia, não penetrais numa instituição, num bonde, num lugar qualquer, sem topar este cartaz e este convite: **Camaradas! Participai da luta contra a burocracia!**

Isso impressiona. E' comovente. E conclui logo que deve haver ali um mecanismo dirigente que luta contra um mecanismo burocrático. Ora, nós sabemos que esse mecanismo dirigente não é outro senão o Partido Comunista, ao passo que os burocratas sem dívida alguma são indivíduos pescados aqui e ali e colocados a serviço do Estado Proletário. Estes últimos são pois gente sem fé, sem ideal, sem convicções, já que nos dizem que é preciso combater sua tendência em criar para si situações pessoais, em detrimento da coletividade, e sua sabotagem de cancos roedores.

Eis um cartaz perfeitamente indicado para embair um homem como eu. E se eu tivesse deixado a Rússia ao fim de seis semanas, como todos os delegados ao décimo aniversário, teria escrito artigos ditirâmbicos a tal respeito. Isso iria com a minha natureza. Bem sei o que é um homem de fé. Sei ainda que a terra não está cheia deles. Mas o Partido Comunista deve contá-los por legiões, uma vez que é ele, inteirinho, que nos convida a lutar contra esse mal social: a burocracia.

Pois bem, não é isso não! Esse convite não passa de um artifício de militante-ralé, que é ele próprio um burocrata. São as duas faces do mesmo homem ignóbil, que forja com uma das mãos "palavras de ordem" e com a outra vota "na linha", isto é, pela manutenção do que existe e está bem, já que ele ocupa um bom lugar.

Conheci comunistas sinceros, que tomaram a sério esse dever de "participar da luta contra a burocracia" e que pretenderam ir até o fim de seu dever, cortar o mal pela raiz. Só conseguiram perder seu ganha-pão. E é uma tristeza

ouvi-los. Suas desventuras são dignas de figurar num grande romance de costumes soviéticos.

* * *

!... importa. A despeito da verdade impiedosa, que responde às tapeações oficiais com revelações pungentes, o militante-burocrata, que lá é chamado "militante responsável", prossegue reto em seu caminho, cabeça erguida. É dono da tribuna e da imprensa. Só ele pode falar. Só ele pode escrever. Ele se forja uma maioria e um presidium, como forja para si um comitê de redação e uma censura. Assim, ninguém pode contradizê-lo.

Todavia, consciente do descontentamento que crepita sob a cinza e a que é necessário criar válvulas de escape, ele monopoliza do mesmo modo a contradição e se forja contraditores. Eis por que nasceram e cresceram esses dois tumores da imprensa soviética: *samo-kritika* (auto-crítica) e *control-mass* (contrôle das massas).

Ignóbil farça! Se ela fosse ao menos ignóbil apenas, mas é hábilmente enganadora e às vezes sangrenta. Porquanto, de um lado, soube impressionar desmascarando abusos e lançando abcessos, porém, por outro lado, condenou à morte pobres correspondentes operários, que acreditaram na eficácia daquela "obra de saneamento" a ponto de serem seus missionários, declararam guerra sem tréguas aos grandes e pequenos funcionários suspeitos e nisso se fizeram matar como moscas. É verdade que com isso os assassinos eram executados — o que constituía grande satisfação para as vítimas e maior ainda para a obra saneadora.

Surgiram então os *rabcors* (correspondentes operários) fabricados em série, os quais, compreendendo que o mal não está nos pés mas na cabeça, onde é proibido tocar, arranjaram para si uma profissão lucrativa a farejar o bode expiatório, escolhido para ser atirado como pasto, e a denunciá-lo por dever de ofício. Suas inúteis tiradas, que faziam os iniciados sorrirem, expunham-se em todos os jornais, porém por semana lhes consagrava uma página inteira sob o título

muito mais pomposamente no oficial *Pravda*, que uma vez arrogante de *control-mass*. Havia ali "contrôle" das "massas" como mosquitos no polo norte e vontade de desarmamento na Liga das Nações.

Em minhas incessantes viagens de um extremo ao outro da U. R. S. S., encontrei frequentemente *rabcors*. Entre eles, encontrei ainda alguns raros indivíduos que me falaram com ardor, mas a quem tornam a vida áspera porque cometem tolice sobre tolice. Outros, difíceis de descobrir, são uns pobres tipos que não ousam afrontar nosso olhar. O resto não passa de uma canalha a formigar a nossos pés. De um destes últimos eu soube uma história bem interessante, por ocasião de minha chegada a Sukhum, no Cáucaso, em novembro de 1928.

Candidato à celebridade e sabendo com que prestera a alcançaram colegas seus que padeceram o martírio da profissão, o *rabcors* subornou um ébrio e lhe mostrou como lhe podia praticar um leve ferimento nas costas com um punhal. Isso se passou numa noite escura e sem testemunhas, mas o golpe falhou, ou melhor, foi além do esperado. No dia seguinte acharam o *rabcors* meio morto numa poça de sangue. A Guepeú se comeveu, procurou o *kulak* criminoso ou o vingativo diretor da empresa; mas foi o vagabundo que lhe caiu nas mãos, o que o aborreceu bastante, pois o "camarada" denunciou o trato.

— Mas quase o mataste!

— Eu me enganei. Estava bêbedo.

Abafaram o processo.

Isso não passa de um caso infimo no meio da enorme quantidade de dramas quotidianos, horríveis de outra maneira, mas como é edificante! Onde é que já se ouviu falar em tal carreira a ser feita por tais meios? Um Albert Londres, que não passa de um burguês, estremeceria de vergonha por causa disso. E não se acharia um só jornalista em qualquer outro país que pensasse nisso. Achou-se no entanto um comunista, no país que aspira ao máximo de moralidade cívica. Mas o homem só é culpado em parte. A maior parte da vergonha

recai sobre o regime que cria as condições em que podem surgir e desenvolver-se semelhantes carreiras.

Aqui, atingimos a raiz do mal.

* * *

A U.R.S.S. é o país menos burguês do mundo, porém que mais aspira à burguesia, a exemplo de todas as nações que saem lentamente da vida patriarcal, como os nossos Bálcãs. Eis porque penso ter sido uma desgraça o fato de a mais grandiosa tentativa de edificação do socialismo ser feita justamente na Rússia.

O russo e também o ucraniano, o georgiano, o tártaro, o armênio, que não se atrapalham com doutrinas, são homens generosos, cheios de ternura, ricos de amor e de melancolia. Amam perdidamente sua língua, sua terra, seus céus. (Todos os cânticos populares e todas as literaturas desses países são testemunho disso). E eles próprios o testemunham a ponto de fazer explodir sua raposódia em pleno banquete comunista, ao lado da Internacional.

Como então, por arte de que diabos, fazer saírem esses povos de suas isbás, e mergulhá-los, da noite para o dia, dentro de arranha-céus americanos, em cima dos quais não canta rouxinol e onde o homem é um irracional mecânico e a existência não passa de um modo de matar a vida?

Digamos que tem havido dois milhões de comunistas empanturrados de doutrinas, vazios de coração e de massa encefálica, autômatos do fordismo e de americanização, para os quais os sentimentos não passam de uma enfermidade burguesa e o amor de união ocasional de dois corpos: restam ainda cento e cinquenta milhões, toda uma humanidade, que vive e quer viver cultivando sempre melhor aquilo que temos de mais eterno em nós, de mais comovente também.

Deve-se impedi-la de viver?

— Ao contrário! — dirão — lembrando-me a Constituição soviética. Aqueles povos dispõem agora de si próprios!

Eu respondo: sim, dispõem de si mesmos, à maneira daquelas raparigas medievais, que tinham a liberdade de tossir

à vontade, mas que eram trancadas num convento se não queriam casar com o homem escolhido por seus pais.

* * *

Uma noite eu tive uma longa palestra com uma camponesa (bessárbie ou grega, não quero precisar demais, porque poderia fazer que a mandassem para a Sibéria). Essa mulher me transmitiu a mais pungente versão do modo pelo qual a mãe soviética pode dispor de seus filhos, o que perdura durante toda a sua vida:

— Nós não somos comunistas — dizia-me ela — porque não sabemos exatamente o que é que isso significa. Em nossa aldeia os comunistas são uns intrigantes. A "política", e eis tudo. Desgraçado de quem não pensa como eles.

"Mas nós fomos bolchevistas desde o princípio. Meu marido se bateu na guerra civil, fez parte do primeiro soviét e morreu em consequência de seus ferimentos. Quanto a mim, não passo de uma pobre mãe que quer criar seus filhos — o menino e a menina que ali estão — o mais honestamente possível. Ninguém aqui é adversário do regime nem praticante. Ninguém nos pode querer mal por isto. E no entanto privam-nos de qualquer possibilidade de ganhar nossa vida. Por que? Porque digo a meus filhos que não devem inscrever-se na Juventude Comunista, e eles concordam comigo. Pois esses Comsomols passam cantando e cospem nas vidraças da casa paterna, insultam os velhos e intrigam entre si, mais do que os adultos. Isso é que é ser comunista?"

* * *

Saiba o leitor que testemunhos como este que acabo de referir, assim como outros que eu poderia trazer, a favor ou contra o regime, não intervirão neste livro senão muito raramente, por simples acaso, e nada significarão, a não ser que pretendi me exprimir de um modo de preferência a outro qualquer. Contrariamente a meus predecessores simpáticos aos soviets, não trago uma coleção de testemunhos *pro e contra*, copiosamente recheados de imparcialidade. O testemu-

nho, sou eu. A imparcialidade, ignora-a. E não pratico a simpatia ou a antipatia, porém o amor e o ódio.

O que refiro aqui, são convicções que me custam caro e que um dia me poderiam custar a vida. (Seria justiça: não adorcei, em minha vida, senão o que me custou muito caro). Hoje em dia, quando a vida me asseta golpes capazes de derribar um hipopótamo humano, mais do que nunca me agarro a meu amor e a meu ódio. Dai as minhas convicções, filhas de minha fé nos homens, que eu amo, que odeio e que tanto gostaria de servir.

Lembrem-se que, ao chegar à Rússia, andei dando umas palmadas na canalha egoísta e prudente deste ignóbil Ocidente. Indo seis meses depois pedir ao Embaixador de França que visasse meu passaporte, primeiramente ele me colocou aquelas palmadas sob o nariz e depois, muito dignamente, sem exigir de mim coisa alguma, permitiu meu regresso. E sempre a mesma linguagem que mantenho para com aquela canalha, que não sacrificaria um cabelo da cabeça para salvar uma humanidade louca, mas... Mas agora sou um vencido. Aqueles que eu julgava, duro como pedra, poderem apoiar-me, são também canalhas, uma espécie de canalha que sacrificaria tudo pela salvação de sua cara doutrina, esmagando inocentes.

Como poderia eu então medir os termos, consultar meu incompreensível caderno de notas e contentar a Deus e ao Diabo? Só sei de uma coisa: sei que uma esmagadora maioria de homens de minha classe alcançou o poder; que ao chegar ao mesmo, começou logo a empanturrar-se e que, com a boca cheia, afasta de sua mesa e deixa morrer de fome a todos os irmãozinhos que não são de seu aviso. Quando se dá isso — e veremos até que ponto — que desejais que me façam os testemunhos, os documentos, a imparcialidade, a simpatia e toda essa barafunda?

Que quereis que me importe até mesmo o fato de, sobre o assunto, escrever ou não escrever um livro? Uma página, uma linha, um forte grito solto a todos os ventos, seria suficiente. Porque a dor, como a alegria, surge espontânea da terra, para viver na eternidade.

Quando eu tinha meus dezoito anos, passava minhas noites sórinho, em companhia de um amigo ou de dez — a procurar o sublime nos livros e no coração dos homens. Ainda me encontro assim, com a diferença que naquela ocasião os livros eram escritos por um Balzac e os de Mme. de Staël ainda eram sagrados, ao passo que hoje em dia os Balzac desprezam o sublime na literatura e as Mmes. de Staël anunciam o aparecimento de seus livros mais ou menos assim:

"O' homem! Se tu soubesses... Tu és irresistível."

Mas, minha senhora: somos mesmo irresistíveis, sabemos-lo perfeitamente. E depois? Depois, somos todos do mesmo sacerdócio, não é?

Ignóbil Ocidente, meu pobre Massis, fôsse ele católico desde a cúpula de suas academias até ao Palácio da Rue de Provence!

* * *

Sim, o mundo perece por todos os lados, por cima e por baixo. Entretanto, se ele tem razão de morrer por cima, onde já deu tudo o que podia dar, protesto em face dos céus contra a imoralidade de baixo, que chega antes da hora! Não protesto contra as massas. Estas, as miseráveis, têm sempre tido fome e nunca pensaram no sublime senão através de sua barriga. São dignos de absolvição. Mas como absolver os que saem de seu seio, se proclamam sua elite, se impõem salários limitados pela galeria, mas, no silêncio, açambarcam, sufocam, esmagam, furtam, violam, matam?

Não está aí, para todo o sempre, a falência moral de uma Revolução?

E'-me absolutamente impossível fazer o balanço dessa imoralidade. Ele encheria volumes e compreenderia toda a hierarquia, do cume à base, na U. R. S. S. e na Internacional, alguns por estarem envolvidos na imoralidade, outros por terem visto fazer e nada haverem dito, todos por tudo sabermos e tudo ocultarem aos olhos do mundo, que pelo menos tem direito à esperança.

Dentre estes últimos, culpados de cumplicidade, o mais culpado porque é o mais alto colocado na estima mundial, é Máximo Gorki.

Máximo Gorki saiu mais de baixo que muitos e tinha o dever de ficar o mais perto possível desse baixo. Não o fez. Eis a prova:

Na Rússia (e pode-se dizer a mesma coisa do resto do mundo) não se precisa absolutamente de conhecer a língua do país, se se quer saber o que se passa. Não se precisa nem mesmo de conhecer, como eu, dois dialetos falados por dois povos que têm suas Repúblicas: o moldávio e o grego. E posso dizer que a Verdade é acessível até a um surdo-mudo, quando procurada.

O que é muito difícil de obter na Rússia, quando se é estrangeiro e semi-oficial, como eu o fui, é a confiança do povo. Mas uma vez de posse dessa maravilhosa chave, todas as portas da Verdade se abrem diante de nós como por encanto. Então, em russo, em turco, em chinês ou por meio de sinais, mesmo os oficiais nos dizem o que há, sem esperar que aprendamos sua língua, pois nesse caso seria necessário aprender duzentas delas.

Ora, Gorki não precisava de aprender coisa alguma, porque sabia tudo. E toda a humanidade que lê sabe que ele sabia pois ele próprio o disse, e de maneira a arrepiar os cabelos. Mas naquela época os oficiais tinham o direito de cometer faltas. Depois, não as cometeram mais. Instalaram conscientemente a injustiça em sua terra. Corromperam vastas camadas sociais e mais particularmente os miseráveis, afim de conseguirem maiorias e para governarem. Sua corrupção é das mais desumanas: se quereis comer, mesmo magalhas, deveis estar na "linha"; deveis também denunciar o camarada irmão que se recusa a isso.

Foi assim que a Rússia chegou a essa ignominia que o mundo jamais conheceu: atirar a metade da mesma classe contra a outra metade, comprometer a que come e late, desmoralizar a que jejua e cerra os dentes. Mais ainda, ela matou o futuro, pois os quadros dos Comsomols, os quadros da juventude estão inteiramente podres.

Quando julgaram todo o Comité das Juventudes de Lenigrado — convencido de fraude, de delapidação, de estu-

pro, de orgia e até de crime de direito comum — um juiz inquiriu de uma testemunha:

— Como é que procedeis para só recrutardes semelhante escória social?

— Dos aderentes exigia-se apenas que estivessem na "linha", foi a resposta.

Com tais aderentes é que se compuseram as maiorias "disciplinadas": as que andam pra frente. Foi com sua ajuda e em nome do proletariado, que condenaram à fome e encheram as prisões da Sibéria de trabalhadores denominados "traidores" e que são apenas revolucionários, nessa União Soviética que, hoje em dia, recebe no seio de seu parlamento supremo, o Tsik, Máximo Gorki.

Depois de minha partida da Rússia e até a publicação destas linhas, serão passados nove meses. Ter-me-ia sido fácil publicar este livro: seis semanas após meu regresso a Paris. Não o fiz. Conservava algumas esperanças, mormente a de ouvir troar a grande voz de Máximo Gorki.

Em Moscou, em sua casa, durante as três horas passadas em sua intimidade, ele não quis falar. Sua fisionomia sincera, dominada por dois olhos que podem ser tudo o que querem, permaneceu firme. E patinamos na banalidade. Mas o que Gorki não devia a mim, ele o deve ao mundo que o estima. Deve-o sobretudo aos que se fazem esmagar por todas as maiorias: a seus vagabundos que são sempre uns vencidos — senão à classe operária, que fornece e mantém seus próprios tiranos.

Porque virá o dia em que os vencidos terão voz no capítulo, acima de todas as classes; e, em tal dia, vozes terríveis interrogarão Máximo Gorki, que não mais poderá responder, para desgraça de sua memória.

Eis aí minha confissão.

16 MESES NA U. R. S. S .

SÓBRE A VIAGEM

Não devem esperar que eu narre pormenorizadamente e de modo pitoresco, como sem dúvida valeria a pena, tudo o que percorri, vi, senti e pensei, entre 15 de outubro de 1927, data de minha partida de Paris, e 15 de fevereiro de 1929, data de minha volta. Isso não é possível por vários motivos, dos quais o mais forte é que já não tenho coragem de fazê-lo. Eu fui até lá com idéias e entusiasmos que sosobraram no caminho.

Ademais, tivesse eu ainda vontade disso, um temor reterme-ia: com efeito, eu seria obrigado a citar nomes, fatos, dramas íntimos e várias localidades e entregaria assim a uma perseguição impiedosa milhares de inocentes. E mesmo que se tratasse de verdadeiros culpados, eu não gostaria de os denunciar, porque não é aos pequenos roedores que detesto, mas aos grandes e sobretudo a seus métodos de "revolucionar" o mundo.

Afinal, sou ainda retido pelo espaço que essas denúncias ocupariam, o que me impediria de fazer obra mais útil, como o tento nestes três volumes.

Pensem nessa viagem, de mais de vinte mil quilômetros — em estrada de ferro, em navio, em automóvel, a cavalo e em carroça — que começou em Alexandrovsk (pequena localidade de pescadores lapões situada à entrada do Oceano Glacial Ártico no golfo de Kola, acima de Murmansk) e que me levou aos pés da Acrópole. Entre essas duas extremidades eu andei duas vezes de Moscou ao Cáucaso, três vezes pela Ucrânia, quatro vezes de Moscou a Leningrado, e depois pela República da Moldávia, pela Criméia, pelo Volga.

Ser-me-ia necessário encher quatro volumes de dimensões médias: 1.º — Moscou-Leningrado, Carélia, Norte da Rússia; 2.º — Ucrânia, Moldávia, Crimeia; 3.º — Volga, suas cidades, seu delta, o mar Cáspio; e 4.º — a Transcaucásia.

Em todos estes volumes, para eu alcançar o fim, preciso absolutamente não fazer "literatura". Os acontecimentos, os homens, suas narrativas, suas tragédias e um pouco de mim, são suficientes, porquanto por toda a parte eu vivi. Não deslizei como turista. Fosse um mês, uma semana, um dia ou nada mais de uma hora, eu vivi, quer dizer: entregui-me aos homens; e quase sempre eles se entregaram a mim tais como eram, bons ou maus, heróis ou canalhas. Comemos, bebemos, cantamos, dançamos e às vezes dormimos juntos. Quase sempre nos inebriamos com essa comunhão. Ao mais ignóbil dentre eles raramente recusei meu tempo, minha intimidade, meu ardor, porque o mais ignóbil encerra às vezes um grão de sublime e, por conseguinte, merece que lhe dispensemos boa vontade.

Vi recantos em que homens que viviam juntos havia muito, sem que um conhecesse o coração do outro, exclamavam inesperadamente em meio à alegria geral:

— Nunca nos amamos tanto quanto depois que estais entre nós! Voltai! Ficai!

E eis-los a se atirarem uns aos braços dos outros. Nem sempre se inebriando. Estava-se êbrio de vida, de sofrimento, de esperança.

Oh, vós, vós todos que arrancastes de mim a promessa ou a quem a fiz, espontaneamente, de voltar e de construir uma isba entre vós: talvez eu nunca mais vos veja!

Tudo não passa de ilusão. Mas não consiste nisso toda a vida?

UMA PERGUNTA

Admitindo-se que denominassem imprópriamente a minha *Reviravolta*, ou, como já escreveram em Moscou na *Litteraturnaia Gazeta*: "*Panait Istrati duas-caras*" (1) — poderiam,

agora que penetramos na Rússia, fazer-me a seguinte pergunta:

— Será que você não se achava mesmo a par de tais processos, antes de ir à Rússia ou logo depois disso? Pois v. era conhecido antes como bolchevizante.

Eu respondo:

Bolchevizante — quer dizer: pela tomada do poder pela classe operária e pela destruição do capitalismo — eu sempre o fui e serei, dentro das condições que se verão quando houverem lido este livro. São todas elas elogiosas a um bolchevismo à Lenine, à Trotsky, à Djerzinski e todos os heróis da Revolução de Outubro que não se tornaram os próprios assassinos de sua obra.

Acrescentarei que não há nem reviravolta, nem "duas-caras", pela simples razão de que — após ter vivido 16 meses na U. R. S. S., ocasião em que eu poderia escrever e publicar facilmente pelo menos 16 artigos bolchevizantes, senão cinquenta, e pingüemente pagos — não me poderão mostrar três que sejam tais, nem uma entrevista, nem um discurso que tenham sido vistos ou corrigidos por mim. Tal reserva é desconhecida dos Amigos da U. R. S. S., dos quais eu sou, em França, um dos dois vice-presidentes de honra.

"Duas-caras"... Pobre ralé. Caras, eu tenho trinta e seis mil, mas não para a *Litteraturnaia Gazeta*.

Quanto à questão em si: Achava-me eu a par? Respondo: não. Não há um décimo do proletariado comunista internacional que saiba justamente o que se passa na Rússia, do contrário o Partido inteirinho desertaria e outro partido bolchevista se formaria, sobre bases novas, honestas, e que não atribuiriam mais aos chefes um poder ilimitado.

Como pretender que o soubesse o operário da usina — pobre quotista disciplinado e cabeça cheia de leitura não digerida — quando este seu servidor, que desfrutava da amizade de um Rakowsky e lê quase tudo, por um lado não sabia de nada e por outro não queria saber de coisa alguma.

(1) Após minhas entrevistas de fevereiro e março de 1929: *Nouvelles Littéraires* e a *Monde*.

Nós ambos tínhamos razão, tanto eu como o operário da usina: a Revolução está colocada tão alto nos céus, que não é com esses ovos podres da oposição que se consegue fazê-la descer entre os homens e provar que ela não é hoje em dia senão um mito, mas um mito que possui as virtudes da Fênix. E quanto às informações fornecidas por intermédio de inimigos do proletariado, assim como por livros de escritores burgueses honestos, os primeiros não entram em linha de conta e nenhum de nós pode aceitar as suas sujeiras, e os segundos não sabem como vão as coisas e fazem poesia ou então, deixando de lado o essencial, se desatinam.

* * *

Somente a Oposição e seu chefe Trotsky estariam em condições de esclarecer a opinião das massas, mas até hoje ainda não dispõem de meios à altura do desastre. Além disso, os membros da oposição se entendem mal, muito mal, formam capelinhas de que mal chega até nós o rumor. Finalmente, inúmeros membros da oposição são tão nulos e comprometidos quanto os do partido oficial. Trotsky — o bolchevista de consciência inalterada, de crédito intacto, o mais capaz de todos e o mais dotado — deverá prestar muita atenção aos enfermeiros de que, um dia, se vai envolver, quando for preciso pensar as chagas de uma Revolução que não passa de chagas. Aprecio o destino desse homem e tenho confiança nele. Não é possível que ele não saiba aproveitar-se da horrível experiência que tem sob os olhos e que conhece melhor que ninguém.

Também de sua Oposição, eu não sabia coisa alguma e nada queria saber, antes de ir à Rússia. Eu pensava: "Ora essa! onde há plântano, há rãs; tudo não deve passar de uma questão de poder, simples cisão produzida pela morte de Lenine". Pensei isso ainda durante meses, na Rússia, verão como.

Quanto ao próprio Trotsky, eu via perfeitamente que havia anos uma nuvem de silêncio cada vez mais opaca o envolvia, mas como poderia eu desconfiar que lhe preparavam

o caminho de Alma-Ata, o de Estambul e o epíteto de "contra-revolucionário"?

Pessoalmente, pode-se dizer que não nos conhecemos; e até o momento — quando digo dele o bem que penso, da maneira mais desinteressada — ainda não lhe escrevi uma só carta, nem daqui, nem enquanto me achava às margens do Cáspio, a uns dois mil quilômetros de sua Bastilha.

Mas nos apertamos as mãos uma vez, e ele ficará espantado ao sabê-lo. Foi, se me não engano, em 1911 ou 1912, em Bucareste. Nina Arbore — irmã da doutora Ecaterina Arbore, que eu devia encontrar mais tarde Comissária do Povo para a Saúde Pública da Moldávia soviética — veio um dia me perguntar a queima-roupa:

— Queres ver uma grande ave migratória?

— Quem é?

— Um exilado notável: Léon Trotsky, antigo presidente do soviet resultante da Revolução de 1905 e o mais brilhante orador e publicista da Rússia revolucionária de nossos dias.

— Se quero vê-lo! Vamos depressa.

Ela me levou ao Hotel High-Life, na praça Episcopie. Num quarto exíguo, Léon Davydovitch, com sua cabeça clássica, seus olhos ferozes e vestido de blusa preta, permanecia de pé junto ao leito. Não conhecendo nenhuma língua europeia, não fiz mais do que olhá-lo como um burro para um palácio. Todavia, perguntei por que razão ele trazia uma blusa preta:

— Porque sou pessimista, respondeu ele gracejando.

A PARTIDA

CHRISTIAN RAKOWSKY

SIEBEJE

Já falei aliás dessa partida precipitada e do embaixador decaído, em cuja companhia fui até Moscou. Mas agora estou em casa, posso me completar, acrescentar pormenores, o que não poderia fazer em nenhum Monde do mundo, que nos chama de braços abertos, para nos fechar a porta no nariz, desde que pretendemos permanecer um homem.

Ah, a liberdade, a liberdade! Daria todo o meu sangue por ela.

De Rakowsky, a pedido da revista Ogoniok, de Moscou, eu escrevi em 1927 um "perfil" que acharam excelente, o qual por pouco não apareceu mas acabou não aparecendo mesmo, numa hora em que Rakowsky ainda era embaixador, porém em que sua desgraça já estava decidida havia muito. Ora, meu artigo não continha absolutamente qualquer tom de polémica, pois então eu me achava muito longe de pensar o menor mal dos membros dirigentes do partido oficial. Que dizeis dessa beleza? Diriço-me ao operário, a quem pergunto se tal tirania lhe agrada.

Quanto a mim, saibam os membros da oposição que, se pretendem preparar uma segunda edição daquele bolchevismo, encontrarão em mim um inimigo implacável, um inimigo solitário que morrerá pelo que considera o primeiro bem do homem: o de poder se exprimir à face dos céus, como camarada ou como adversário. Lenine permitiu a seus adversários que se exprimissem; e, dentre todos, Gorki lhe disse as coi-

sas mais cruéis, frequentemente as mais abominavelmente injustas e vergonhosas.

Replicar-me-ão que aquela liberdade, em dado momento, quase custou a vida à Revolução. Respondo: vossa tirania matou-a com muito mais certeza. E não é a entrada de outro Gorki na confraria de hoje que a ressuscitará, em que vos pese.

É triste que eu deva falar com tal dureza a homens que são, afinal de contas, as vítimas de um sistema cujo advento não se lhes pode censurar, porém isso é mais forte do que eu. Conheciam-me. Não me deviam convidar para as festas do aniversário. E o mais faltozo é Rakowsky, a quem interroguei antes da partida sobre "o que é a Rússia soviética" e que me deu esta resposta de diplomata:

— Se olhares a superfície, não ficarás contente. Mas se souberes ver, gostarás de nossa Revolução.

Eu era capaz disso. Como se a Revolução pudesse ser confundida com a feitura humana. Eu teria preferido que me dissessem sinceramente o que é que havia por lá e o que é que eu não podia ver com meus olhos sem clamar aos céus. Mas esses bolchevistas são mudos como túmulos, mesmo quando são nossos amigos e velhos camaradas.

Rakowsky não constitui exceção. Jamais pude obter d'ele a menor confissão, uma daquelas confissões de que até hoje eu tenho sido confessor cem vezes. Em França, eu lhe perdoava o silêncio. Ele era embaixador. E eu era o que fala. Porém ele guardou o mesmo silêncio durante toda a longa viagem. Em dado momento, ao entrarmos na Alemanha, fiz-lhe esta pergunta a que uma resposta franca teria bastado para revelar-me a atitude verdadeira da Oposição e a sorte que ela devia suportar a breve trecho; perguntei-lhe:

— E mesmo a França que te expulsa ou são os teus que te destituem?

Como resposta, ele tirou o relógio e disse:

— Estaremos em Francfort lá pelas onze horas da noite. Estás com muita fome?

Dito de outra maneira: "Guarda tua língua para comeses chucuit em Francfort".

E no entanto, mais de uma vez ele me havia dado provas de uma afeição sólida, ora vindo em meu auxílio, em minha miséria envernizada de "contista oriental", ora recebendo-me na maior intimidade.

Em nosso compartimento diplomático, percebendo eu um dia a manga de sua camisa esfarrapada de velhice, um estuor misturado de admiração levou-me a fazê-lo notar isso:

— Realmente, Christian: eu sei que bolchevistas como tu não conhecem o emprego pessoal de fundos secretos, mas teu salário é assim tão insuficiente que devas trazer uma camisa como esta?

Ele defendeu-se ainda:

— Só dizes besteiras! Deixa minha camisa tranquila.

Mas uma vez ele me disse na embaixada:

— Quando eu não for mais nada e tiver de ganhar meu pão como um médico que esqueceu a medicina, se fores rico me ajudarás, a teu turno, não é?

Ele acabava justamente de me conceder um adiantamento, devidamente justificado pelos meus livros editados na Rússia e cujos direitos autorais, na falta de convenção, não me eram devidos. Ele o fizera por sua conta e risco. E eu tomara sua reflexão por um gracejo. Como é que a Rússia soviética poderia passar sem um diplomata como Rakowsky?

Pobre de mim! Eu o compreendi melhor um ano depois, quando soube que o embaixador da véspera fazia sua mulher vender objetos de sua casa modesta em Moscou, para comprar pão.

Mas tornaremos a encontrá-lo em seu exílio de Astrakhan, onde passei oito dias em sua companhia e apanhei, com ele, a malária.

* * *

Dessa viagem memorável, conservo a bela recordação de nossa chegada a Sibiege, pósto da fronteira soviética no caminho de Riga, volta que demos para evitar passar por Varsóvia.

Bela recordação... E maldita seja a vida que deturpa

todas as belezas de que é tão ávida a nossa alma. Quantas vezes não terei eu de soltar esta exclamação, nessa viagem que ora refaço no papel! (Felizmente, já não quero tornar a passar por toda a parte, nem tudo reviver, pois eu quebraria minha pena.)

Já se escreveu muito, e às vezes com alguma emoção, sobre a entrada do trem na Rússia, assim que ele passa sob o famoso arco vermelho com o mandamento terrível, semelhante a uma predição do futuro, em parte realizada: **PROLETÁRIOS DE TODOS OS PAÍSES! UNI-VOS!**

Oh, irmãos meus de desventura! Uni-vos uma vez por todas e ide em massas compactas, aos milhares, ver aquilo! Uni-vos e ide sentir vossos corações rebentar no momento da entrada majestosa do trem vermelho, em terra vermelha, por baixo do arco vermelho com letras de fogo!

Se algum dia vos foi dada ordem, partida das entranhas de um amigo, ei-la aqui:

PROLETÁRIOS DE TODOS OS PAÍSES! UNI-VOS!

Uni-vos e não enviais mais delegações de imbecis, para não verem nada e não contarem nada. Mas ide sòzinhos, sem guia, sem chefe, e sentireis mais do que todos os chefes do mundo, mesmo que fôsseis irracionais como vossos pés.

Pois não é a inteligência sem coração que faz daqueles milagres, mas só os dois juntos, ou melhor, o coração sòzinho — e coração vós tendes. Senhor, para deixar toneladas dele em todas as trincheiras, em todas as barragens de arame farpado e em todas as engrenagens de vossos suplícios mecânicos.

É com o sangue generoso de vossos milhões de corações, que aqueles arcos de triunfo e aquelas letras de fogo das fronteiras soviéticas, foram pintados e abrasados. E se um dia tiver de esboroar-se tudo o que construístes e sonhastes construir lá — pois bem: do primeiro ao último dos mercenários que se lançassem ao assalto da União Vermelha para devorá-la, um único não passaria sob aquela anunciação de vosso destino sem cair fulminado de terror!

Lá está tudo o que continua a viver, lá, atrás das Revoluções que os homens assassinam.

EM SOFIJSKAIA NABIJEREJNAIA

Chegamos a Moscou numa linda manhã. Na estação, nada que provasse, por parte do governo, a menor das atenções devidas a um grande embaixador, mesmo decaído. Assim, nem um simples carro, nem uma dessas luxuosas limousines que carregam rebotalho burocrático e nas quais eu mesmo devia rodar tanto, é verdade que nuns mais ou menos calhambeques. Nada. E a mão do antigo Presidente do Conselho dos Comissários do Povo da Ucrânia, que assinara tantos documentos em Genebra, em Londres e em Paris, não foi ali apertada por ninguém.

A guarda pessoal de Rakowsky, um letão de proporções atléticas e inteligentíssimo, foi procurar um taxi, enquanto os *tovarichtchi* fotógrafos-repórteres assestavam sobre nós as suas objetivas.

Christian não se prestou a isso absolutamente.

— Por que te esquivas tão maldosamente? disse-lhe, eu. Eles fazem isso para ganhar seu pão.

— Neste momento, eles não sabem o que fazem, retrucou-me ele. Poupo-lhes uma gafe e algumas chapas perdidas.

Enquanto esperava que a instituição de que eu era convidado, a *Voks*, cuidasse de me arranjar um abrigo, acompanhei Rakowsky a *Sofijskaia NABIJEREJNAIA*, onde se acha a residência dos diplomatas, palácio imponente, outrora domicílio de um rei do açúcar.

— Não ficarás mal acomodado aqui exclamei ao entrar.

Meu amigo contentou-se com sorrir. Via ele já chegarem os pântanos de Astrakhan, que dentro em pouco lhe deviam abalar a saúde para o resto da vida?

Levaram-nos diretamente à sala de jantar, onde o bom chá de que tanto gosto, acompanhado do copioso almoço russo, não tardou a nos ser servido. Depois, Rakowsky me introduziu num suntuoso salão. Foi ali que vi surgir de um quarto contíguo, um homem baixo e gordo, de andar cambaleante, de rosto plácido, mas cujos olhos incolores me fixa-

vam de modo penetrante. Estava de chinelos, sem colarinho e trazia um jaleco e uma calça de meia pataca. Tomei-o por um criado.

— É Litvinov, cochichou-me Christian. A mulher dêle dá aulas para viver.

Senti crescer em mim uma profunda admiração, aquela mesma para a qual meu coração já estava preparado por tudo o que eu ouvira dizer da austeridade de costumes dos chefes bolchevistas, a qual — não me levem a mal! — foi real até um grau desconhecido dos homens de estado burgueses e, até certo ponto, ainda o é.

Fui-lhe apresentado. Apertamo-nos as mãos. E foi tudo. É verdade que não podia ser de outro modo, mas esses diplomatas, que sabem quantas vezes por dia bebem êsse e aquele de seus colegas dos antípodas, não sabem suficientemente quantos ciclones de amor desencadeiam na alma de um homem da rua quando respondem a um Chamberlain justamente aquilo que Litvinov devia um dia responder-lhe em Genebra:

— Vós, bolchevistas, não pensais senão nos patifes que vos ouvem.

— Perfeitamente. São os interesses de tais patifes que pretendemos servir!

Foi mais ou menos isso. E tratava-se de bolchevismo do mais autêntico. Por que então não dar à palestra um pouco de calor, quando se é homem tão grande e tão simples? O patife não tem senão ventre. Já foi escrito que só Lenine devia ser psicólogo para isso.

Durante mais de uma hora, assisti, como um estranho, a seu colóquio frio e ali me aborreci horrivelmente. Nenhum sinal em suas fisionomias que pudesse trair a mínima fraternidade. Duas máquinas idealistas, apaixonadas por precisão. Que trarão elas ao mundo?

Pão?

* * *

A impiedosa tenaz da vida a todo vapor agarra cada vez mais o pobre coração humano. Entre o grito rouco do homem de além-Atlântico, que quer viver só e o vágido metá-

lico do bebê feroz, que quer vencer sozinho, não há mais lugar para o sonho. Nem para o amor. Nem para a piedade.

Estás comigo ou contra mim, mas não te metas entre minhas pernas! É a luta final que devora tudo, os meios e os fins.

É preciso caminhar; sim, é preciso.

Eu caminho. Com o bebê feroz. Mas não deixarei um só instante de lhe berrar ao ouvido que o mundo espera dêle Juíça, e não Vitória.

PRELÚDIOS DE FESTAS E DIVAGAÇÕES DE HOMEM SOLITÁRIO

Moscou em ebulição não tinha mais lugar para alojar um camondongo. E camondongos, assim como ratos, havia lá uns mil chegados de todos os recantos da terra. Todas as raças. Todos os apetites.

O Maior Estado do mundo é o mais pobre, arruinava seu tesouro para fazer face ao acontecimento. Podia ser de outro modo, e será útil, a esse respeito, fazer acrobacias em dragões? Estou aqui unicamente para dizer a verdade, neste tom de confissão do início, e crer-me-ão muito mais facilmente porquanto, (di-lo-ei agora ou nunca mais), eu mesmo participei da festa.

É verdade que nos encontrávamos diante de uma colossal tentativa de bolchevisação sentimental, desta vez baseada na generosidade de "espíritos independentes" que haviam sido convidados para que vissem o proletariado em ação. Não aprovo absolutamente essas tentativas, direi porque, mas devem ser aceitas como um fato, desde que se admita que não se pode edificar o socialismo num único país, sendo pois necessário cuidar de o propagar a toda a parte e aproveitar todas as circunstâncias. O décimo aniversário era uma delas.

Os hóspedes, que haviam sido convidados um pouco apressadamente e eram o que o mundo dos "espíritos independentes" de hoje oferecia de mais cômodo ao alcance do governo bolchevista, não podiam, por sua vez, senão olhar o que lhes mostravam, e dizer o que era conveniente.

Eis todo o malentendido. De um lado, como de outro, haviam invertido a moral do ditado romano, segundo o qual *aquele que faz o que pode, diz o que sabe*. Os comunistas haviam feito o contrário do que podiam. Isso não devia dar certo. Mas os convidados diziam o que não sabiam. Isso lhes devia ir a calhar: porque para ladrão, ladrão é meio.

Quando um Estado proletário — que deve antes de tudo ser moral e não é o mais pobre senão porque o quer — coloca toda a sua sorte na trapacaria, não pode encontrar em seu caminho senão trapaceiros. E aqui não estão em jogo apenas as festas, mas toda a tática comunista.

Os expertos idealistas de todos os Politbureau e de todos os Comintern, orgulhosos de seu grande saber político e doutrinal e de sua ciência da rebelião das massas, acham-se a teimar em vão: quando se quer construir, é preciso saber fazer antes o tijolo; e, tijolo, a classe operária só sabe fazer na olaria, sob a direcção competente e responsável de engenheiros. E isso é não outra coisa qualquer. Podem me mandar consultar Marx e Lenine o quanto quiserem: é isso mesmo no entanto, sei eu por uma experiência e uma compreensão da vida de que não podem dar testemunho uns homens que, em toda a sua existência, nada mais fizeram do que rebuscar textos e falsear-lhes o sentido.

A classe operária faz tudo e lhe devem tudo. Está bem. As ovelhas também se devem tudo entre si. Com a diferença que, para tornar felizes as ovelhas, basta exterminar todos os carnívoros da terra, inclusive o homem — ao passo que o extermínio de todos os devoradores de ovelhas humanas não bastaria para fazer felizes a estas últimas. Por outro lado, é necessário ensinar-lhes como se fabrica essa erva complicada que é o seu meio de subsistência e, por outro lado, preservá-las contra a imminente metamorfose da ovelha humana em lobo humano, ou melhor, desumano, o que não se dá com os carneiros.

Consiste nisso todo o problema. Ora, não o resolvemos excitando os apetites com o apêlo sedutor:

— Quem quer estar conosco? Eis aqui o início da felicidade!

— Eu, eu! responderá um negro, chegado lá dos confins da África ao Congresso Mundial dos povos e raças oprimidos.

— Tu? Como és gentil! Pojalista!

E tomais esse negro, empanturrando-o de comida, exibindo-o em cima de tudo quanto é tablado, fazendo-o dizer uma porção de besteiras e em seguida, para embuscar o canibalismo universal, vós o instalais sobre o trono ensanguentado dos Romanov e o fotografais.

* * *

Fizem isto em Moscou e eu somente o soube tarde demais. Do contrário teria voltado imediatamente. Como todo mundo, eu via um negro de uma impertinência digna de sopapos. Ele se precipitava em todas as tribunas, sobre todas as bancadas, delectava-se ante todos os palavrões do comunismo de parada, soltava grunhidos de fera aos sons da Internacional e nos impelia, em qualquer circunstância, a tomar a palavra a seu exemplo e a berrar bravos à U. R. S. S.

Era um espectáculo de dar nojo.

Um mês antes de meu regresso, ao entrar na loja de um fotógrafo de Tverskaia afim de obter um retrato para meu passaporte, notei ali um quadro enorme. Era o negro. Encarando as mandíbulas num riso de escárnio, braços e pernas arreganhados, com todo o corpo empinado numa posição indecente, lá estava ele sentado numa poltrona suntuosa. Olhei mais de perto e vi, em cima de sua cabeça e destacando-se em relêvo, a coroa e as águias imperiais.

— Não é o trono do czar? perguntei ao fotógrafo.

— É sim.

— Queira me arranjar três fotografias dele, de 13 X 18.

Gostava-me voltar aos meus sentidos. E isso não era tudo, pois, procurando informar-me, soube que o nosso negro, membro do "Partido de Lenine" e tesoureiro duma organização comunista de negros, limpava a sua tesouraria e se fizera expubar apesar de não ser da "oposição".

Depois disso, antes mesmo, certa princesa russa, não muito mal instalada com um "sábio" comunista "na linha", podia

estrevor a uma grande consciência amiga (para me espionar, e em seguida a mim próprio para me confessar e me pedir desculpas), que circulava em Moscou toda a sorte de boatos sobre mim — mas nem por isso ficarei menos convencido de que o trono do czar, dez anos após o assassinio do tirano, pode ser queimado em praça pública se necessário, mas não transformado em objeto de palhaçada mundial. Além do mais, continuo convencido de que, quase sempre, ser princesa, até mesmo poetisa, não quer dizer coisa alguma, a despeito de acrescentar a esses atributos a adesão ao comunismo, tal como é falado.

E para dizer tudo, não creio que a classe operária tenha qualquer coisa a lucrar, suportando que em Moscou se ofereça, hoje, o trono do czar às nádegas de um negro escroque, amanhã a coroa do mesmo czar às mãos de um grande escritor francês, ambos igualmente "na linha", e que se fotografem aquele negro escroque e esse grande escritor, cada qual munido de seu despójo real, o negro sob seu traseiro, o escritor em suas mãos e a mostrá-lo bem alto, nas capas das revistas, como se se dissesse ao proletariado que não se podendo fazer trigo, pelo menos se faz aquilo, o que já é alguma coisa enquanto se espera por melhor.

Não. Não é assim que eu compreendo que se seja revolucionário.

EM TORNO DAS FESTAS DO 10.º ANIVERSÁRIO

Ao chegar eu soube que amontoavam os hóspedes menos notáveis e mercedores de menos consideração, aos dois, três e quatro, num quarto só, mas que em compensação alojavam-nos em grandes hotéis. Isso me contrariou. Não gosto de camaradagens impostas. Já suportei isso demais antigamente. Por isso mandei dizer a Vols que me contentaria com uma mansarda, no menor dos hotéis, desde que eu ficasse só. Se possível. Se não, tanto melhor.

Satisfizeram-me. Para começar tive um bom quarto no Hotel Internacional, na Tverskaia. Vizinhos, à minha direita, Francis Jourdain e Léon Moussinac, na mesma peça. Moussinac estava doente, de cama. Jourdain, com a cara

cômicamente assustada, deambulava, atordoado pelas visitas que lhe haviam obrigado a fazer e pelos discursos em russo, alemão e outras línguas, que teve de aguentar pacientemente. Na Rússia fomos muito bons amigos, sempre de acordo; mas que é que nós sabíamos?

Pois é preciso ser justo — um país, e sobretudo que país, não nos convida para mostrar-nos suas cloacas. É uma estupidez querer mal aos comunistas russos por causa de sua mania de exibir o bem que têm realizado e só o bem. Por que éramos nós lá alimentados, hospedados e conduzidos, como paxás, entre Leningrado e Tiflis, à custa da princesa em mulambos? Certamente, não para que expusessem a nossos olhos suas calças remendadas, à guisa de lembrança a carregar.

A questão é muito diferente se, declarando-nos prontos a defendê-los com o risco de nossa vida, pedimos-lhes contas e lhes rogamos que nos informem quanto custa aos trabalhadores soviéticos essa edificação de parada, inclusive a manutenção da formidável malta de ladradores da Internacional. Entretanto, para defendê-los mesmo com o risco da vida, não se encontrariam vinte entre os dois mil convidados às festas de outubro, que estivessem realmente dispostos a fazê-lo. Isso ora de furar os olhos. Salvo alguns homens íntegros e realmente devotados à Rússia, dos quais o modelo, a meu ver, era o excelente escritor alemão Arthur Holitscher, em cuja companhia percorri o Cáucaso; o resto não passava de um amontoado de aproveitadores de ocasião.

Eis por que, desde o início, seu Congresso Mundial não me disse coisa que prestasse e eu o declarei logo, escrevendo o artigo *Em torno de um congresso*. Entregue ao representante de Humanité, onde justamente haviam cometido a gafe de publicar em editorial algumas entusiásticas impressões sobre minha chegada, aquele tímido artigo embaraçou terrivelmente o pobre redator. Pierre Naville se apoderou dele e publicou-o em *Clarté*, não sem acompanhá-lo de uma introdução em que, tomando-me pelas pernas, atirava-me à cabeça do órgão oficial do Partido francês. Daí, uma frieza repentina em nossos amores de namorados recentes.

E no entanto, o artigo era inteiramente encomioso à U.R.S.S. Mas eu não podia deixar de constatar que seus hóspedes lhe escamoteavam qualquer coisa. A multidão de raças que se espremia no vasto palácio de colunatas, sob os raios ofuscantes dos projetores e na algazarra dos alto-falantes, formava um caos igual ao de uma reunião eleitoral de grande estilo, com a diferença que aqui podíamos pelo menos contemplar, no meio do presidium, a dolorosa figura da demasiado resignada Krupskaja, a companheira de Lenine, única criatura, em todo aquele Congresso Mundial, que não merecia tal companhia.

Sociedade dos Amigos da U.R.S.S.? Meu Deus, por que não? Como dizia o outro: apertaríeis um botão colocado em vosso apartamento em Paris, para matar um mandarim na China e enriquecer-vos durante a noite? Em verdade, tornar-se presidente de uma seção mundial dos "Amigos da U.R.S.S." não enriquece ninguém, nem lhe dá o que comer, mas, por acaso, sempre vale uma grande viagem para "os olhos" ou alguns direitos de autor. Representais um dentre aquela centena de alfinetes com bandeirinhas vermelhas, com que a Sra. Presidente Kameneva marcava, num mapa estendido em seu gabinete, as cidades do mundo que possuíam uma seção daqueles "amigos". É verdade que a maior parte das ditas seções não existe mais, como se dá com Atenas, onde a sociedade se fundou e dissolheu, diante de meus olhos, na mesma semana. O que não impede de a bandeirinha vermelha flutuar sempre sobre o mapa. E quando é realmente uma seção o que a cidade indicada representa, digamos que a coisa é bem pior, pois custa caro e não produz senão a papelada que os "Amigos" trocam entre si, de um polo ao outro do mundo, e à custa do camarada operário.

Um periódico parisiense escrevera que eu teria sido eleito para o presidium desse Congresso Mundial. Teria sido uma grande "honra" para mim, mas creio que o referido órgão está enganado. Seja lá como fôr, eu jamais tive assento ali, e muito menos no Congresso, onde aliás somente o presidium e os maçantes oradores tinham assento rigorosamente, passando os congressistas todo o seu tempo no bufete.

* * *

No Hotel Internacional, mandei dizer ao porteiro que minha porta estava aberta para quem me procurasse. Com efeito, tomava precauções a fim de me defenderem contra os "importunos". Os importunos jamais nos fazem pagar demasiado caro a descoberta de um homem ou de um fato, ao passo que um isolamento quase completo pode fazer-nos perder o fim de nossa vida. É verdade que tudo depende do valor que se dê a tal fim.

Na U.R.S.S., a prática da porta aberta confirmou, para mim, mais do que em qualquer outra parte, a utilidade daquele raciocínio. E se a mesma prática por vezes me proporcionou minutos aborrecidos, nem por isso deixei de colher o grão que semeiei. É a essa prática, assim como ao meu modo de receber os homens, que devo o conhecer hoje em dia as pulsações da vida além das paredes de meu quarto, dado que eu tenha um quarto.

O que eu ocupava no Hotel Internacional só me proporcionou uma enfiada de gente amável, na maioria jornalistas que iam pedir artigos a todas as notoriedades européias presentes. Mas eram apenas amáveis. Quanto a mim, que não duvidava de que as coisas pudessem ser diferentes, esperava no entanto ouvir uns sons de sino, contrários ao tantã oficial, e ver surgirem caras menos sorridentes.

Não se deu isso, naquele quarto. E alguns dias após minha chegada, deixei-o para me fazer expedir a Leninegrado com outros convidados. Uma semana mais tarde, voltando a Moscou, encontrei minha bagagem toda esparramada num sótão. Mudaram-me então para o Hotel Passage, que se tornou meu hotel preferido durante toda a minha permanência na Rússia, toda vez que ia a Moscou. Mas tem cabimento que eu diga aqui como foi que o mundo soviético se me apresentou aos olhos, desde aqueles primeiros dias, no Hotel Internacional.

Aqui, meu testemunho será apaixonadamente honroso para os Soviets e fará justiça a muitas lendas. Deus, como é pungente conceder às gotículas o que eu cria não ser senão um hino à Vida Nova! Porque, se não estivermos cegos pela

mesquinha parcialidade política, devemos reconhecer que os Soviets — embora buscando um fim determinado — nessa circunstância foram nobres, generosos e sinceros, como só o pode ser a infância de uma furiosa vida nova. Poucos o compreenderam, e dentre todos aqueles com quem eu conversava então, Francis Jourdain era quem mais se conhecia, sem se mostrar beatamente seduzido. Ao contrário, a nuvem de gañanhotos democráticos vindos para roer, só se deu pressa em satisfazer sua fome negra, sua insensibilidade, seu falso entusiasmo e sua ingratitude.

Conheci casos em que as exigências e a perfídia de tais hóspedes iam tão longe, que um rápido ponta-pé no fim da espinha teria sido a melhor resposta a lhes dar. Mas os russos — pacientes, bonachões, por vezes simplesmente desejosos de evitar escândalos — fechavam os olhos, satisfaziam a canaleta, cumpriam o seu dever — não é mesmo, bravo camarada Guenkine, que jamais tornarei a ver?

Não os vimos pagar malas, bagagens e até máquinas de escrever, que uns imbecis tinham deixado que lhes surripiassem durante a viagem, a despeito de todos os conselhos, de todos os avisos prodigalizados além de qualquer medida? E no Hotel Krasnaia de Karkov, onde os imbecis de toda uma delegação anglo-americana enfilçaram seus sapatos no corredor, tarde da noite, para na manhã seguinte não encontrar mais um só par, não tiveram de calçar uns vinte cretinos, que se divertiam com a aventura a ponto de dançarem "charleston" de meias, enquanto aguardavam o sapateiro?

E' verdade que semelhante furto, no mais luxuoso hotel da capital da Ucrânia, era rocambolesco e tanto mais incompreensível porquanto jamais se descobriu o Rocambole. Mas nem por isso ficou menos desorientada a pobre guia responsável por aquela delegação, a qual teve de carregar para o hotel uma loja inteira de sapatos, para que cada qual pudesse escolher o que lhe convinha, e se mexer para arranjar a respeitável soma exigida por aquela despesa imprevista e seu orçamento.

* * *

Já disse que os Soviets foram generosos. Não o eram entretanto, como se afirmou, a ponto de pretenderem comprar consciências. Isso é ao mesmo tempo falso e injusto. Ninguém, fôsse durante as festas, fôsse durante minha permanência ali, me veio propor o mais aceitável dos cambalachos, e se me cito a mim como exemplo, é porque verão até que ponto me consideravam da família, até onde eu próprio declarara dela fazer parte e como lhes era agradável a minha adesão.

Pagavam-se direitos autorais a quem tinha obras traduzidas para o russo? Sim, nas condições mais normais. E parece-me que isso representava a menor das delicadezas, para não dizer a menor reparação de uma injustiça. Teriam procedido do mesmo modo para com Vladimir Dekobra se êle estivesse lá, e, nessa questão, o próprio Romain Rolland não se teria visto com tantos rublos no bolso quanto os que representariam os direitos daquele escritor que leva a dianteira na imbecilidade literária soviética, em matéria de tradução. Em que pese a Lunatcharski e ao interessado.

Quanto aos artigos que pediam insistentemente, procediam ainda da maneira mais correta, retribuindo os seus autores também normalmente. Não era uma palavra de ordem excepcional, mas a simples aplicação da regra usual em todos os países do mundo, quando em qualquer dêles se verifica um acontecimento de que participam publicistas estrangeiros. Posso até dizer que era preciso trotar e piruetar sofrivelmente em torno das caixas, para ver a cor daquele dinheiro.

Jovens entusiastas — ontem ainda operários de fábricas, hoje jornalistas à cata do furo que faz o grande repórter — vinham reclamar imperiosamente o artigo que lhes era devido.

— Que desejais que vos diga? Acabo de chegar. Ignoro tudo.

— Dizei o bem que pensais de nossa Revolução e o mal que deixastes nos sujeitos países capitalistas de onde vindes! — Além do mais, vós — tovarichtch X — sois dos nossos, conhecemos vossa revolta e deveis sentir-vos aqui como em vossa casa.

— Sim. Isto eu posso dizer, mas em poucas palavras.

— Isso mesmo: um simples autógrafo! Vossa saudação a nossos Soviets.

E toma autógrafos pra diante: "Não vos conheço ainda, não vi nada por enquanto, mas percebo que sois grandes, magníficos, senão pelo que já fizestes, ao menos pelo que pensais fazer, se vos ajudarem. Viva a União Soviética! Viva a Revolução Mundial!"

Documentos como este, e às vezes até mais categóricos, eu os fiz às dezenas. Fiz também dois ou três artiguets e transcrevi outros tantos trechos literários neutros, durante os dezesseis meses de minha permanência ali, pois era impossível proceder de outro modo e o que então escrevia era justamente o que eu pensava.

OUTUBRO VERMELHO

Quando os vermes tiverem dado cabo de minha carcaça — destes olhos que já viram tanta coisa, deste coração que tantou amou, de toda esta carne freneticamente devastada pelas paixões — saibam os homens de então que me foi dado viver por antecipação a sua própria existência, em meu **Outubro Vermelho**.

Pobre vermezinho humano! duvidas dos tesouros de generosidade que ocultas nas dobras de teu mesquinho arcabouço? Se te fôssemos julgar pelo teu egoísmo, merecerias ser queimado vivo. Eu porém — que resfoleguei em tua lama, purifiquei-me em tuas cascatas, nutri-me de tua terra e me saciei em todas as tuas fontes, das mais refrescantes às mais amargas — eu, conheço perfeitamente tua devoradora generosidade e te absolvo. Accito-te e tenho confiança em ti.

Porque digo a mim mesmo, em minhas horas povoadas de denodada solidão — quando penso nos amigos que amo e nos de que me separei; nas mulheres que acariciei e nas que jamais acariciarei; nas dores físicas que suporrei e nas que me esperam — eu digo a mim mesmo:

"Pobre ralé... Qual foi o tirano que algum dia se obstinou em tornar-te melhor, nem que fôsse apenas durante uma boa existência, e que pode dizer que perdeu totalmente o seu tempo? E' verdade que te obrigaram a fazer as Pirâmides. Por que vaidade? Não sei. Mas depois de rodar por muito tempo em torno daqueles horríveis montes de pedras, comecei a pensar se as mesmas não teriam sido erguidas afim de reservar aos Faraós o prazer de ver um dia uns magros ingleses lá subirem estóicamente, puxados pelos braços por um felá, enquanto outro os empurra por seus pretensos traseiros.

Quanto à finalidade referida pelo poeta, que escreveu das Pirâmides que com sua massa indestrutível elas cansaram o tempo, ora bolas! o tempo podia bem dispensar esse cansaço, poupando ao mesmo tempo os vinte mil escravos que ali trabalharam para os ingleses.

"Miseráveis escravos... Há quatro mil anos de distância, já não vos fazem mais erigir Pirâmides. Mas cavais túneis e metrô onde vos obrigam a viajar, como se vossa existência devesse ser negra e privada de ar e de sol, cada vez que percorreis o caminho, na ida ou na volta, entre vossas mansardas católicas e vossos trabalhos forçados fordistas, única coisa aliás que fazeis do princípio ao fim de vossa vida sinistra. E se fazeis alguma coisa mais, será a folgança de vossos domingos de escravos ou então a folia de vossos dias de festas escravagistas, quando em vossa intenção se organizam todos esses divertimentos: velhacarias oficiais denominadas corridas e em que deixais o pão de vossos filhos; esportes modernos, que não passam de desonestos empreendimentos nacionais, em que deixais o resto de vossa pálida inteligência; macabras desfiladas perante a "flâmula eterna" de vossos senhores, perante seu assassinado "Desconhecido", perante o cadáver de um de vossos ilustres algozes, quando vos precipitais em massas compactas, para aclamar o próximo e bem-aventurado instante em que vos permitirão cair gloriosamente de focinho no chão.

"Tristes párias... Só vos obrigam a fazer isto. Mas qual foi o tirano que algum dia se inclinou sobre vossos berços e, mais tarde, sobre vossos rostos ardentes, para dizer-vos: o homem não é um irracional; seu primeiro dever é ser bom, justo, humano: desgraçado de quem não o for! porque viver para a Comunidade é viver, e viver para si é morrer. Quem algum dia tentou provar que o trabalho leva a outra coisa que não à fome, que a exploração do homem a outra coisa que não à fortuna, e o crime organizado a outra coisa que não à glória? Qual o sátrapa que ao menos tivesse construído para vós habitações risonhas na encosta das montanhas, edificando embora em suas proximidades a inevitável calceia moderna em que Taylor vos dita o melhor modo de traba-

lhar como idiotas, de viver como imbecis e de procriar como degenerados?

"Qual a ditadura que algum dia tenha tentado convencer-vos, dando-vos o exemplo, que o Poder não passa de um facto honroso para quem o detém e um título ao reconhecimento dos que lhe obedecem? Que as dignidades públicas não encerram senão pesadas responsabilidades e que, exercendo-as desonestamente, tem-se a certeza de se ver lapidar? Que mesmo as Artes e as Letras, vocações sagradas, não são umas meretrizes de carro-dormitório ou gôndolas de quimeras, para embrutecimento da Comunidade e glorificação do artista, porém a mais alta função moral do homem, da qual depende a saúde da Humanidade?

Assim, antes de se dar o direito de condenar a escória humana a ser queimada viva, qual foi a tirania que algum dia lhe deu todos esses exemplos?

Nenhuma, salvo Outubro Vermelho.

* * *

Ele soprou em 1917 como um tufão oriundo dos abismos sangrentos da generosidade popular unida à elite dos homens.

Um dia eu perguntei a Rakowsky:

— Como é que conseguistes, vós, um punhado de bolchevistas, estar por toda a parte, bater-vos contra tantos inimigos e vencer nesta sexta parte da terra?

Não fomos nós que nos achamos por toda a parte, mas a revolta. Ela é que se bateu e venceu. Nós não fizemos mais do que lhe dar expressão, fisionomia, e entregar-nos a isso de corpo e alma. Vai ver nos museus da Revolução os canhões primitivos que os mujiques construíam sozinhos, durante a guerra civil, os quais disparavam por duas bocas e atemorizavam o inimigo, como nenhum "dicke Bertha" o tem feito.

Naquela época o bolchevique era um herói, um titã, um deus. O primeiro de todos era o último a se alimentar e ignorava o repouso. O ardor de uma fecundação que devia enobrecer a vida, devorava-lhe o peito. Nada para si. Tudo para a Comunidade. E nada de crimes, nada de injustiças,

nada de barreiras ignóbeis entre os homens. Estes, embora tivessem de morrer aos três quartos no cataclismo daquele ímpeto generoso, tinham o dever de arrancar de suas próprias entranhas o filho que nunca mais se deveria tornar um monstro humano.

Outubro Vermelho é isto.

* * *

Eu vi festejar-lhe o décimo aniversário e chorei de alegria. Chorei muito simplesmente.

Misturado à turba, sem convite especial e sem lugar reservado, debati-me como todo mundo para conseguir um degrau cuja colocação permitisse apreciar o conjunto da Praça Vermelha, onde tudo se achava reunido, onde todos os gostos estavam acumulados, sem exetuar a eterna imbecilidade.

Esta era encontrada na exibição, organizada oficialmente, de máscaras ridículas de Chamberlain, de Briand e de Mussolini, nas barbas do corpo diplomático. Eu chorava, entretanto essa palhaçada só me podia fazer chorar de desgosto, como o desfilar das forças militares vermelhas, cuja verdadeira força era justamente o contrário daquilo que nos era mostrado. Pois o bolchevismo não triunfou na U. R. S. S. graças a furiosos cossacos armados de lanças irresistíveis; e no dia em não houver lanças para furar os corações dos homens, serão contados os seus minutos.

Felizmente havia lá a idéia, o sentimento, o arrôjo do futuro. Havia a imagem daquilo que o mundo seria no dia de sua libertação total, porque um milhão e meio de seres humanos desfilarão na Praça Vermelha, mostrando umas fisionomias que o entusiasmo da generosidade transformava como nenhuma exaltação religiosa o poderia fazer. Aqueles entes teriam morrido até o último, a fim de que a chama de que eram devorados alcançasse a terra inteira. E a humanidade não lhes teria podido resistir.

Marchando aos milhões, às dezenas de milhões, tais como podiam ser contados naquele dia em toda a União Soviética, marchando com as mãos vazias e os rostos inflamados, exército algum seria capaz de contê-los e todos os egoísmos se

liquifariam ante o flamejar de sua generosa investida, se é verdade que coisa alguma resiste àquele que realiza o dom de sua vida.

Já noite alta, eu me pus a deambular por toda Moscou em festa. Nada mais de exércitos e de gente oficial em parte alguma, e no entanto continuavam a afluir torrentes humanas para a Praça Vermelha. Num grupo precedido de um carro simbólico, que representava o globo terrestre preso a correntes de verdade, nas quais um garoto batia com toda a força com um martelo para quebrá-las, reconheci um operário rumeno que fizera a guerra civil na Ucrânia:

— Então! disse-lhe eu. Não dormireis mais esta noite?

Ele atirou-se-me ao pescoço e me beijou:

— Não, meu irmão, nem esta noite nem jamais. De tal modo é grande o que fizemos naquele dia de **Outubro Vermelho de 17!**

DEPOIS DE OUTUBRO VERMELHO

Cos diabos, não resta coisa alguma que não fique empotcaldada, de tudo o que sai das mãos do homem! Pobre, pobre mundo... Se ao menos o diabo te levasse de uma vez, e nunca mais se cuidasse de ti...

Não mais tarde senão um dia depois dessas jornadas aniversárias, rebentou diante de nossos olhos um dos abcessos da Revolução: Ioffé dava um tiro na cabeça, como sinal de protesto contra os trotes de que haviam sido vítimas os seus amigos da oposição durante as festas. Esse lamentável suicídio de um bolchevista que nos era conhecido desde os dias de Brest-Litovsk, foi uma punhalada glacial em nossos corações comovidos. Só havia festeiros, ou havia também trágicos estraga-festas? Apercebêramo-nos disso no dia mesmo da grande parada, quando a oposição fez ouvir a sua voz e quase foi desancada. Eu em pessoa me vi preso no meio do tumulto, que se verificou em baixo da sacada onde eu estava e de onde os chefes da oposição tentaram falar à multidão. Salvei-me no momento oportuno, quando os guardas a cavalo abriram caminho entre o povo, com uma dureza jactanciosa para

guardas vermelhos, atropelando manifestantes tão vermelhos quanto eles próprios. Nós sabíamos que em Leningrado a coisa tinha ido mais longe: haviam-se batido sofrivelmente, entre irmãos, durante várias horas.

Aí uma dúvida séria se me apoderou do espírito: que podia ser, afinal de contas, essa Oposição? Que pretendia ela? E por que não lhe permitiam exprimir-se nem da tribuna nem da imprensa?

Outro fato, mais revoltante ainda, veio logo scandalizar a todos os delegados ou convidados honestos. O poder fazia publicar em nossa intenção, um boletim ocasional, impresso em três línguas, francês, inglês e alemão, o qual, de maneira breve, nos punha ao corrente do que se passava no mundo. Falava-nos mais extensamente da Oposição "trotskista" e de Trotsky, mas com um ódio tal, que ficamos estupefatos. Pela primeira vez líamos os qualificativos "traidores", "brancos", "contra-revolucionários", "mencheviques", etc. Contavam-nos uma história para a gente dormir em pé, segundo a qual fora fundada por Trotsky uma "tipografia clandestina", com um antigo oficial wrangeliano para dirigi-la.

Isto me pôs fora de mim. Com o jornal na mão, fui procurar o "comandante" do grupo de que eu fazia parte e lhe disse:

— É uma vergonha expor semelhantes mentiras aos olhos de estrangeiros. Se sois inocentes e se o caso da tipografia e do oficial branco é verdadeiro, que se fuze Trotsky imediatamente! Ora, vós nem mesmo o detivestes!

E com razão. Pois toda a "tipografia" se reduzia a uma máquina manual Roneo e o oficial wrangeliano a um agente do Guepeú. Que fraternal sujeira!

Mas naquele momento, não entrevíamos tal sujeira senão nesses incidentes, que aos nossos olhos não passavam de questões políticas e costumes revolucionários russos: divergências de vista sobre os problemas kulak, sobre a indústria pesada ou leve, o regime político interior, a opressão cordial. Os poucos membros da oposição, que então me procuravam, não me tocavam no assunto a não ser com muita prudência, pois me viam "marchar" com uma confiança absoluta. Eles des-

livavam até nós silenciosamente, melancólicos, ouvindo muito, falando o suficiente para evitar uma resposta categórica e abstando-se de qualquer difamação. Dir-se-iam alguns estranhos ou umas sombras de lábios costurados. Hoje em dia compreendo-os melhor, mormente aquele olhar aflito que os melhores dentre eles fixavam em mim, quando me ouviam exclamar:

— Enfim! Creio que aqui poderei trabalhar muito mais útilmente que em França. Estamos em nossa casa. Aqui se vai direito ao fim: à revolução mundial. É aqui que terminarei meus dias.

Essa linguagem não era adequada a conquistar a confiança daqueles que sabiam da coisa melhor do que nós. Porém eu tinha meus momentos de repulsa, quando as visitas aos galopes, as insuportáveis arengas quilométricas e as incensações da Internacional me angustiam literalmente.

Sempre tive profunda aversão pela ostentação, seja ela qual for. Ora, tudo era ostentação durante aqueles dias de festa. E, se em alguns dias ela me impressionou, ao fim de uma semana eu já estava farto. Usina atrás de usina; museu após museu; hospitais sobre hospitais; escola por escola; banquetes uns em cima dos outros. E em toda a parte, toda, os mesmos discursos horríveis. Em muitas circunstâncias — reunião, congresso, conferência — cada orador era ineffectivamente saudado, ao terminar, pelos mesmíssimos sons de charranga, que o auditório inteiro devia ouvir de pé. Na primeira vez a comoção me sufocou. Era grandioso. Na segunda não senti nada. Na véspera havia sentido muito. Na terceira eu já não podia mais, sentia-me "chateado".

Os homens têm sobre os animais uma superioridade, banalizam rapidamente tudo o que constitui a grandeza da vida.

Outro aspecto da ostentação contribuiu outro tanto para me afastar de tudo. Eu verificara em toda a parte aonde nos levavam, que as comissões de recepção eram compostas, em sua maioria, de gente que nos irritava os nervos. Enquanto alguns deles nos conquistavam com sua franqueza, sua simplicidade, sua pureza, outros tratam sua falsidade, seu arrivismo,

Mais de uma vez me encontrei diante de verdadeiras assembleias, onde a triagem oficial não deixava entrar senão aquela canalha, de intenções sujas e entusiasmo de encomenda. Suas declarações de amor deixavam-me doente. E era necessário, de bom ou mau grado, que lhes respondesse no mesmo tom.

Foi então que comecei a deixar de lado minha coorte e seu "comandante". Fui vagabundar sozinho ou com algum conhecido simpático. A rua — com sua turba de volta pra casa, pão debaixo do braço, semblante natural, olhar franco, conversação sincera — reconfortava-me. Em seguida me puse a praticar a clausura em meu quarto, quando uma porção de gente me veio procurar e entreter-me de um montão de coisas, sem soltar demasiado suas línguas. Estava dado o primeiro passo.

Essa atitude foi notada. Fizeram que eu o soubesse:

— Não fostes convidado para ficar em vosso quarto, nem para isolar-vos de vosso grupo. E' preciso ver tudo, como todo o mundo.

Respondi:

— Não tenho pressa. Vosso "todo-o-mundo" se vai embora, e eu fico. Considerai-me um cidadão soviético. E se desejais, deixo já já de ser um "convidado". Tenho de que viver.

Com efeito, as Edições do Estado pediam-me que assinasse um contrato de exclusividade, oferecendo-me um adiantamento de mil rublos. Eu possuía outros tantos em meu bolso. Além disso, meus oito livros se vendiam às dezenas de milhares de exemplares. O filme tirado de Kyra Kyralina, e montado pela Vuiku à minha revelia, constituía com aqueles rublos uma pequena riqueza que me era devida ainda. Eu podia pois desprezar a gamela oficial e ocasional.

Mas até então continuei como vinha fazendo, durante três semanas ainda. Organizavam-se magníficas excursões ao Cáucaso: Moscou-Ucrânia, Geórgia, Mar Negro e volta. Convidaram-me para participar de uma delas, em companhia de mais dezenove delegados, sempre inteiramente à custa da princesa mulambenta.

Um vagão *miakhki*, do qual não nos devíamos separar mais a não ser no fim do "sonho", esperava-nos na estação. Dois guias, nossos "comandantes", percorreram toda Moscou a fim de reunir na mesma hora, para a partida, o rebotalho estrevinhador que constituíamos.

E julgais que não havia ali razão para gritar viva o comunismo? E' pena no entanto que todos aqueles gritos não fôsem na mesma língua: ter-nos-íamos entendido como gatu-nos em feira.

UM COMPANHEIRO DE VIAGEM

Nada direi dessa primeira viagem à Transcaucásia porque, devendo fazê-la de novo um ano mais tarde e, desta vez, de maneira não oficial, só então falarei a respeito. Mas devo-lhe uma das mais belas descobertas de minha vida; e ao dizer-te, leitor, o que foi essa descoberta, farei de novo uma digressão, mas te provarei, se és misantropo, que a vida é digna de ser vivida, embora ela própria te faça uivar como se tivesses sido picado por uma víbora.

Em verdade, minha história não tem lá grande coisa de comum com a Rússia, mas, de qualquer modo, não me acanharão de não haver feito aqui mais do que devanear. E' isso mesmo — simplórios armados de um lápis vermelho e de cérebro de coalhada — sim: eu gosto de devanear! Tentai fazê-lo, vós também, com vossa coragem frouxa como estercó mole; ao primeiro contato com a erva em chamas daquela terra, queimareis o traseiro. Porque os campos de que a minha fantasia gosta, o diabo os lavrou com seu áspero rabo e Deus os fecundou com sua ardente semente. Tudo ali nasce em profusão, salvo a flor murcha de vossos pensamentos de desfibrados.

Mas acima de tudo, é o amor pelo homem, a paixão pelo amigo, o que ali cresce como um carvalho cuja fronde roçasse pelos astros, cujas raízes mergulhassem no fogo da terra.

Homem de fisionomia radiante de desejos... sulcada de angústias... argamassado de generosidade. Homem que surge em meu caminho com tua mísera existência: eu não

passo de um infiel, mas quando tomo de teu rosto entre minhas mãos e o encaro, sacio-me tanto de tua força, que em seguida podes tornar à tua denodada solidão e pensar em nosso encontro o resto da vida. Porque, naquele minuto, eu te esvaziei como tu também me esvaziaste. Tu me deste o paroxismo de teu amor, de que não sabias o que fazer, e eu te dei o do meu, que me fazia sucumbir.

Há alguma coisa mais na vida? Para mim, isso é tudo. A menos que se trate da amargura da separação, absurda como uma máscara num rosto humano.

Mas eis aqui a bela descoberta:

Em meio a um formigueiro de convidados, dentre os quais procuro em vão o olhar em que brilhem vastas paixões, surgiu certo dia um homem em meu quarto. Ele é alto. Seu corpo de asceta carnal parece empolgado numa justa, ora folgazã, ora sangrenta, com as garras de todos os desejos. A luz que flutua em seu semblante desfigurado é a do homem cuja fé devasta as entranhas. Os olhos, demasiado abertos, são inquietos como azougue. Seu olhar fura, atrai e afasta mil coisas num minuto. A boca mordera por toda a parte, cuspira tudo o que mordera e continua a morder. As narinas abrem-se e fecham-se, constantemente, ante todos os odores.

O homem fala. Quer ser vulgar, como o aconselharia a circunstância que nos une, porém ele mergulha em meu semblante as lanças de seu olhar e no mesmo instante suas palavras abordam a universalidade, ao passo que os braços descarnados se alongam para apanhar quimeras.

Compreendo imediatamente que estou às voltas com um mais forte do que em muitos domínios, mórmente no das visões do passado e das conjecturas sobre o futuro.

Eu estava de cama, seriamente enfermo havia três dias. Estendi-lhe a mão. Ele agarra-a. E eis que não me acho mais doente.

— Espera, digo-lhe eu, quero acompanhar-te. Quem és tu?

— Eu sou o cretense.

— Então me conheces?

— Sim, tu és cefalonita: depois dos cretenses, são os ce-

falonitas os homens da Grécia a quem mais amo. Eles são de raça mais acentuada que os demais.

Descreveu-me ele, sempre a caminhar, esses homens de raça, os da Grécia e os da terra inteira. Ele soltava isso, como se riscasse um fósforo quando se tem os bolsos cheios deles.

— Que pena! disse eu. Devemos separar-nos dentro de dois dias.

Ele estremeceu, e isso me agradou:

— Aonde vais?

— À Transcaucásia.

— Mas pra lá também vou eu, como tu!

* * *

Lá fomos nós.

No vagão-sonho, ambos deitados sobre bancos do mesmo compartimento, as imensas estepes nos enguliram em seu nada povoado de contos inverossímeis. Longas horas de um rodar voluptuoso. Algumas paradas em estações para alimentar o animal. Uns desembarques, aqui e ali, para fartá-lo de ostentação e para cuidar de iludi-lo.

O cretense era ordenadíssimo: leitura, garatuja, devaneio, sono. Nada de verbosidade. Com pessoa alguma. Jamais uma alocução, a despeito de todas as insistências. Difícil de levar a visitas a fábricas e hospitais. Faltando à nossa companhia a cada passo, para correr museus, velhas igrejas, a rua. Mas é o documento humano, o herói, o que ele procurava com maior ardor. Ah, com que força se atirava sobre todas as ilusões, para descobrir às vezes uma realidade radiante! Não conheço homem que tenha tido maior sede de pureza e de heroísmo do que ele.

Rebento de um campêdio cretense de pulsos de ferro e de barra empanturrada de libras esterlinas, ele se saturara de toda a sabedoria antiga, de toda a ciência moderna, e em seguida se separara de seu pai, de sua classe, até mesmo da obediência, para aderir a um bolchevismo ainda incipiente e ainda heróico.

— É o futuro do mundo, dizia-me ele. O bolchevismo não marca o início de uma civilização nova, mas o fim da

que vivemos. Eis por que se deve ajudá-lo a precipitar no abismo essa velha cocote de berloques pretensiosos.

"Hoje em dia tudo é berloque. O que não o é, é pior ainda: um péso morto que impede qualquer geração. Eu quase soçobrei sob esse péso. Cinco décimos do que me fizeram aprender me são nocivos, quatro décimos me são inúteis; apenas um décimo me serve de modo benéfico.

"Vai visitar a todas as grandes consciências de nosso tempo: salvo raríssimas exceções, não passam de uns arlequins de junto dos quais sairás com as mãos vazias.

"Sim, o bolchevismo é chamado a destruir toda essa mi-xórdia de falsos valores.

"O que eu temo e muito, é vê-lo não corresponder à sua missão, meter-se a bufar e a empacar antes da hora. Seu desaparecimento prematuro entregaria o mundo à mais nojenta corrupção intelectual.

"Reforcemos pois as pernas deste chicote, impeçamo-lo de amolecer. E que ele faça estourar todas as carcaças, tanto a do filósofo como a do bandido.

"E depois, veremos".

* * *

Eu não faço mais do que resumir, muito desajeitadamente, uma vasta idéa longamente amadurecida. No dia em que o meu cretense falar éle próprio, com provas na mão, ah! pobres homens, tereis vossas contas ajustadas! Porque éle tem no bolso de seu colete tudo o que não pudeste meter em vosso crânio e a pujança cretense a que tereis de ceder.

E' uma ignomínia este mundo governado por homens frios! não exatamente por homens de negócio, que pelo menos seriam ardorosos criadores de emprêsas, geniais organizadores da energia humana, por esses homens que com uma das mãos arrancam à terra sua abundância e com a outra a jogam à goela dessa humanidade esfaimada.

O cretense era daquela espécie de homem. Alimentava-se de uma sopa, de uma libra de batatas ou de um arênuque seco. Sua bagagem: dez quilos, para fazer a volta ao mundo.

Seu domicílio: um grabato. Mas seus desejos: um universo. Sua companhia: uma felicidade devoradora.

Devo-lhe aquela espécie de culto que éle experimentava em face do lamentável lamaçal humano, forçado a evoluir constantemente à custa de sangrentas sacudidelas. No bolchevismo éle via o drama mais digno de nossa veneração, aquele que repercute até no cérebro bestial das hordas selvagens.

Assim:

— O' cefalonita! dizia-me. Juremos jámais erguer o braço contra o bolchevismo, mesmo que um dia éle nos atire na prisão; a éle é que a humanidade será amanhã devedora de sua libertação total. Éle não realizará senão muito pouco do que promete, mas promete tudo, até o impossível, e daí a audácia de que se carece em nosso século timorato. Lembra-te da história dos tchuvacos.

"Logo terminada a guerra civil, foi se apresentar perante o comissário do povo, para a instrução, uma bizarra delegação de tchuvacos:

— Muito bem! — falou aquele. — Organizastes o vosso soviet? Contai-me o que fizestes em vossa terra.

— *Tovaritch Lunatcharski!* — exclamou o chefe da delegação. — Nós formamos nosso soviet! Depois expulsamos os padres que o tzar nos impusera, e fizemos voltar os nossos chamans (feiticeiros), que viviam nas matas.

— Não é um grande progresso, retrucou o comissário, substituir um padre por um feiticeiro, mas fizestes aquilo que entendestes. É é isto a liberdade. O resto virá em seguida, malgrado vós mesmos.

EM ATENAS

Da viagem ao Cáucaso voltamos como fogo em brasa. Povos e mais povos, de pé, delirantes, a acolher delegações sobre delegações, como o mundo nunca viu. Impossível ver as massas descontentes, porque é por elas que éramos recebidos e festejados. Os mais miseráveis, aqueles mesmos que o regime afastava de sua mesa, por causa do tumulto, vinham

saudar-nos, com a barriga vazia, e gritar-nos a sua alegria e confiança no futuro.

Resolvi, então, de acôrdo com o cretense, deixar por um instante a Rússia e ir com ele provar imediatamente a nossa dedicação desinteressada ao bolchevismo. Mas aonde ir? Aos Bálcãs, naturalmente. Para começar, a Grécia.

Dinheiro: eu o tinha como nunca em minha vida: três mil rublos. E ainda não havia tocado em meus direitos autorais, salvo com relação a dois livros e uma tradução ucraniana a que se viera juntar a bagatela de mil rublos, que Vufku fez questão de me dar pelo meu filme *Kyra Kyralina*. Tudo isso me punha longe de preocupações.

Chegamos a Odessa com um frio siberiano, a 25 de dezembro de 1927, e, antes de embarcarmos, redigimos uma carta a Staline, da qual infelizmente não guardei cópia. Mas lhe dizíamos mais ou menos isto:

"Eis aqui dois homens que cortam todas as amarras atrás de si (quanto a mim, nunca as tive). Nós queremos dedicar-nos à causa proletária. Nenhum interesse, a não ser o que nos inspira o nosso ideal. Temos de que viver e nada vos pedimos. Mas desejamos toda a vossa cooperação legal, para que nos sejam abertas todas as portas, e para que possamos ver tudo. Se necessário, estamos dispostos a aceitar um de vossos homens, que viva em nossa mais estrita intimidade e nos acompanhe por toda a parte, porque não tememos coisa alguma, uma vez que só temos um caminho. Para provar-vos nossa franqueza, vamos agora à Grécia, afim de gritar nosso entusiasmo pelo que temos visto na U. R. S. S. Depois voltaremos para cá afim de aqui viver, aprender e lutar".

Embora expedida sob registo, esta carta ainda hoje espera resposta de Staline. E se me disserem que sou um imbecil, replicarei que Staline é mesmo Staline, quer dizer, um homem que precisa de outra coisa que não o que lhe oferecíamos.

Que ele saiba no entanto que nunca jamais dois homens lhe ofereceram sua vida de modo mais desinteressado.

O meu pobre cretense! Não é de leões que os governantes precisam, mas de cachorros! Só tu, ó ideal humano, pre-

cisas de heróis, e te-los-ás, aos milhares e mais milhares, que renascerão de suas próprias cinzas e te servirão. E vencerás! Sim, tu vencerás, a despeito dos governantes e de seus cães, porque a humanidade pode viver sem pão e sem fogo, mas não pode viver sem ti, bendito Ideal, sal da vida e calor de nossa alma! Beijo aqui teus pés ensanguentados, tuas mãos que tocaram por um segundo as patas de teus algozes e defenderei a parcela que me vem de ti, sacrificando-lhe a minha vida!

Governantes fedorentos!

* * *

Mas por enquanto, para trás o veneno! Estou ainda em Odessa, sob o ardor de minha mais bela flama. Beijo todo o mundo e o vento norte que me flagela a cara. Sem uma roupa quente, apenas com um sobretudo de meia-estação, não obstante meus três mil rublos. O cretense é obrigado a me emprestar sua pele. E andamos de tremô, em ruas transformadas em pista de patinação, correndo num dia instituição por instituição, pois chegamos na véspera do dia de nossa partida e não temos nem passagens reservadas nem dinheiro cambiado. Obtemos passagens, mas quanto a cambiar todo o dinheiro, vai passear! E está certo, não há dúvida, que se mande passear a todos aqueles que pretendam exportar seus rublos, mas talvez valesse mais não mandar passear somente os que não sabem empregar os meios necessários.

Fizemos a nossa tentativa, pelo telégrafo, da própria repartição do commissariado das finanças de Odessa. Não tínhamos, em verdade, intenção de adquirir um castelo com aquele dinheiro. Mas a resposta não vem e nós partimos com o que o banco concede, de acôrdo com a lei, a todo o mundo: cento a cinquenta dólares por pessoa. O restante, deixamo-lo no banco de Odessa.

Que importa... Dinheiro, há em toda a parte. Dão-no-lo até onde vamos levar nossa flama bolchevista. E a Grécia, que é fascista, dar-me-á vinte mil dracmas: direitos autorais também, pois não ireis julgar que eu possa ser ao mesmo

tempo bolchevique e fascista, quando berro a minha cólera ao chegar a Atenas, quando visito os comunistas presos, os tuberculosos que se matam a fogo lento e quando faço uma conferência que me custa uma expulsão. Não ireis pensar isso, vós que já me considerais comprado pelos Soviéticos.

* * *

Deus, que destino o meu!

Aqui, ia-se inscrever no ativo de minha vida uma das páginas mais grotescas.

A Grécia? Um povo valente como todos os povos, mais generoso e mais avaro, também, do que todos os demais, consoante o que se exige dele. Eu não vinha lhe pedir nada. Coisa alguma, a não ser tornar a vê-lo depois de quinze anos, conhecer suas chagas novas e dizer-lhe meu pensamento, quanto aos remédios. Em nosso país já não se pode mais dizer o que se pensa?

Não. Não se pode mais.

* * *

Para começar, quase toda a imprensa de Atenas se reuniu para me saudar, como jamais havia sido feito, nem mesmo em Moscou. Saudei, por meu turno, a pátria de meu pai, seus prisioneiros, seus exilados, seu sofrimento. Foram esses os meus cartões de boas-festas para o Ano-Novo grego, aos quais responderam aqueles que eu saudei com uma avalanche de telegramas e cartas, em que me convidavam para falar.

Primeiramente fui falar no *Elefteron Vima*, o maior jornal da Grécia. Seu diretor se declarou meu hóspede, o que me honrou muitíssimo, como em Moscou. Eu gosto dos grandes porta-vozes, sob a condição de nos deixarem berrar à vontade. *Vima* se deixou levar... com uma forte surdina. Consórcio bastardo. Não obstante, o automóvel desse órgão, depois dos autos bolchevistas, me fez ver o que os arredores de Atenas têm de mais belo, e em seguida me deixou em meu

hotel que, a partir do dia seguinte, se tornou alvo dos mais ferozes ataques.

Nunca em minha vida fui injuriado daquele jeito. Nem um só jornal, ou quase, para defender-me. Viu-se o órgão oficial do governo. Estia, trata-me num editorial de pousti. Recusei-me a crer no que meus olhos liam, a despeito de meu conhecimento dos costumes balcânicos, dos costumes gregos sobretudo, segundo os quais, o termo pousti, os garotos das melhores famílias se atiram uns no nariz dos outros, à barba de seus pais, como se fosse fistikla (pistache).

Da imprensa, as injúrias passaram para o Parlamento. Ai, para me provar que nem toda a Grécia se achava ali, o ministro da Agricultura, Papanastasiou, me defendeu da tribuna com o prefácio de Romain Rolland na mão, e em seguida me convidou para um sarau íntimo, dado em minha honra.

Triste idéia teve ele! Com a ajuda de um rancor político, o pobre do homem perdeu sua pasta.

Eu continuei com a minha, da qual ninguém queria saber mais. A seguir foi a conferência do teatro Alhambra, que quase degenerou em arruação de praça pública. Uma visita aos bolchevistas presos, que proclamaram sua fé nas lutas do proletariado, uma outra a *Sotiria*, casa dos mortos que Dostoiewsky não conheceu, acabaram de atizar o fogo. Foi aberto inquérito policial contra mim, o cretense e o Prof. Glinos, organizador da conferência. Isso nos deu ensejo a fazer uma bela profissão de fé bolchevista, mas a polícia se deu o ensejo, ela também, de dar-nos oito dias para deixar a Grécia.

Lá deixei sofrimentos que não poderão encontrar lugar digno dos mesmos senão numa grande epopéia de nossos tempos de horrível terror. Por que falar de civilização, quando ao pé da Acrópole são os homens atirados em rochedos de ilhas desabitadas, a não ser por alguns pastores miseráveis aos quais se impõe a ordem de deixar aqueles exilados morrerem de fome, aqueles comunistas, aqueles homens "que não têm respeito nem às suas próprias irmãs" e que afirmam que a Virgem não passou de "uma simples mulher"? Por que fa-

lar de ciência, de piedade, de assistência aos enfermos, quando perto de Atenas Sotiria não é senão uma fileira de barras mortuárias, onde centenas de tuberculosos de todos os graus cospem no próprio rosto, lutam contra a chuva e o frio, alimentam-se como porcos, praticam a caça aos piolhos, percevejos e ratos, berram em vão o seu desespêro de fantasmas e aguardam lamentavelmente a hora de sua suprema libertação?

Por que então, meu irmão operário, não pretender pôr fogo neste mundo, e se mostrares capaz de criar um melhor, se pagas o mais pesado tributo ao tormento, à masmorra e à ignóbil morte?

VOLTA A PATRIA DO PROLETARIADO

O espetáculo da Grécia terrorista me fez repelir para o fundo de mim mesmo a pequena quantidade de males soviéticos que eu conhecia naquele princípio de 1928. Mais do que nunca eu me prendia à obra bolchevista. Somente dela eu esperava a salvação do mundo que trabalha e que sofre. Assim, tornava eu àquela terra ardente com a firme deliberação de ali ficar. E, para mais lisura moral, para lá levei minha companheira, mulher de caráter integral. Melhor do que eu e mais ponderada, embora muito mais jovem, ela ser-me-á um verdadeiro auxílio em meus momentos de fraqueza, de cólera ou de incompreensão.

Agora somos dois a ver e a sentir, enquanto se espera que o cretense e sua mulher se juntem a nós e que formemos um bloco de quatro consciências a serviço do mesmo ideal.

Desembarcamos em Odessa, no meio de um frio de rachar as pedras, e sempre vestidos de roupas inadequadas a tal região, o que nos força a entrincheirarmo-nos em nosso quarto de hotel. Os jornalistas, os fotógrafos, os cinematografistas para lá afluem ainda, alertados pelo radiograma do "Tchitcherine" que comunica à U.R.S.S. a minha expulsão. Sinto no entanto que está terminada a festa. Felizmente. As ruas não são mais embandeiradas; as vitrinas são menos faustosas: o tantã desapareceu. Dessa vez, é de fato a pátria soviética

de todos os dias, a que nós queremos, a de que precisamos.

Mas pela primeira vez pago tudo por toda a parte. Aprendo o valor do rublo: meio dólar. O quarto, apenas habitável com uma mulher — faltam-lhe água quente e bacia — custa de cinco a sete rublos por dia, fora os impostos. Uma refeição para dois, no hotel, quatro a cinco rublos. Ao fim de uma semana modesta, lá se vão cento e cinquenta rublos, compreendidas todas as despesas. Seria uma vida de nepman (comerciante ou industrial do tempo da NEP). Como não o sou, peço a redução que se concede aos emigrados políticos, dentre os quais eu me contava. Solicito-a molemente, porque tenho horror a regimes de favor, e sou informado de que preciso cumprir mil formalidades, dar os passos mais aborrecidos, arriscar-me a esbarrar com uma recusa ou, no melhor das hipóteses, obter apenas a redução de 6%. Não, renuncio a isso. Se não posso viver como emigrado político, viverei como nepman, salvo em certas repúblicas, que se dignarão de considerar-me hóspede seu.

Porque aqueles povos são acolhedores e hospitaleiros, como nenhum outro. À mesa mais modesta, na choupana do último dos desgraçados, há sempre um lugar para alguém mais desgraçado ou para um visitante inesperado. Essa generosidade explica a sua inesgotável capacidade de resistência ao mal. O auxílio mútuo é praticado em escala desconhecida no Ocidente. E foi necessário que uma doutrina de Estado, estéril de sentimentos, viesse esfriar os corações, embrutecer a razão, exasperar os egoísmos, para que se vissem produzir aquelas irrupções sintomáticas de ódios coletivos, que vão, entre irmãos miseráveis, até à delação em massa e até ao crime.

* * *

Aqui — bem antes de eu saber a verdade, o que só acontecerá muito tarde e, em todo o seu horror, quando eu tiver deixado a Rússia — devo prevenir o leitor de que esses conflitos intestinos e sua vilania, esses dramas sociais e sua crueldade, essa degradação moral, única no mundo, de vastas

camadas populares, constituirão a única documentação que me interessará, a única que conhecerei a fundo e que referirei da U.R.S.S. Constitui ela a base do critério que forcei para mim em matéria de progresso social. Será ela, queiram ou não, a espada de Damocles, a esfinge do enigma monstruoso ou o mane, thecel, phares do legislador que o futuro chamará para arrasar a ordem humana, afim de lhe dar uma fisionomia menos abjecta que a que traz hoje em dia, pela graça de uma luta milénar por um bem-estar individual, em detrimento do bem-estar da comunidade.

Ora, não se faz mais do que desfigurar cada vez mais aquela fisionomia, quando se instituem regimes que provocam no fundo lamacento da alma humana tais revessas que fazem subir à superfície tudo o que nossos instintos contêm de mais hediondo. A mentira, a delação, a hipocrisia, o assassinio se tornam desde então o meio mais fácil de assegurar a existência, para todos aqueles que compreenderam não se alcançar coisa alguma pelo trabalho, pela honestidade, pela franqueza.

Sob a ordem capitalista democrática, esses vícios são punidos pelo Código. Não resta dúvida que os mesmos frequentemente conseguem escapar às leis, expor-se em plena luz e criar situações invejáveis àqueles que os praticam com a cumplicidade tácita de um regime podre. Que será de nós, no dia em que uma ditadura da direita ou da esquerda os alçar, no mundo inteiro, à categoria de sistema de governo?

Soltai oficialmente aqueles monstros, um dia que fôsse, sobre a pobre vida humana, e dez gerações não bastarão para dominá-los. Dizei aos homens, do alto de vossa poltrona ditatorial, que eles podem fazer tudo o que quiserem, sob a condição exclusiva de obedecerem a seu senhor, e eles farão coisa bem diferente do que expulsar um padre ignóbil e substituí-lo por um absurdo feiticeiro, como o fizeram os inocentes tchuvacos. Porque as ambições, o egoísmo, a luxúria, são mais desmedidos no homem suposto civilizado, do que no selvagem. E tal perfumista mundial — famoso regador de mulheres sífilíticas e feroz inimigo do comunismo — não se admirará de saber que na pátria do proletariado, seus produtos impossíveis de encontrar se tornaram o alvo vital de qualquer

femeazinha soviética, desde a esposa do comissário do povo, até à Comsomolka histórica.

Outros alvos vitais são as belas meias de seda, as lindas peles, o bonito apartamento, a colocação bem remunerada, isto é, tudo aquilo que, em país burguês, constitui os alvos vitais da maioria dos cidadãos. Com uma diferença! Com a lamentável diferença, que na "pátria" burguesa, colocada de parte a "pátria" fascista, uma denúncia de heresia política não basta para se enviar um homem à morte ou à prisão, afim de se tomar sua colocação ou seu apartamento, e menos ainda para fazer do delator uma coluna do poder, como se vê, ai de mim! na pátria proletária hoje em dia.

A razão deste livro consiste pois unicamente em meter o ferro em brasa em cima de abcessos que cobrem inteiramente o corpo da Revolução, um dos quais, que descreverei mais adiante, me rebentou em pleno nariz, inundou-me de um pus que ainda trago na face e envenenou-me a existência. Diante de tal podridão precoce, que constitui os fundamentos de um regime, tudo o que esse regime construiu e promete construir não se aguenta mais de pé. Chegasse ele, no fim de seu próximo "plano quinquenal", a fazer a ventura da humanidade inteira, e eu ainda lhe pediria contas pelos ossos que esmagou com sua máquina de fabricar felicidade, tanto é verdade que o bem-estar da humanidade não me interessa senão a partir do dia em que ela deixar de ser criminosa e começar a tornar-se moral.

Dizei-me qual é a extensão do poder que a vida vos pôs entre as mãos; e conforme o uso que tiverdes feito desse poder com relação a vossos semelhantes, dir-vos-ei quem sois.

Eis como é que eu sou revolucionário. Eis aí tudo o que minha dura existência, minha bela Universidade, me ensinou a exigir dos homens e de mim mesmo.

Fora dessa lei, não conheço nada, nem mesmo a amizade. E não tenho contas a pedir a ninguém.

ATRAVÉS DE CIDADES E ALDEIAS, ESTEPES E MARES, MONTES E RIOS

Agora que me apresto a esvaziar o saco, o dever obriga-me a dizer, no início deste último capítulo, que os Soviets fizeram por mim tudo o que lhes pedi e ainda foram além, prestando-me informações e facilitando de todos os modos as minhas viagens. Quatro passes livres, para viajar em terra ou sobre águas, válidos em toda a extensão da U. R. S. S., me foram concedidos depois de uma única tentativa, de julho até o fim desse mesmo ano. Na maioria das Repúblicas, os mais bonitos automóveis do governo ou de instituições oficiais vinham buscar nosso grupo de quatro peregrinos e fazer-nos rodar milhares de quilômetros. Lanchas a gasolina, e até pequenos barcos de rodas, foram postos à nossa exclusiva disposição para levar-nos mais longe, nos golfos, nos deltas, no emaranhado dos rios. No Cáucaso, montamos a cavalo e fomos, cercados por seis carabineiros, ver as ruínas do castelo da rainha Tamara e as cavernas de trogloditas de Várdzia. Na Moldávia soviética, em Birlola, uns velhos amigos que se haviam tornado comissários do povo, vieram com bandeiras e banda de música esperar-me à chegada do trem, acolhimento imprevisto durante o qual dominei a custo minhas lágrimas, pois tenho horror à besta humana, quando se entrega a tirar suas vantagens. Foram-me conferidos títulos de honra. Enfim, o que é capital, milhares de homens me celebraram, entre Murmansk e Erivan, entre o Dniester e o Volga. Amei um grande número deles. E a todos jurei servi-los.

Como quereis pois que eu amaldiçoai o dia em que minha mãe me pôs no mundo, quando uma política ignóbil, acrescida de uma incompreensível doutrina, agora me separa da-

quilo que constitui a base de minha fé e me cobre o rosto com o véu de uma apostasia que, por não ser senão aparente, nem por isso me torna menos miserável?

Sede malditos, políticos e dogmas que cometeis tais crimes; que intrigais homens das mesmas crenças; semeais o ódio no coração de irmãos; tornais irreconhecível a face do amigo e fazeis abortar obras que jamais serão criadas por outros homens e noutros tempos. Sede malditos, políticos e dogmas!

* * *

Eis aqui, às pressas, perdendo tudo pelo caminho, mas cronologicamente, a nossa inverossímil viagem:

ODESSA

Passamos quase todo o mês de março em Odessa, onde romenos e gregos russificados me dizem, na intimidade, sinceramente, sua confiança no poder. Dentre eles, uma bela figura de "ex-nobre" a viver à margem da vida soviética, comove-me sobremodo com a sua penosa existência e alegria que encontra nisso. Paralítico de ambas as pernas e tuberculoso, andando aos pulinhos em cima de muletas, de todas as suas antigas propriedades não possui mais nada a não ser um luminoso rés-do-chão, guardado de belos móveis, bem assim sua biblioteca, belíssima. Porque lhe deixariam isso, conserva ele aos bolcheviques uma comovente gratidão e se ergue, com todas as suas muletas, apenas à ideia de que os "gozadores" do antigo regime se atrevam um dia a tocar na ordem nova. Ele próprio foi um daqueles "gozadores" e me comunica o profundo desgosto que isso lhe causa. Vaidade, luxúria, exploração, indiferença por tudo que é progresso humano e incapacidade de sentir a gravidade da vida. Essa gravidade, agora ele a conhece e acha-a imponente, rica de lutas, de sofrimentos, mas também de alegrias reais e merecidas. Revolta-o o fato de esta verdadeira face da vida não ser conhecida senão dos humildes:

— Eu teria morrido como um imbecil, se os bolcheviques

não tivessem feito o que fizeram! exclamava ele cheio de fervor.

Fino intelectual, apaixonou-se pela arqueologia, pela pintura e pelos livros raros. Ganha a vida da maneira a mais imprópria à sua enfermidade, a guiar delegações operárias soviéticas nos museus, fábricas novas e outras instituições.

Devo a ele o que sei de mais elogioso ao ativo do comunismo ucraniano.

Devo a um operário romeno a horrível narrativa do assassinio, por tropas brancas, da professora francesa Jeanne Labourbe, crime, entre outros mil, a respeito do qual o proletariado e os professores de França devem um dia pedir contas aos imperialistas de seu país.

Mas em Odessa penetro pela primeira vez na residência do diretor comunista de uma grande empresa do Estado, e saio enojado. Interior do mais esperto dos felizardos, pequeno-burguês, confortável à medida dos desejos, farto de boas coisas. Tem como dona de casa uma insípida esposa coberta de berloques e como mordomo um modesto operário, que custa a crer na pechincha com que o cumula o seu diploma de comunista.

Deixo Odessa, expulso pelo médico, que me declara entêrmo e bom para um sério repouso na Criméia.

* * *

CRIMEIA

Para lá vamos de barca e sob turbilhões de neve. A bordo, um grupo de cineastas, o qual me reconhece facilmente. Entusiasmo, profissão de fé. Entrego-me a eles com arrebatamento e sou por eles recompensado. São jovens que fizeram a guerra civil e me narram feitos inauditos e imagináveis. Parecem-me cheios de talento, capazes, ricos de simpleza e de sinceridade. Como estou munido de uma carta de recomendação, apenas chegamos a Yalta, que jaz sob a neve, eles nos conduzem diretamente à antiga Kino-fábrica de Vufku, cujos habitantes se comprimem e nos reservam um

quartinho, adornado com pequenos objetos oriundos do palácio de Livádia e augustos produtos das mãos da imperatriz de "Todas as Rússias". Basta isso para nos tornar odiosos, malgrado sua distinção.

Em Yalta, topamos a nossa primeira personalidade bolchevista fanática, a qual, além disso, se tornou para nós um amigo terno, sentimental, inteligente. Trata-se de Micha Pugatchiov, o guarda responsável por aquela fábrica abandonada. Micha é um puro, um sincero. Um coração. Para começar, e embora sabedor, cheio de admiração, que hóspede de inteira confiança está a receber, seu dever impõe-lhe uma reserva cortês, a qual em poucos dias se transformará numa amizade de que me lembrarei sempre. Tornamo-nos dois irmãos, ou melhor, três, porque minha companheira o estima tanto quanto eu. Ele é jovem, rechonchudo, correto, pudico, severo. Ai de mim! Ele não sabe uma só palavra das línguas estrangeiras, e nós o estritamente necessário para fazer que nos batam, se falamos russo seja lá com quem for.

E no entanto, o mês ainda não se havia escoado, e já conseguíamos nos entender, até em pormenores. Com o dicionário na mão, compúnhamos frases jocosas, que corrigiamos rindo a bandeiras despregadas. Quanto a Micha, só soube dizer corretamente em francês tremor de terra, expressão que vinha com frequência em nossa palestra, após as terríveis sacudidas que a Criméia acabava de experimentar e de que Yalta nos oferecia o lamentável espetáculo.

Aqui é que foi montado (sem dizer lá vai água!) o filme tirado de meu primeiro livro. Foi um belo sucesso fotográfico, mas Kyra infelizmente se torna no mesmo uma mulher que tem saudade de seu passado e se mata.

Presentemente, a fábrica não passa de um montão de ferro velho, que há anos imobiliza um imenso terreno e cuja guarda e manutenção custam alguns milhares de rublos por mês. Pergunto a Micha qual a razão dessa incúria. Ele arregala os olhos graves e me responde convicto:

— Vai-se liquidar tudo, mas é impossível tudo fazer ao mesmo tempo. Não se pode. Estamos sobrecarregados e fal-

tam-nos homens. A Revolução, é muito, mas o após-Revolução é coisa bem diferente. Vereis quando a fizerdes na Europa.

Quando a fizermos!...

Micha me leva a toda a parte e mostra-me tudo. Chegamos de Simferopol alguns oficiais. E em vez de me repousar, eis-me a rodar através de um paraíso terrestre que suporta mal qualquer comparação. É uma floresta de vilas e de palácios feéricos que pertenceram a uma verdadeira sala da de príncipes e grãos-duques. Hoje em dia, toda essa ventura da saúde e dos olhos está nas mãos do povo.

É verdade que os mais astutos ficam com a parte do leão. Todas aquelas dom-otdykha (casas de repouso) nem sempre são ocupadas pelos que delas mais necessitam. Funcionários incumbidos de marcar os dias de repouso e distribuir os lugares disponíveis, às vezes reservam para si os melhores. Mas não dizem que a justiça perfeita não é deste mundo?

Não importa; faço votos para que a classe operária francesa faça a Côte d'Azur o que a classe operária soviética fez da Criméia e do Cáucaso. Mesmo de modo imperfeito, mesmo cometendo injustiças, seria infinitamente melhor do que o que existe agora ali.

Apesar de tudo.

* * *

UCRANIA

No fim de abril, depois de haver terminado um cenário que Volkú me pedira que escrevesse, deixamos a Criméia e tornamos a subir para o Norte. A separação de Micha nos é realmente dolorosa. Vivemos como bons irmãos, durante um mês. O trato diário e as refeições de todos os dias em comum; as palestras instrutivas; os lugares visitados em conjunto; os projetos do porvir, haviam-nos ligado um ao outro, melhor do que se houvéssemos sido da mesma família.

Mas o destino é assim: em toda a parte e em parte alguma; com todo o mundo e com pessoa alguma.

Chegamos a Kiev na véspera do 1.º de Maio. É uma das mais belas cidades de toda a União. Homens e mulheres formam uma raça soberba, artista de alma, laboriosa, limpa, um pouco orgulhosa demais e demasiado nacionalista. Muitos nepmans e prostitutas. Estas, às vezes, são meninas de quatorze ou quinze anos.

Amo a Ucrânia, que é a região mais próxima da România, e é pena que não lhe possa dizer todo o bem que penso de seu loco revolucionário (não o posso mais dizer de qualquer república, porque me aniquilaram o coração), mas confesso que dentre todas as censuras que ela merece, desagradou-me profundamente a orgia literária, escrivinhadora, a que se entregam, em ucraniano, todos os cabotinos plumitivos. Mostraram-me com orgulho 27 revistas em língua nacional, que se publicam entre Kiev e Kharkov. Três quartos delas são demais, nocivos, e arruinam o operário que não virou escrivinhador.

A Kino-Vufku, que acaba de inaugurar um dos estúdios mais modernos do mundo, parece-me também consumir demasiada energia proletária para a pouca arte que realiza. Meu cenário, que me rendeu dois mil rublos, um outro que fiz em colaboração com Nikos Kazantzaki, pago pelo mesmo preço, proporcionaram-me oportunidade para ver de perto o que se passa naquela casa: muito pouco talento, um monturo enorme. Milhares de cenários pagos e não montados. Uma multidão de burocratas, de artistas e de técnicos que esgotam o homem dos campos e da usina.

Por que teimar em meter o carro adiante dos bois? Por que pretender fazer arte e não fazer senão artistas-parasitas, quando ao mundo faltam pão, camisa e repouso?

Por que seguir o exemplo de uma civilização que sabota a vida?

* * *

MOSCOU

Encontro uma capital acalmada. Nada de banquetes monstruosos. Nada de bandos de loucos, a mobilizar ônibus inteiros. Na frente das cooperativas de consumo, não se vê mais o busto de Lenine, feito de chocolate, entre dois montes de manteiga. Congressos, conferências, discursos, sempre os há, mas apenas para os ouvidos da galeria interior. A Internacional é posta a repousar.

Do hotel Passage, onde alugamos um quarto, custa-me encontrar pelo telefone algum conhecimento feito durante o aniversário. Rakovsky está exilado em Astrakhan. Trotsky em Alma-Ata. No "Petit-Paris", encantador local de encontro de todos aqueles que desejam o bem da Revolução, mas cujos olhos não estão vendados — Pierre Pascal sorri com ternura, fala com prazer e não diz nada. Enfim, descubro que em casa de Pascal me consideram semi-oficial, e, para os do partido oficial, sou quase um membro da oposição. Eis-me envolto num isolamento que não me desagrade, porque gosto da luta. Que venham as hostilidades.

A primeira me descarrega um golpe que me faz bradar: meu melhor amigo de toda a Rússia, o publicista francês Victor-Serge (Kibaltchitch) está preso em Leningrado há um mês. Ah! essa, por exemplo, não engulirei sem revidar.

Eu conhecera Victor-Serge durante as festas, em novembro de 1927, quando nos fizeram visitar Leningrado oficialmente. Tendo lido alguns de seus trabalhos, fui visitá-lo em sua casa, à rua Jeliabova n.º 19, onde o encontrei no meio de uma numerosa e honesta família de trabalhadores, seus sogros, seus cunhados, sua mulher e seu filho, nove pessoas, toda uma colônia, todos valorosos, todos falando francês.

Desde o primeiro momento, sinto que me acho no seio de uma dessas denodadas famílias judias, que tanto frequentei e amei em minha vida. Além disso, esta aqui é inteiramente constituída de revolucionários que prestaram inumeráveis serviços à obra soviética e muito sofreram pela idéia. Parece que ainda agora lutam desesperadamente, pois que os

vejo em torno de uma mesa sobre a qual o caviar está longe de brilhar.

Sei que Victor é da oposição. Tanto melhor. Também os da oposição têm o direito de viver. Seria até uma desgraça que os não houvesse absolutamente, sobretudo aqui em que tantas coisas se fazem mal e são dignas de crítica. E Victor, com seu olhar fraternalmente inquiridor, sua inteligência, sua sinceridade, faz-me adivinhar nele o perfeito revolucionário que conheci melhor depois. Ligamo-nos espontaneamente, numa amizade que conhecerá todas as provas e cujas peripécias serão expostas mais adiante no ignóbil, no horrível caso Russakov (nome do sogro de Victor-Serge), que encontrará em mim um defensor sem reservas, mas impotente.

Por enquanto só se trata do prelúdio: a detenção de Victor-Serge, em abril de 1928, que teve seu eco em Paris. Estamos a 5 de maio. Para tirá-lo da prisão, não penso em nada mais senão em escrever um artigo e esclarecer a opinião. Digo-o a um amigo, que me responde que sou um imbecil. Como assim? Então não posso, eu, publicar um artigo na Rússia, minha pátria? Sim, para louvar o regime. E para salvar um inocente, não? Não.

Cabeceio como uma fera enjaulada. Rumino dentro de mim o dilema: ou Victor cometeu um crime, e deve ser punido; ou é inocente, e, nesse caso, lhe devem uma reparação. Mas como sabê-lo? Dizem-me que ninguém consegue saber se ele é culpado ou inocente, porque não dão as razões de uma detenção. Bem. Tomo isso por uma calúnia. Não obstante, digo a mim mesmo que se a verdade é tal, eu deixo imediatamente a Rússia, volto para a França e faço um barulho de todos os diabos. Naquele momento, tenho uma confiança absoluta na moralidade dos Soviéticos, julgo-os incapazes de uma iniquidade consciente e, se estou iludido, se me enganam, estou disposto a berrá-lo a todos os ventos.

Para começar, corro ao Guepeú, onde conheço um homem que tem na mão todos os fios da meada, e que me estima e é por mim estimado. Falo-lhe na amizade que me liga a Victor e em minha fé na sua lisura moral.

Ouvem-me com muitas atenções, e alguns dias depois Victor está livre. Rejubilome. Estais vendo? Não é o que pensais. Alguns sorrisos dolorosos poupam-me uma resposta que os acontecimentos deviam me dar mais tarde, causticando-me, pois eu é que era o imbecil.

Mas no momento, mais do que nunca eu me considero um homem capaz de fazer muito bem. Não Vêem que minha voz é ouvida na mais temível instituição da Rússia bolchevista? De que é que preciso mais para ser um homem benéfico? Detenhamo-nos pois e cultivemos um pouco aquelas relações, preciosas dentre todas.

BEKOWO

Visito os arredores de Moscou e alugo três peças numa datcha (casa de campo), a cerca de quarenta quilômetros de Moscou, na direção de Kazan. E temos o mimoso Bekowo por três meses: maio, junho e julho.

Quantas coisas sabidas! Quanta coisa a dizer! Mas tudo está morto e bem enterrado, a menos que o diabo me conceda dias suficientes para que eu me ponha de novo na empreitada.

Em Bekowo, achamo-nos em plena floresta povoada de rouxinóis e infestada de mosquitos. Ar, frescura, solidão, pitoresco. Alugam-se com esforço datchas ali. E os campônios fazem sonsas reflexões a respeito dos judeus, que são quase os únicos que as podem alugar não importando por que preço:

— Por que é que são os judeus que tiveram antes a "melhor vida", e são ainda os que a têm agora?

E eu sei lá por que? Primeiro que tudo, não creio mais no judeu doravante, mas no homem. Em seguida, não sei de nada, nem de sua boa vida anterior, nem da atual. Em compensação, vejo campônios invejosos, odientos, que constroem datchas às dezenas, em torno de nós, e que levam trezentos rublos por dois ou três cômodos vazios, ou, com um simples catre sem colchão e roupa de cama, 3.600 francos por todo o verão! Pois bem, se o judeu os paga mais depressa

que o russo, és tu, burguesia nova, que pretenderás que o dinheiro tem cheiro?

Nossa hospedeira é das mais amáveis. Fala-nos tão inteligentemente o russo e ouve-nos tão atenta, que nos entendemos às mil maravilhas. Como ocorrera com Michá, nossa algaravia russa diverte a família inteira, pois que a boa camponesa tem muitos filhos, os quais, sem serem judeus, nem por isso disputam menos as carreiras mais fáceis.

— Não tendes um piano, por acaso?

— Sim. Mas está a setenta verstas daqui.

— Mandai buscá-lo.

Concluimos o negócio e a camponesa escreve ao marido, que um belo dia chega com o piano. Em que? Palavra de honra, em cima de uma telega, através das setenta verstas, e por caminhos impraticáveis! Mas o instrumento é uma bela peça. Perguntamo-nos por quantos quilos de farinha fôra ele adquirido, por ocasião da terrível crise, na época em que, dizem, o camponês exigia "pelo menos" um lenço do transeunte que lhe pedia um copo d'água.

Execrável humanidade! Não fôsem o Moloque de nosso coração e o arrebatamento de nosso entusiasmo, ninguém sacrificaria uma gota de sangue pelo porvir d'este mundo indigno de melhor sorte.

MURMANSK

Em meados de julho, começo a ter dúvidas sérias sobre a moralidade do regime revolucionário, mas são apenas dúvidas. Nenhuma certeza. Quando me acho com uns, os descontentes, vejo-os tão lógicos em suas críticas, que me arrancam gritos de indignação; e quando passo a tarde com os outros, os do lado oficial, opõem-me argumentos tais, que quase tenho vontade de lhes pedir perdão por haver suscitado deles. Não trepido então. Marcho com a Rússia.

Nisto, ficam prontos nossos passes livres de viagem e zarpamos para o Oceano Glacial Ártico. O cretense chegou também. Um camarada romeno, munido de um salvo-conduto, acompanha-nos na qualidade de guia-intérprete, porém

à minha custa. Eis-nos quatro vagabundos, dentre os quais minha companheira, com liberdade de subir e descer como entendermos, em toda essa sexta parte do globo. Mas isso não é uma razão para abdicar o espírito de justiça. Não olvido, com efeito, que se não pago a estrada de ferro, se às vezes entendem de festejar-nos ou hospedar-nos, um verdadeiro dote me precedera quando cheguei à Rússia: dez livros e um filme que me tornaram popular em toda a União, como não o sou nem em França, nem mesmo na România. Mas já chegamos ao dia da prestação de contas? Seria triste, a princípio. Muito favorável a mim em seguida.

Subimos para o norte em linha reta, com uma parada em Leningrado. Impressiona-me fortemente a travessia da Carélia, com seus mil quilômetros de florestas ininterruptas e seus inúmeros lagos desertos. Essa via férrea, construída durante a guerra, custou a vida a milhares de prisioneiros dizimados pelo tifo e o escorbuto. Murmansk é o fim do mundo "civilizado". Achamo-nos em pleno círculo polar. Dunas sinistras. Uma cidade de barracas. Aquilo fede a peixe salgado. Uns raros habitantes, cabeça baixa, andar lento, cruzam-se em vastas extensões vazias, que não se podem chamar de ruas.

Um incidente. Mal descemos do trem, um agente da Guepeú considera-nos um minuto e depois, com um sinal feito com o dedo, chama o nosso guia, interpela-o e leva-o consigo. Não muito longe. Em frente à estação, onde há o posto. Pela janela vemos-lo zangar e revistar. Adeus "salvo-conduto"! Vão nos trancafiar a todos?

Não. Não há nada a temer quando ainda se é semi-oficial. Isso virá talvez. Faço mesmo votos para que isso aconteça. É preciso conhecer tudo. Porém os Soviéticos me privarão dessa experiência, e não conhecerei as prisões comunistas a não ser por haver visitado algumas delas como homem livre.

O camarada-guia sai furioso, vexado com a afronta. Vai reclamar no Comitê Executivo local. Fomos deixar nossas malas no hotel e partimos logo à procura do Comitê Executivo... do qual ninguém sabe nada, o qual ninguém sabe

sobretudo onde está instalado. Existe um partido comunista em Murmansk? Ignora-se.

Mais eis aqui a *Polarnaia Pravda*. Apre! Uma Verdade Polar! Deve ser glacial de fato!

Qual o quê! As criaturas mais ardentes moram nos polos. Convencemo-nos disso declinando-lhes os nomes e qualidades. Efusão. Pojaluista. O telefone ronca. O Comitê se mexe. Sois hóspedes nossos! *Spasiba!*

Visita ao museu polar. Muito interessante, muito instrutivo. Em Paris nem desconfiam da ignorância em que vivemos.

Visita aos grandes postos de salga de Murmansk. Instalações das mais modernas. Operários e operárias, cheios de entusiasmo, contentes com sua nova sorte. Administração laboriosa.

E eis-nos de partida para uma das mais raras excursões de minha vida: quatro horas de lancha-automóvel no golfo de Kola, até Alexandrovsk, entre duas colinas que clamam para os céus seu deserto lunar.

Visita ao Instituto Biológico. Maravilhas marinhas, que nos fazem corar de nossa ignorância. Diretor sério, capaz, homem de ciência e de fé. Não é uma sinecura, naquela extremidade da terra.

Enfim, retorno sob o famoso sol da meia noite. Quem nunca viu isto, deve vê-lo nem que seja à custa da prática de um furto.

KEM

Descemos novamente para o mar Branco. Desejamos visitar as terríveis ilhas Solovki, onde penam prisioneiros políticos. E é de Kem que se embarca. Mas não temos a necessária licença especial. Telegrafo a Moscou. Enquanto se espera pela resposta, vamos almoçar, encontramos inesperadamente no mais belo e melhor restaurante de toda a União Soviética. Pertence ao Guepeú e segue os seus trâmites, como deve seguir tudo o que pertence ao Guepeú: -- militarmente.

Ninguém percebe remuneração. Do diretor ao lavador de pratos e até à orquestra, todo mundo é a um tempo prisioneiro e livre. Livre para mexer-se dentro de Kem. É uma situação preferível à que se experimentou em Solovki. Por isso, cada qual ali se interessa pela coisa e tudo vai que é uma maravilha.

Serviço europeu, impecável. Cozinha acima de qualquer crítica. E umas criadas ideais: belas "ex-nobres", amáveis, um pouco melancólicas. Tentamos fazê-las dizer qualquer coisa. Impossível. Mudas.

No restaurante, uns camponeses ricos, com suas famílias, deixam sobre a mesa somas impressionantes.

Mas se em Kem se come bem, para dormir não há nem bom nem mau. Não há nada. Protestamos. Enfiarm-nos em duas peças, cujo mobiliário se reduz a dois leitos, o que é primoroso. Menos primorosos são os percevejos que se abalam em cavalgadas, mal nos esticamos para uma sestasinha. Até à vista, meus benzininhos! Levantamos acampamento imediatamente. Vamos para o hospital, onde nos amontoam todos quatro num quarto de enfermeira, dois numa cama e dois no chão. E passamos a noite atordoados com os berros de uma mulher que — numa peça contígua — lutou entre a vida e a morte para salvar uma vida.

No dia seguinte deixamos Kem, renunciando a Solovki e à resposta de Moscou; esta virá, afirmativa, três dias depois e não nos encontrará mais.

R. R. S. A. M.

Agora é uma descida na extensão de três mil quilômetros, que nos levará às portas de Odessa, a Tiraspol. Vamos para a R.R.S.A.M., letras cujo sentido meus amigos romenos jamais adivinharão. Pois bem, trata-se da República Soviética Socialista Autônoma da Moldávia, o que é um pouco longo, como tudo que é soviético. Mas quando se é de mãe e língua rumenas, como eu, vale a pena fazer tal viagem; mórmente se se duvida dos corações de ouro que lá nos aguardam, para mostrar-nos a Moldávia comunista com mãos à obra.

Comunistas, moldávios ou outros, só os há de nome. Essa espécie é tão desconhecida da U.R.S.S. quanto do mundo. Denominam-se assim, e eis tudo. Em verdade, coisa alguma está em comum, a começar pelo pão, que aqui se arranca da boca mais do que em qualquer outra parte. Mas se não há comunistas, nem mesmo socialistas, há coisa melhor: há a intenção do homem superior, que quer dar ao escravo uma vida melhor. Se nem sempre ele pode o que quer, levaremos em conta se é verdade que jamais devemos condenar um homem pelo que ele não pode, mas pelo que não quer?

Ora, a U.R.S.S. é a única parte da terra onde realmente o homem quer muito: onde realmente suas intenções são revolucionárias. Eis porque não podemos mais virar nossos olhos para outro ponto cardinal que não aquele Oriente de onde virá o porvir.

A República Moldávia, essa borboleta rumena pousada no elefante soviético, foi para mim um exemplo típico daquilo que não se pode. Ela o foi igualmente daquilo que se pode e daquilo que não se quer, porque a U.R.S.S. se mira inteirinha muito melhor em seus pequenos lagos do que nos grandes. Por toda a parte, a mão de Moscou apalpa febrilmente a vida de Moldávia e quer, quer de todo o coração, arrancar-lhe a criança de amanhã. Eis porém a desgraça. Faltam àquela mão paciência, habilidade e higiene; e a infecção ameaça tanto a mãe quanto os olhos do bebê. No entanto, Moscou não quer saber de conselhos. É uma velha porcalhona, que cuida mais do interesse próprio do que da saúde da criança e das condições em que nascerá.

Em parte alguma, em toda a extensão da União, encontrarei, como na Moldávia e na Armênia, homens mais simples e mais desinteressados, entregues com maior entusiasmo à obra de reforma social. Sente-se que todos os músculos do organismo do minúsculo Estado são tensos por um único fim: alimentar de vida nova os que constituem o número e só a eles. Escolas, hospitais, sanatórios, fábricas modernas, usinas de força elétrica, jardins-de-infância, creches, kolúhoz, sovkhoz, surgem de cambulhada, a ponto de não mais se reconhecer

a mesma região, um ano após uma primeira visita. Nessas duas repúblicazinhas órfãs, os comissários do povo se vestem como mendigos e passam mal para deslindar os problemas de cada fim de mês. Conheço um deles que, para me acompanhar em excursão, teve de arranjar emprestados vinte rublos, que deixou com sua mulher durante sua ausência. A doutora Ecaterina Arbore, comissária da saúde pública da Moldávia, ao tornar-se da noite para o dia simples cidadã, não encontrou mais abrigo em Moscou (e no entanto não era trotskista").

Onde é que já se viu isso, senão naquela terra?

E no entanto, o artificial espreita a obra, ameaça derruí-la, como em nossa formosa lenda do mosteiro de Argesh, cujas paredes ruíam de noite, à medida que de dia eram levantadas. Que sacrifício será pois necessário para acabar com essa desgraça? Na lenda, foi suficiente o de uma alma humana. E o arquiteto, mestre Manole, não hesitou em murar sua própria esposa para que sua obra triunfasse.

Que deverão murar os arquitetos comunistas, para verem triunfar a sua? Não têm, também eles, uma esposa que se chama Doutrina e é infinitamente mais culpada que a inocente mulher de mestre Manole? Não é a ela que a obra socialista deve todas as suas desgraças?

Ai de mim! hoje em dia os homens amam menos sua obra que suas esposas. Não há mais mestre Manole.

O VOLGA

NIJNI-NOVGOROD-BALAKHNA

Sabe-se no Ocidente que no Volga se viaja em excelentes condições? Nós tínhamos as nossas dúvidas. Mais ainda, preparávamos nossa resistência física para o provável assalto de alguns inimigos do corpo: insetos parasitas, pratos intragáveis, embarcação jogando horrivelmente. Imaginávamos o Volga sulcado por abomináveis caravelas carcomidas, munidas de maquinária primitiva e gemendo sua secular fadiga.

Foi uma revelação que nos tornou confusos, mas que saudamos com gritos de alegria. Radichtchev, Pravda, Ler-montov, Spartacus, 3.^a Internacional, são modernos navios fluviais, cujo conforto, cozinha, serviço, escrupulosa execução do itinerário não cedem em nada aos melhores de seus rivais da Europa ocidental. Além disso, em barco algum na Europa se comem o esturjão, o caviar fresco e — se se tem vontade — as deliciosas melancias do Volga — acepipes, pratos e sobremesas — de que nos fartamos até quase estourar, entre Nijni e Astrakhan.

E' verdade que é um pouco caro para a bolsa de um proletário, mas ainda assim é bem mais barato do que na generalidade das bodegas parisienses com pedantismo e laçaios.

Com quatro rublos, em primeira classe, come-se aquilo que somente o Volga nos pode proporcionar, e bebe-se o Tsinandali ou o Naparauli que só o Cáucaso amadurece ao seu sol.

Resolvemos chegar a Nijni de improviso, para vermos e ouvirmos, a deambular solitários, aqui e ali. Com efeito,

agora não temos mais guia nem salvo-conduto. Somos livres. Dois casais à procura da fé. E logo naquela manhã de vagabundagem incôgnita, ouvimos queixumes que nos entristecem. Tais queixumes multiplicar-se-ão doravante e por toda a parte serão semelhantes: a sorte do operário que não é senão operário, a do camponês que não passa de camponês, ou, pior ainda, a sorte do trabalhador que resmunga, não têm nada de agradável sob a ditadura comunista. Pouco trabalho e mal remunerado, desemprego, privações, perseguições — de um lado; favoritismo, seleção rigorosa, abusos, sinecuras, desvios de dinheiros, espionagem, politicagem — de outro lado. Os que nos falam não nos conhecem, mas vendo-nos, estrangeiros, sem guias, abrem-se a nós, sinceros, magoados e sempre fiéis ao regime cujo advento é obra sua. Porém sofrem, queixam-se e querem que isto mude.

Precisamos de um pouco de paz, de um tiquinho de bem-estar, da segurança de uma existência de labor. Basta de discursos, de ostentação e de política venenosa. Já não aguentamos mais. Mas isso só interessa a nós. E que saiba o estrangeiro que nos bateremos sempre como leões, e melhor do que há dez anos, porque agora sabemos que o que pode vir de fora é pior do que aquilo de que nos queixamos.

Está aí uma linguagem verdadeira. Pode entristecer-nos. Nem por isso deixa de animar-nos. E não temos mais nada a aprender, quando amáveis personalidades oficiais nos vêm mostrar caras alegres e burilar uns quadros que para nós não são mais do que um ornato, um ornato real, do qual restará com certeza uma parte, mas que afinal de contas é ornato.

Foi assim em Nijni-Novgorod e assim será por toda a parte. Gostaríamos de encontrar a mesma impressão na fisionomia do camarada Barbusse, com quem nos encontramos aqui, como nos encontraremos em Sukhum. Mas em Nijni ele se acha doente, no hospital, porque viaja de avião, em que há correntes de ar demais. E em Sukhum tem ele muita pressa, porque vai aos confins das montanhas para ver "o homem mais velho do mundo".

Assim limitamo-nos às visitas que se dignam de fazer-nos realizar. E tudo é belo. Bellíssimo. Sobretudo aquela for-

nidável fábrica de papel de Balakhna, perto de Nijni, a qual é uma das quatro maiores fábricas da Europa, mas que não vai para a frente e continuará a não ir para a frente porque o carpinteiro não pode virar farmacêutico da noite para o dia. Mas o ornato! Ah! as suntuosas "habitações operárias"! as soberbas vilas construídas em torno da fábrica, em plena verdura, e que fariam empalidecer de inveja todos aqueles operários da América, dos quais se diz que cada qual possui o seu Ford! Que é um "calhambeque" ao lado de uma vila igual àquela em que moram em Balakhna os operários soviéticos?

Operários! Que operários?
É melhor não insistir.

KAZAN

Eis-me no reino daqueles terríveis tártaros, cuja espantosa memória ainda hoje em dia serve às mães rumenas para acalmar seus filhos turbulentos. Eis aí os tártaros e dir-se-ia que os tártaros já lhe correm em cima, são expressões de terror que se ouvem, ainda em nossos dias, nas planícies rumenas. Mas é apenas uma lembrança. Gêngis-Cão morreu. Não há mais tártaros. E Kazan será a cidade do Volga que viverá em nossa memória, como uma das mais amigáveis, das mais entusiasmadas, que temos conhecido na U.R.S.S.

Oficial ou não oficial, aqui o homem se acha mais próximo de sua boa natureza de vencido quatro vezes secular. É pobre e sujo. As epidemias o rôem, mórmente o tracoma, que o cega. Eis porque a mais bela obra comunista que os tártaros realizarão será o magnífico Instituto destinado a lutar contra essa terrível moléstia dos olhos. Levam-nos em seguida a uma centena de verstas, afim de mostrar-nos o ignorante, o irmão: o campônio fanático, supersticioso, imundo e recalcitrante. Eles não se vangloriarão, não se "pavonearão" como tantos outros, mas dir-nos-ão simplesmente, abrindo os braços:

— Eis aí o que herdamos do czar! Devemos reabilitar este homem, e somos pobres.

Não são glutões nem bebedores. O banquete que nos darão, será, pelo contrário, frugal. Nada de discursos, porém gritos de alma.

No cais, tanto à chegada como à partida, é em multidão compacta que comparecem, exuberantes e tímidos. E antes de nos separarmos, fazem questão de oferecer a cada um de nós um casquete e um par de babuchas tártaras.

Oh! valoroso Kutui! Excelente Maomé Nurdin Sultanov! Quando nos tornaremos a ver? E tu, Taghirov, que me parecias o mais sólido de todos, por que estouraste o crânio? Eras um homem de fé ou um moleque?

SAMARA

Aqui se dará comigo um incidente que terá eco em França e foi deturpado de maneira tão maldosa, que sou forçado a restabelecer os fatos. Eis primeiramente aquele eco, tal como apareceu em *Le Temps* de 16 de outubro de 1928:

RUSSIA — O Commissariado da Instrução Pública prossegue na destituição de antigos altos funcionários que ocupam vários lugares nas administrações científicas e nos museus.

Assim, já foram destituídos: Grave, antigo membro da Corte de Cassação; Childlovsky, antigo governador; Minkovitch, antigo diretor do Departamento do Interior.

Quanto aos empregos nos museus, destituem-se todos os titulares que, no passado, foram hostis ao bolchevismo.

Coisa curiosa, essa medida teria sido inspirada aos comunistas pelo romancista Panait Istrati que, ao visitar o museu de Samara, chamou a atenção das autoridades soviéticas para o fato de haverem reunido em tal museu uma bela coleção de borboletas da África, ao passo que ali nada se vê que recorde as fomes de outrora e as guerras civis.

Não "inspirei" coisa alguma "aos comunistas", nem jamais "chamei a atenção das autoridades soviéticas" para o que quer que seja. (Sim, chamei uma vez aquela atenção, e com a violência que se verá na terceira parte deste livro; o que não teve repercussão a não ser na dor humana, ai de mim!, e não podia, de modo algum, colocar-me na posição de espião, como insinua *Le Temps* quanto ao incidente de Samara).

Essa cidade — centro da mais terrível fome que até então tem flagelado o planeta — não possuiria nada susceptível de atrair até si o historiador ou o escritor dos antípodas, a não ser um museu em que se encontrasse toda a documentação concernente ao flagelo que custou a vida a seis milhões de seres humanos, em 1921 e 1922. E naturalmente, ao chegar ali, pedi que me levassem a tal museu, não duvidando de sua existência num país de museomanos imberbes.

Lá nos levaram, e passamos de uma sala para outra, sem vermos outra coisa que não as bobagens que se amontoam em não importa que museu de província de não importa que país.

— Mas onde está então o vosso museu da fome?

— Ainda não o instalamos, camarada. Falta-nos lugar.

— Como? Não vos falta lugar para expor todas essas bugigangas; e falta-vos para aquilo que somente vós possuís no mundo? Mostrai-nos os documentos.

— Estão trancados, e a chave está com o diretor, que não está aqui.

— Peço-vos ir buscar já o diretor ou a chave. Estamos aqui para isso.

Apressam-se. Vem atender-nos um velho barbado. Achamo-nos em presença de tal material documentário, que estremeçemos de horror. As fotografias são imagens de pesadelo. Os espécimes daquilo que denominavam "pão" no tempo da fome, são inverossímeis. Os relatórios dos policiais que iam investigar onde se davam casos de antropofagia, são narrativas que escritor algum jamais poderia inventar. O conjunto fala com eloquência de uma época de suplício, que nos revolta por sermos homens.

Mas quase todos esses documentos, conservados num só

vão escuro, estão já deteriorados. E como peço algumas provas fotográficas, respondem-me que o museu não possui as respectivas chapas:

— Foi um fotógrafo particular que as tirou, porém morreu em sua empreitada, contaminado por tifosos famintos que fotografava.

Os heróis morrem, está certo. Por isso, só posso olhar com desprezo os simplórios que reúnem à nossa frente os preciosos objetos, afim de os enfiar de novo, durante anos, em lugar onde um dia não se achará mais do que um monte de pó. E como nos apresentam o livro-registo para escrevermos amavelmente nossas excelentes impressões, eu escrevo: Os conservadores deste museu não são camaradas, mas contra-revolucionários. E enumero as razões de minha apreciação.

Nisto, os jornalistas que nos rodeiam, apanham a bola e jogam-na mais longe. O que a seguir ocorreu, eu só o soube através de *Le Temps*, que sabe tudo e o diz em bom francês, desonestamente. Esse jornal, para o qual eu nunca existi, não me descobre senão para relatar minha expulsão da Grécia e dizer que Ieroz tchekista (espião) eu me tornara na Rússia.

Pobres simplórios!

SARATOV-POKROVSK

O que há de mais importante em Saratov, é ir ver a República dos Alemães do Volga, cuja capital, Pokrovsk, está na margem oposta do rio. Infelizmente não a pudemos visitar senão às carreiras. Mas basta ver aqueles homens, para notar a diferença de raça e de costumes. Aqui, como na Moldávia soviética e no Cáucaso, descobre-se o mesmo colono alemão, sóbrio, bom organizador, inteligente, limpo, tenaz no criar, não importa onde, o máximo de bem-estar. Na Rússia, sua casa ordenada e próspera é assinalada de longe, a surgir como um penhor de civilização no meio de uma barbárie miserável.

Ilhotas assim, de exemplar economia alemã, temo-las também na Romênia. Nasci e vivi em sua vizinhança. Ao

lado de Braila, em Baldovinesti, pode-se ver a Satu Nemtesk (a aldeia alemã): as mais belas casas, o mais bonito gado, os homens mais pacíficos, exatamente como na Rússia, cujo campônio é o irmão infeliz do nosso.

Que farão os comunistas daqueles lares prósperos? Parece-me perceber, nos olhos dos dirigentes de Pokrovski e em suas palavras firmes, a decisão germânica já disposta a revoltar-se contra qualquer veleidade que ameaçasse reduzir a fatia quotidiana de schnitzel acompanhado (bife a cavalo), que a vida deve a todo bom alemão.

Foi a única região onde nossa passagem se limitou a visitas, sem comilâncias, sem bebidas, sem a menor alocução. Conservei-lhe a boa lembrança.

Mas como tínhamos fome, ao deixarmos sua República, pedimos a nossos guias que nos levassem a qualquer parte onde, nos matagais ensombrados do Volga, pudessemos saborear um borchtch (sopa) de esturjão, preparado na hora, por autênticos pescadores. E eis nossa lancha-automóvel a deslizar como uma flecha. Durante horas esquecemos a fome para não mais nos saciarmos senão do espetáculo oferecido a nossos olhos pelas margens agrestes daquele grandioso rio. Eu revivia minha infância, o campo de ação de Codine, (*) o império de nosso selvagem Danúbio.

Chegamos a uma encosta das mais ocultas à "civilização", onde homens, mulheres e crianças saíam como animais selvagens de cavernas cavadas na areia. Belos e numerosos apetrechos de pesca secavam ao sol. Solidão hostil. Nenhum acolhimento.

— Achamo-nos em casa de pescador kulak, diz um de nossos guias. Ele não gosta de nós.

Era o que se estava vendo. O patrão, poderoso com sua abundância e abominando os comunistas, vem assim mesmo, de cara fechada, indagar-nos o que é que futricamos ali. Ante o desejo que lhe exprimimos, ele tirou do Volga um esturjão do tamanho de um bezerro, no-lo mostrou durante

(*) Personagem de romance do A.

um segundo, disse-lhe o preço e atirou-o de novo em sua prisão submersa, sem esperar nossa resposta.

Afastamo-nos. Não foi o preço que nos enxotou, mas o ódio do homem, pois não tínhamos ido lá por causa do esturjão. Fomos adiante, encostando à barranca hospitaleira de pescadores pobres, que nos acolheram fraternalmente, acenderam uma verdadeira fogueira e nos prepararam um gargantuesco borchtch, mas cujos esturjões não eram maiores do que uns gatinhos enfeitados.

— Por que é que dentre os mesmos pescadores, nas mesmas águas, um apanha uns bezerros e outro uns gatinhos?

— E' que, estamos vendo, um tem o capital; o outro tem apenas seu bom coração.

STALINGRADO

Tovarichtch Staline, assim como o pescador kulak, também não devia gostar de nós, pois na noite em que nos aproximamos da cidade que traz o seu nome, nosso barco encalhou. Foram necessárias longas horas de esforços para fazê-lo flutuar de novo. No cais de Stalingrado, onde acostamos com grande atraso, ninguém nos veio ajudar a desembarcar. E tínhamos pressa de chegar a Asfrakhan, domicílio de Rakowsky, termo de nossa viagem no Volga.

Não nos mexemos pois:

— Terá algum vontade de visitar a cidade desse kulak do comunismo?

— Não, não!

— Pois bem! pra frente, ao embaixador caído em desgraça!

ASTRAKHAN

Embocadura do Volga. Cidade fedorenta. Miríades de mosquitos. Peste, malária, cólera.

— Levostchik! levai-nos ao melhor hotel da cidade.

— E' o Komunálnaia Gostinitsa.

No Hotel Comunal, peço dois quartos:

— Limpos, estão ouvindo?

— Limpos.

Instalação dos leitos, que me parecem suspeitos. (Tenho-lhes a experiência). Emborco-os, e eis os espantosos percevejos, dos quais o meu passado foi tão rico. Mas agora não quero saber mais deles. Tenho, também eu, o direito de viver sem percevejos, tanto mais quanto pago muito caro.

Furioso, saio para o corredor, que é escuro, e faço um estardalhaço à rumena, convencido de que se pode perdoar tudo aos homens, salvo o se deixarem devorar pelos percevejos, e viverem e acomodarem-se com esses bichos (fáceis de extirpar), como se vive e se acomoda com uma perna de pau. Em minha pobre infância, experimentei tudo, menos esse suplício, que minha mãe não tolerava: "A abundância é difícil de adquirir, dizia-me ela, mas o asseio está ao alcance de todo o mundo". E quando na Criméia vi umas casas para educação da infância abandonada, mas onde essa infância era prisioneira de milhares de percevejos, disse eu que valia mais bater naquelas crianças e obrigá-las à limpeza, do que ser brando com elas e deixá-las crer que aquela bicharia faz parte integrante do nosso organismo.

Assim, xingava eu no corredor, a reclamar camas sem percevejos. Ai, se abre uma porta, na escuridão, e um homem rechonchudo vem a mim:

— És tu que xingas assim?

— Rakowsky! Como? Então moras num hotel cheio de percevejos?

— Não. Quase não os há. E' por causa de um congresso que se realiza neste momento; foi preciso arranjar leitos não importa onde.

Precipitamo-nos em seu aposento: um quarto apenas; cinco pessoas ali mal podem entrar. Um biombo oculta o leito e a pia. Malas abarrotadas de livros. Uma mesa repleta de papéis. Rakowsky trabalha numa *Vida de Saint-Simon*. Eis porque o encontro gordo, inchado, molengo, por isso que ele é homem para lutar, e não para escrever vidas. Além do mais, está com malária. Tem ainda não sei que outra moléstia, impossível de tratar em Astrakhan.

Mas não é o "tartufo". Sempre disposto a lutar e mais do que nunca convencido de que... De que? Eu não saberia dizê-lo. De suas palavras nascem muitas convicções, mas quanto a defini-las, trabalho perdido. Porque, meus amigos, os embaixadores bolchevistas são ainda diplomatas.

Assim, prefere ele falar-nos com entusiasmo do lotus que teima em crescer aqui, como se estivesse no Egito, e descreve-nos sua melancólica existência de flor acuada pelo frio. Exalta ainda a obra de fertilização dos areais circunvizinhos, aos milhões de hectares, com o auxílio de plantas especiais.

— Precisais ver esses dois milagres do delta do Volga.

Permanecemos ali oito dias e vemos-os. Aos areais, se bem que muito afastados, ele nos acompanha em pessoa, a convite bondoso das autoridades locais, que lhe pedem facilitar a tarefa do velho amigo que sou para ele. E eis-nos oficialmente admitidos na intimidade do grande proscrito, que transforma nossa estada naquela cloaca pestilenta numa alegria de todos os minutos.

O camarada Orloff — homem que um dia desceu num poço afim de lá deixar para sempre suas duas pernas — é o fanático promotor daquela obra de gigantes, que pretende, não só fixar as areias que carregam aldeias inteiras e ameaçam obstruir a embocadura do Volga, mas ainda torná-las acessíveis à cultura. É perspectiva para um romance épico. Não acompanharei as explicações técnicas que nos declama com volúpia aquele herói paralítico, mas admirar-lhe-ei a fé e a de nosso intérprete ocasional que, tendo perdido também ele, não suas pernas mas as asas, agarra-se às muletas e lá se vai com ele através da imensidão das estepes, onde é impossível acompanhá-los no meio dos espinhos que nos ensanguentam as mãos e o rosto.

Eles nos esquecem. A noite que desce nos isola uns dos outros. Um silêncio de cemitério abafa as vozes dos que se chamam entre si, cada qual a lutar com a lama e os espetos para achar de novo o caminho até ao rebocador que nos espera a uma légua.

Sómente o sem-pernas e o desasado, lá em cima da coli-

na, com os rostos avermelhados pelos derradeiros raios do crepúsculo, gesticulam, jogam-se para a direita e para a esquerda, examinam as urzes, descrevem com os braços largos círculos que querem abraçar a terra e se mostram entre si a marcha do bolchevismo no mundo.

Alguns dias depois nós vamos, sem Rakowsky, visitar o lotus, que está a um dia de barco no labirinto do delta, imenso império de plantas raras, de animais e pássaros selvagens, onde ninguém tem o direito de caçar nem de pescar. Um rebocador de rodas, *Tov. Staline*, lá nos leva, rodeados de oficiais, dos quais um que parece ser o chefe da excursão, afigura-se-me pouco inteligente. Ele me censura a simpatia pela Oposição, cujos líderes não passam de "traidores". E para provar-me que é isso mesmo, traz um argumento delirioso, ridículo e inédito. Ei-lo:

— Sabeis o que disseram os moradores de Alma-Ata, ao verem chegar Trotsky?

— Não.

— Pois bem, eles disseram: Eis que volta o antigo regime!

— ?!

TRANSCAUCÁSIA

TIFLIS

Deixo Astrakhan levando-lhe a malária. As últimas quarenta e oito horas de nossa permanência nessa cidade, passo-as de cama, onde uma febre cavalgar me devora. Não obstante, levanto-me e partimos, através do Cáspio, para Makhatch-Kala, donde tomamos o trem para Tiflis.

E' a segunda vez que penetro na capital da Geórgia. E lá voltarei três vezes ainda, depois de estar em Erivan, em Baku e em Kakhécia.

Tiflis é a mais bela cidade da União e aquela onde a fila é mais longa para se conseguir pão. Essas filas começam às três horas da madrugada. Delas e de muitas outras coisas mais, os escritores franceses, comunistas "na linha", não falam.

Assim, poderia eu, por meu turno, escrever um livro, e até dois, unicamente consagrado à Geórgia e não contendo senão o necessário para encher os vazios imensos que intumescem a mais não poder as páginas daqueles livros muito prudentes, muito imbecis, absolutamente falsos e totalmente incompreensíveis, nascidos da pena de certo escritor que já foi homem uma vez e que teria lucrado em continuar a sê-lo.

Pobre mundo... Pobre arte... Pobre consciência humana... Como sois lastimáveis, desprezíveis! Um ossinho para vossa goela e uma migalha de vaidade para vosso coração sêco bastam-vos, enchem-vos de ventura e de tranquilidade, tornam-vos cegos, surdos e mudos, transformam-vos numa lesma e fazem-vos olvidar a extensão do sofrimento que derramam por toda a terra os tiranos que vos avassalam!

Tiflis, Geórgia, Transcaucásia, a União Soviética inteira:

não é aqui nem hoje que poderei dizer o que sois. Mas vomitarei já já o símbolo daquilo que fizeram de vós. E é só assim que não terei comido em vão o vosso pão.

BORJOM

Nosso itinerário prevê, nesse fim de setembro, uma parada de um mês, afim de classificar nossas impressões e, se possível, escrever nosso primeiro volume. Por minha parte, sinto já que sou um homem perdido: nada de alegre sairá de minha pena. Mas o cretense, que é poeta, se esforça por dizer tão habilmente as coisas, que continua sendo possível a publicação de nosso livro em Moscou. Bem. Não se quer outra coisa em Moscou, isto é, não querem senão publicar artigos nossos que estejam "na linha". Isso daria também um jeito em nossa bolsa comum, que está bem doentezinha, mas é necessário que esse jeito não se faça a todo custo.

Solicitamos ao governo georgiano que nos proporcione a permanência de um mês, sem pedir-lhe outra coisa a não ser colocar-nos nas condições de vida de qualquer cidadão soviético, que não seja nepman ou comissário do povo, pois não podemos mais pagar só pelo quarto de casal cinco ou sete rublos por dia.

Cumulam-nos de generosidade: o governo oferece-nos completa hospitalidade em sua própria casa de repouso, em Likanski-Dvoretz, perto de Borjom. É suntuoso. Achamo-nos no antigo palácio de verão do grão-duque Mikhail Nicolaevitich Romanov, assassinado. Aquilo fede um pouco a sangue, e a nova felicidade sangra.

Permanência inolvidável, às vezes triste, frequentemente melancólica. Região divinamente pitoresca, montanhas agrestes, rios. Depois da famosa estrada militar de Vladikavkaz, que percorremos de automóvel, ao sair de Tiflis, rodamos para Tsikhisvari e Abastuman. Sucede-me não poder crer que tanta ventura possa existir na terra, e reservada a uma parte ínfima da humanidade.

E o cretense escreve, escreve, ao passo que eu me desespero e engulo quinina quatro vezes por dia.

* * *

ERIVAN

O armênio é um homem que conheço bem, tão bem quanto o grego e o judeu. Os três me são muitíssimo simpáticos, malgrado seus defeitos, dentre os quais aquele que mais se lhes censura consiste em crer que se o sol viesse a desaparecer para sempre, eles seriam os primeiros entes humanos a poder acomodar-se com isso.

O que não é precisamente um defeito. Cada vez mais me convengo disso na Armênia, que não passa de uma ruína, horrorosa e que será a primeira a se reerguer dessa ruína, graças à capacidade de adaptação do armênio e a despeito do comunismo. Sim, a despeito. Porque hoje que sei (e velamos) o que se tornou entre as mãos ignóbeis do homem, já não é mais o comunismo a meus olhos senão um malbaratador de vidas. Diante dele nós não somos, aí de mim! senão carne para canhão, justamente como diante do capitalismo, mas por motivos diferentes, o que afinal será um belo motivo de vaidade para os operários da usina...

A falsidade do homem do poder que trapaceia com a verdade, é tão evidente em Erivan como nas demais partes da União e na Internacional. Aquela homem fede a mentira, a hipocrisia, a falso entusiasmo e às vantagens que sabe tirar.

Mas aqui, ao lado da mentira, realiza-se muito trabalho todos os dias. É que o armênio é mais sóbrio, mais econômico que os outros. Jamais ele perde o norte. Já não lhe é mais permitido enriquecer-se sozinho? Pois bem, enriquecer-se-á em comum. E quem sabe? Em tal dia, talvez o próprio Etchmiadzine e seu Katholikos não se acharão mal de todo?

Eis por que o armênio é uma bezerra que mama em duas vacas: a soviética e a armeno-americana, das quais não tira pouco leite não. O que ela não tem, ela própria o prepara no local, pacientemente, laboriosamente.

* * *

AKHALTSIKH-BARDZIA

Recordar-me-ei para sempre daquele pequeno tapeador, por causa do grande número de bolcheviques de raça que ali descobrimos, dentre os quais o presidente do soviet local particularmente, homem que nos inflamou com as terríveis histórias de guerra civil que vivera.

Aliás, essa seleção se justifica em Akhaltsikh, região devastada por incursões de bandidos turcos que atravessam a fronteira, roubam, matam e voltam para junto de Kemal Paşa. Foi preciso provar que se tinha pulso. Massacraram-nos impiedosamente. Agora nos afirmam que a região está "mais tranquila" e convidam-nos para uma penosa, mas belíssima excursão a Bardzia, distante 43 quilômetros dos quais uma boa parte só se pode percorrer a cavalo. Pretendem primeiramente nos dar uma idéia da agrestia daquelas montanhas caucasianas, bem mais imponente que a do Vladicaucaso, e em seguida mostrar-nos a cidade troglodítica e as ruínas daquilo que constituiu outrora o orgulho da famosa rainha Tamara.

Aceitamos com entusiasmo, todos, até as mulheres, porque é uma alegria para nossos corações ouvir aqueles bolcheviques, cuja fé está intacta e cuja vida é bem dura, naquele buraco perdido do Cáucaso. Mas quando nos apercebemos do número de homens armados que nos acompanham, e depois, já instalados em nossas montarias, os seis carabineiros a cavalo que nos vão escoltar, ficamos um pouco desconfiados daquilo a que chamam uma região "mais tranquila!". Mas lá vamos apesar dos pesares.

E jamais nos arrependemos disso.

Foi naquela estrada que vimos uma estação agrônômica construída em cima de uma antiga prisão czarista. Por que é que não se é somente assim, quando se é bolchevique?

* * *

BAKU

Não esperem que eu exalte as sondas, que eu conhecia

aliás, por tê-las visto em minha terra. Não se trata senão do petróleo, de que em nossos dias só se utilizam para passear, pela terra e pelos ares, os devassos deste mundo, e que é o germe do próximo massacre universal.

Em Baku, estamos também pela segunda vez. Recordam-se disso. Surgem caras conhecidas, todas amáveis, porque o homem é amável, assim que vê um sorriso nosso. E não podemos proceder de outra maneira, diante de criaturas que não são as mais defeituosas e a todos recebem de braços abertos.

Nova visita às sondas, ou poços, que se tornam densos como uma floresta. Quanto à sorte do operário, que sei eu? Que posso saber, comparando cifras? Conheço a sorte do operário, quando me acho lado a lado com ele a trabalhar. Mas hoje, quando desço dos carros oficiais apenas para sentar-me a mesas oficiais, não quero nem mesmo ir interrogá-lo: ele rombará do cavalheiro que me tornei ou mentir-me-á. Não me "farão" mais isso.

Em verdade, vemos "treze cidades operárias que abrigam vinte e cinco mil almas", todas novinhas em folha, todas confortáveis, confortáveis demais. Penetramos em vários lares. E' bonito, é cômodo. Aclamam-nos. Respondemos com sorrisos. "Passai-me ruibarbo, que vos passarei sene" (Uma não lava a outra).

E deixamos a região do ouro negro, sem saber coisa alguma do tumulto que a agita, a não ser que no palácio, em que vivemos, certo nepman e certo comunista dividem entre si, fraternalmente, o mesmo prato copioso.

* * *

TELAV (KAKHÉCIA)

Vimos aqui visitar a região do famoso vinho de Tsinandali, mas a mim, pessoalmente, é outra coisa muito diferente que ali me atrai: Telav é um centro de terror burocrático, consequência impiedosa da cruel repressão vermelha de 1923, por ocasião do levante nacionalista, quando regiões inteiras

foram literalmente dizimadas. Eis aí o meu vinho Tsinandali.

Eu gostaria de voltar ali, acompanhado de um guia de minha escolha. Não foi possível. Estávamos em Tiflis. Impingiram-nos a princípio uma espécie de "escritor proletário" munido de não sei que importância em dinheiro, de que não precisávamos. Mas na noite da partida, o borracho "proletário" se embriagou de rijo, chegou atrasado, fez-nos perder o trem de meia-noite e vomitou no bonde durante todo o trajeto entre o hotel e a estação, tanto na ida como na volta.

Queixei-me disso ao presidente Makharadze e ao comissário Todria, homens respeitáveis, velhos bolcheviques, que ficaram indignados. E foi em companhia do próprio secretário da presidência, o camarada Metrevelli, que embarcamos em Telav. Compreenderão que, nessas condições, quase não me foi possível mexer-me. Não obstante, uns gregos de origem, que encontrei em Kakhécia, disseram-me o suficiente para que, a partir daquele momento, meu coração se estriasse definitivamente para com um regime que expulsa o camponês georgiano de seu lar, intima-o a ir-se embora para onde quiser e faz ocupar sua pobre casa e seu cantinho de terra por uns "lôbos na linha".

Uma noite eu pude sair só e ir ver uma dessas infelizes famílias, que erram por toda a região, a morrer de fome e a dormir na plataforma das estações: é de se morrer de tristeza.

Eis aí o que fizeram da Geórgia...

Pobre simplório.

* * *

BATUM, SUKHUM, NOVI-AFON

Quanto a mim, agora, é a degradingolada da fé. A Transcaucásia, império do arbitrário, dá a mão ao Cáucaso, terra de orgia comunista, e ambos completam a regra geral da U.R.S.S. Nenhum traço de uma vontade que se exerça de baixo para cima. Opressão do alto. Os pequenos governos regionais não fazem mais do que obedecer a Moscou. Eis o

tom da política em vigor: esmagar qualquer veleidade de independência espiritual e de verdadeira crítica; servir-se de quem quer que seja que aceite votar "na linha", partido e sindicatos.

Os sindicatos sobretudo, bem assim as Jakt (cooperativas de habitação), flagelam com uma crueldade de que nenhuma okhrana czarista jamais se atreveu a dar prova. Porque a okhrana não passava de uma polícia bem organizada, mas cujos funcionários não constituíam uma seita. Ora, comunismo oficial é uma seita. Além do mais, a okhrana não tinha a sua mão negra enterrada no estômago do homem; ela só o atacava em seu direito de pensar; se o indivíduo não pensava como o czar, arriscava-se um dia a perder a liberdade ou a vida, ou ambas de uma vez. Isso era tudo e sabia-se. Enquanto esperava por aquele "acidente", o homem ainda podia ganhar seu pão de cada dia. Antes ou depois da prisão com trabalhos forçados, o operário, apesar da "caderneta negra", continuava um operário, digno do emprego e do alojamento.

Hoje em dia já o não é mais, se não pensa como o Politbureau. A mão feroz do Partido e a da Jakt detêm tudo, pão e abrigo. Uma suspeita, e teu lugar na usina, e teu alojamento, periclitam. Mais um passo na via da insubmissão, e eis-te no meio da rua: expulso do sindicato e de teu trabalho, ninguém, ninguém te poderá empregar. Estás condenado à mais negra miséria, à fome e ao suicídio. Afinal, se te acontece seres um "espírito turbulento" e ousas agitar-te, um belo dia te apanham discretamente e nenhum de teus colegas sabe mais o que é que te tornaste.

Eis aí o que fizeram...

Mas fizeram e fazem ainda outra coisa. Eis aqui o seu resultado:

O terror que atinge o ventre e o abrigo, isto é, o pior dos terrores, mais dia menos dia produz a covardia geral, e os dois, consorciados, permitem aos tiranos gozar à sua vontade.

Eles fazem-no sem cerimônia, na harba dos vencidos. Apoiando-se a princípio numa minoria governante com que o poder divide o melhor, e em seguida na multidão que vem

imediatamente após e que se presta a tudo para assegurar o pão, a burocracia falsifica a escrita, delapida a caixa, viola a mulher que lhe agrada, exige das operárias antecipações de tributos "em espécie", e bebe de cair. Paraíso terrestre, o Cáucaso tem visto magníficos automóveis degradingolarem em seus abismos, com ilustres chefes, lindas fêmeas e um camarada chauffeur, todos num porte inaudito.

Em Astrakhan, um desses "camaradas chauffeurs" (carro e motorista do próprio ispolcom) nos toma sem dúvida por "comunistas" granfinos e não param um instante de dirigir piadas a nossas companheiras, correndo como um louco, a despeito de nossas advertências, a ponto de atropelar uma criança, sobre cujo corpo passa com todo o carro, felizmente sem matá-la. Levantei-me e descarreguei-lhe uns socos na cabeça, como se usa entre não-comunistas, a despeito de sua qualidade de motorista do ispolcom e da presença de Rakowsky no carro.

"Eis aí o que fizeram", deturpação comunista.

Chegando a Novi-Alon (Abkhasia) em novembro, escrevi, a 4 de dezembro de 1928, minha primeira carta a uma importante instituição de Moscou, na qual eu digo tudo o que vejo, sei e penso. Digo-o da maneira a mais amistosa, porém a mais clara e categórica.

Depois de passarmos uma quinzena naquele formidável claustro — soberba região que sorri para o sol e o mar Negro — tomámos o trem para Moscou.

* * *

GAGRI-SOTCHI-MOSCOU

São generosos os abkhasianos: fizeram tudo para nos serem agradáveis, mas vão maldizer-me. Haverá porém somente esses homens para maldizer-me? Toda aquela "sexta parte da terra" e a Internacional inteira, que se parece com ela, vão amaldiçoar-me.

Vá lá. Mas "tôda", é um modo de falar.

Quando cessarem as maldições, a verdade começará a

abrir caminho. Encontrar-me-ão então no meu posto, no posto que mantenho desde que vim ao mundo, e que subsistirá.

O Cáucaso, nas proximidades do manso mar Negro, de Batum a Novorossisk, é muito frequentemente habitado por gregos e rumenos. Há uns deles que uivam como lobos, por um prato de lentilhas, a exemplo da maioria dos habitantes dos grandes centros. Mas por isso não deixei de encontrar ali muitos homens. A estes, em primeiro lugar, é que devo a verdade que me abriu os olhos, antes de devê-la ao monstruoso abcesso que logo a seguir me vai rebentar em plena cara, com uma implacável confirmação do que existe e não pode ficar indefinidamente encoberto.

Tínhamos tanta desconfiança da existência desse abcesso, como do que se passa no planeta Marte. Entretanto, sentíamos que se ia produzir em nós uma ruptura definitiva.

Assim, já não nos entusiasmamos mais pelos esplendores terrenos que se desentolam a nossos olhos, enquanto o carro nos conduz através da divina região de Sukhum, Novi-Alon, Gagri, Sotchi, estação inicial da Cáucaso-Moscou.

Adeus sonhos, projetos. Sonhos de dedicação à nova Santa Rússia, que adoramos. Projetos de luta pela defesa da U. R. S. S., mãe que gera a humanidade de amanhã.

Não tenhas pressa em rejubilar, ó verme branco! Podridão que já não podes mais gerar senão cataclismos, miséria, covardia, egoísmo, escravidão, orgia! Para trás, vós todos que fedeis a suor do explorado, a sangue dos demais e a vossos próprios excrementos!

Sim, presentemente somos uns vencidos. Sim, não nos entendemos, entre irmãos de luta. Mas, ficai certos, constituiremos sempre uma só frente contra vós, os covardes, e estamos dispostos a morrer atacando-vos com todas as nossas armas.

Ainda temos estômago para digerir a nossa podridão, para em seguida aí gerar uma vida nova. Quanto a vós, não o tendes mais!

* * *

MOSCOU, SUPREMO APELO!

As estepes verdes do mês de agosto, como as estepes cinzentas do outono, estão agora sepultadas sob a neve. O paciente, o confortável trem russo corta-as a gemer, como bom búfalo que é.

Conheço tudo aquilo. É meu segundo inverno na Rússia. E no entanto, não posso saborear-lhe o encanto: meu coração está morto.

Nosso compartimento, que conhecera tantas discussões tempestuosas, tantas gargalhadas, não passa presentemente de um tristonho dormitório. Não falamos mais. Nas estações, cada qual desce para comprar os alimentos de que gosta, torna a embarcar, bocejá, cochilar, tem pesadelos ou sofre calado.

O cretense é mais calmo que eu. Compreende e admite tudo. Eis por que um mórno malentendido nos separa um pouquinho. De uma coisa dentre as demais, ele faz questão: havíamos combinado continuar nossa viagem pelo Turquestão e pela Sibéria, até Vladivostoque e, se possível, até mesmo à China e ao Japão. Ora, quanto a mim, considero perdida a causa que pretendia defender; não quero mais passes-livres de viagem, nem prosseguir nas faustosas recepções que me obrigam a sorrir, sorrir... e calar-me. E sem mim, ele sabe que está tudo estragado.

Está tudo estragado já, porque encontro uma Moscou a par de minha reviravolta. Falam-me nisso, antes que eu abra a boca.

De resto, Moscou fala de um monte de coisas ao mesmo tempo e expõe um monturo de sujeiras. O cheiro duma destas me nauscou desde lá do Cáucaso: em todos os cantos se afirma que o sexagésimo aniversário de Gorki e as edições fantásticamente arbitrarias que se fizeram de suas obras completas, custaram à princesa mulambenta um milhão de rublos.

Vou informar-me na fonte, pois também tenho minhas entradas dissimuladas, como as solenes. Respondem-me: — Sim. O homem a quem Gorki confiou seis interesses soviéticos jamais nos fala em trinta ou cinquenta mil rublos, mas em cem mil, não rublos, mas dólares.

Recorda-me então um pensamento de Upton Sinclair, falando de Jack London: É quase impossível um indivíduo ter um contrato de trinta e seis mil dólares com os Hearst Magazines e conservar sua alma com vida.

É justo. E Jack London pagou isto tomando láudano aos quarenta anos de idade.

Precisamos saber tomar láudano, ou melhor, conservar nossa alma com vida.

Dado assim no pináculo da inteligência artística o exemplo de podridão, vai tudo nesta proporção em torno de nós. Deixemos de lado os cem escandalozinhos de todos os meses e de toda a União. Mas não se pode olvidar o horrível tumor de Smolensk, em que comitê de soviet, comitê de sindicato, milícia, Guepeú, magistratura e redação de jornal se conluíam para cair na orgia e comer os cobres da comunidade durante cerca de um ano, amordaçando a cidade. Não havia mulher, dentre as que lhes agradavam, que lhes pudesse resistir. E o tumor só vem a furo quando chegam até ao assassinio de uma dessas mulheres. Aí, fusilar-se-ão alguns, prender-se-ão outros; e um deles será nomeado procurador-substituto em certa região da Sibéria.

Até em Moscou eu assisto, uns atrás dos outros, a vários escândalos semelhantes:

Vários escritores, vários poetas dos mais soviéticos, dos mais proletários, certa noite arrastam a mulher de um "camarada", amante de um deles. Embriagam-se em comum, dão narcóticos à doidivanas, passam-na a um por um. De madrugada, voltando a si, a infeliz se mata. Quatro ou seis anos de prisão.

O comitê inteiro do sindicato de construções civis de Moscou se constitui numa sociedade secreta para alegria do bom povo russo. Cada tipo para isso contribui com... a inicial de seu nome, o que dá, por acaso, um nome apreciado e conhecido no mundo teatral japonês: Kabuki. E eles se denominam os Kabuki. E que é que fazem? farras incríveis, com a indefectível mulher e por conta da infeliz caixa. Vão desse jeito até certa noite em que, enlouquecidos pela vodka, irrompem na rua, homens e mulheres, com um pote de maio-

nese na mão. E os milicianos detem-nos no momento em que os homens salpicavam de mólho as nádegas das mulheres.

O artigo-folhetim que os jornais publicaram naquele dia, é uma obra-prima de humor.

Pouco depois, o comité do sindicato dos funcionários e empregados de Moscou, depois de mandar construir uma Casa do... povo, ou dos sindicalizados, lá instala estações de rádio pela bagatela de seis mil rublos. Em seguida, os intrépidos camaradas vendem seus domicílios na cidade e se mudam para os novos locais.

Explorando esses dois escândalos, Staline, em sua animosidade contra Tomski, presidente dos sindicatos-okhranas, obtém dos crápulas burocráticos o voto que lhes pedia contra seu próprio presidente, e prende-os em seguida sob sua proteção, abafando ambos os processos.

Na província:

Um soviets de aldeia deita ao chão toda a população local, e dá-lhe uma surra soviética.

Numa cidade à margem do Cáspio, dois comunistas importantes metem uma mulher em seu automóvel, levam-na para casa e abusam dela. Infelizmente a mulher é a esposa de um membro do partido, o qual faz barulho. Mas ele é que é excluído.

Em Leningrado, três escândalos de primeiríssima ordem, um dos quais não é do domínio público:

1.º — O comité inteirinho das Juventudes Comunistas (já o disse) é convicto de furtos, estupros, crimes de direito comum.

2.º — A administração superior (comunistas) de uma prisão da cidade, exige pagamento antecipado de "tributos em espécie", de toda mulher bonita que se queira aproximar de seu marido encarcerado. Processo cheio de pormenores horríveis.

3.º — Aqui apenas uma "pagodeirazinha" (abafada), mas cujos heróis são de marca e cujo deslêcho bem soviético. Três presidentes, o da Comissão de Contrôlo, o da Guepeú e o do Soviet de Leningrado, trancam-se uma noite num palá-

cio local, em companhia de mulheres, e lá comem de vagarinho, até de manhã, a somazinha redonda de setecentos rublos. O que assim mesmo vai a quase dois mil francos. Porém a Guepeú manda dois cães de fila espionarem seu próprio presidente e seus comparsas. Os pobres diabos relatam o que viram; é instaurado inquérito por Moscou, os farristas são absolvidos (porque não gastaram senão o dinheiro de gratificações aniversárias legalmente devidas) e os dois espioninhos são demitidos!

Paralelamente a essa reprimenda, desencadeia-se diante de meus olhos a da detenção em massa de membros da oposição, pequenos e grandes, e sua deportação. Agarra-se o homem onde se encontre: no trabalho, na rua ou em casa, à vista de seus filhos que choram. Nenhuma satisfação a dar a ninguém. Se há condenação, dão-se por felizes os que recebem comunicação a respeito, bem assim sobre o lugar em que serão internados. Se o condenado se mete a fazer a greve da fome, revistam-lhe os bolsos para verem se não há ocultas algumas pedrinhas de açúcar, dizem-lhe que tem a liberdade de recusar os alimentos e fecham a porta. Se um se suicida, quem o consegue saber? Se outro, em Leningrado, opõe vigorosa resistência, arrastam-no à força, despedaçam-lhe o crânio, depois chamam a mulher e lhe oferecem cem rublos. Dizem-lhe que o marido se suicidou e que não sabem onde está seu cadáver.

A 19 de dezembro de 1928, estamos em Moscou: escrevo minha segunda carta à mesma alta instituição em que conto com amigos; completo-me; peço que me permitam dizer o mal, demonstrando embora confiança no poder. Sem o que, sou forçado a deixar a Rússia. E fora de lá, devo falar ou engulir líudano, porque estarei em Paris.

Meu quarto, no hotel Passage, não se esvazia um minuto sequer. Fazem discretas tentativas para me pescarem de novo. Leio a três ou quatro íntimos as cópias de minhas duas cartas. Um me diz: "Estás aí, estás na Sibéria! Peço-te que não digas a ninguém que tenho conhecimento dessas cartas". Outro alega toda a sua inocência soviética: "Há nisso alguma

verdade, mas de um modo geral estamos no bom caminho e não há razão para disso nos criares um caso."

Vou então bater à boa porta; discutir; quero saber até onde vão os limites do "caso" e da traição.

— Em vossa boca, um décimo de mal, misturado a nove décimos de bem, ainda nos será funesto.

— Logo, queríeis que eu escrevesse: Eis o que fizeram... e lero-lero?

— Com certeza que não. Livros assim, ninguém os lê e vós não podeis nem deveis escrevê-los.

— Então?

Até às quatro horas da madrugada: luta das mais sinceras, das mais amistosas, das mais fraternais, ocasião em que calmos esmagados de esgotamento e em que nos prestamos a tudo, a tudo, desde que admitam a verdade publicamente no interesse mesmo da causa operária no mundo.

Não. Impossível. Sucedem-se as noites, o mês passa. Nada a fazer. Amigavelmente, os olhos magoados, apertamos as mãos e nos separamos, cada qual conservando sua mentalidade.

Dentro da noite escura, um possante carro conduzido por um heiduque (bandido) me leva para o hotel. Olho para as janelas adormecidas de todas aquelas casas bonitas e digo para mim mesmo:

— Afinal de contas, são operários que hoje em dia ocupam aqueles apartamentos!

O CASO RUSSAKOV OU A U. R. S. S. DE HOJE

Digo bem: "O Caso Russakov, ou a U. R. S. S. de hoje".

Um "caso", fôsse ele dos mais tristes, se não passa de uma questão isolada, se os traços gerais que o caracterizam não revelam o espírito e os sentimentos de uma profunda humanidade, não pode figurar num livro como este, em que tudo se reporta à generalidade.

Mas o Caso Russakov não é precisamente senão um sintoma. Entre as causas que o fizeram vir a furo e o abominável deslêcho que acaba de ter, de passagem pelas múltiplas peripécias de seu desenvolvimento, encontra-se toda a União Soviética: economicamente, politicamente, humanamente e sobretudo — ai de mim! — moralmente.

Eu fóra à Rússia, não afim de inventar para os operários da "pátria proletária" um bem-estar material superior ao que os países burgueses proporcionam aos seus. Absolutamente. Eu teria mesmo cerrado os olhos ante a ausência de qualquer bem-estar material (o que não se dá). Porém estava firmemente convicto de que, do ponto de vista moral, do ponto de vista da justiça elementar, a "ditadura do proletariado" não deixava nada a desejar, não podia deixar de ser sã, porquanto, se é muito difícil criar conforto, nada, absolutamente nada impede de ser justo e honesto.

Monstruosa revelação!

Mas se eu tivesse pelo menos a desumana consolação de pensar que somente a classe inimiga sofre com a imoralidade e a injustiça "proletárias"; se pudesse dizer a mim mesmo que tal ignomínia ocorreu nalgum recanto da Sibéria, onde o controle é frouxo; ou ainda se os fatos me fôsem menos co-

nhecidos, se sua universalidade fôsse menos categórica e menos louvável a minha paciência em pedir justiça...

Mas não, nada disso. E' a classe operária a mais atendida na U. R. S. S. O Caso Russakov veio a furo no coração da segunda capital da Rússia; e milhares de tumores semelhantes rebentam ou são abafados de um canto a outro da União, mas nem todos encontram, como encontrou o velho Russakov, um defensor que revolve céus e terra, desde o chefe supremo da União ao último burocrata, afim de mendigar para êle justiça, justiça, justiça.

O' Justiça! O' Proletariado! Um proletário autêntico, um homem que permaneceu homem depois de haver subido a escala de todas as existências, um velho irmão que permaneceu vosso irmão, almadicoa-vos com o melhor de seu coração e exclama-vos: os "Casos Russakov", os milhares conhecidos, e as centenas de milhares que jamais se conhecerão, trar-vos-ão a desgraça e entregar-vos-ão na terra inteira à sorte que vós próprios reservais à pobre vida humana, na terra da justiça e da Ditadura do Proletariado.

Agora, eis aqui a fisionomia de vossa pátria:

Como já o disse ao longo dêste livro, travei conhecimento com Russakov por intermédio de seu genro, o escritor francês Victor-Serge (Kibaltchitch) em novembro de 1927, por ocasião de nossa visita oficial a Leningrado. O velho Russakov, cuja família conta seis membros, e Victor-Serge com sua mulher e seu filho, moram no mesmo apartamento, no n.º 19 da rua Jeliabov.

A origem dessa odiosa provocação, ora tornada um verdadeiro caso, é a inveja "neo-comunista" por aquele apartamento — que tem onze peças. Na verdade, o apartamento é grande e bonito. Mas quanto à sua beleza, o velho não tem culpa alguma, uma vez que o ocupa legalmente. Quanto à sua extensão, é menos culpado ainda, por isso que nove pessoas utilizam apenas quatro peças e um pequeno gabinete, ao passo que os demais cômodos pertencem à Cooperativa de Habitação (JAKT) e são ocupados por seus membros.

Quando é que eu desconfiaria que uma questão de

apartamento assumiria um dia tais proporções, que se chegaria a pedir publicamente a condenação à morte de um homem absolutamente inocente, precisamente de um homem que dorme sobre um grabato num cubículo escuro dissimulado atrás do quarto de banho?

Sendo eu entusiasta, apaixonado pela "obra socialista" e tal como me viam por ocasião das festas do 10.º Aniversário, êses pobres diabos não me confiaram lá grande coisa de suas preocupações de gente vencida. Nessas condições, soube apenas que, sendo Victor-Serge membro da oposição (quase nada perigoso), sua família e os seus, não podiam esperar senão severidade de um regime impiedoso para com todos quantos não estejam na famosa "linha". Ora, justamente o velho o era ainda muito menos que seu genro. Trabalhador manual há mais de quarenta anos, revolucionário independente desde que veio ao mundo, Alexandre Ivanovitch Russakov não é outro senão o valeroso judeu Josselévitch, operário-tintureiro, de Rostov. Durante a Revolução de 1905, êle toma parte na defesa do quartelão judeu daquela cidade contra o ataque dos cem-negros, vê sua casa saqueada e desaparece por êste mundo fora. Carregou sua carcaça durante quinze anos, arrastando consigo, como tantos judeus que conheci, a denodada mulher e sete filhos, na maioria pequeninos. E continua revolucionário, fazendo por toda a parte sua agitaçãozinha.

Êle a faz melhor em Marselha, onde reside mais tempo, a remendar roupa de marinheiros e não se esquecendo nunca, por ocasião da entrega, de cantarolar para seus clientes sua velha canção de judeu errante, expulso de sua terra pelos pogroms. Tanto assim que em 1919 o governo francês o julga indesejável, prende-o num campo de concentração e troca-o, em companhia de vários outros detidos, por oficiais franceses reféns dos bolcheviques.

Ao chegar a Petrogrado com toda a sua guriçada, chora de alegria e beija a terra da Revolução. Organizador e trabalhador infatigável, dota a cidade em aperturas de uma la-

vanderia que ia pra frence, cos diabos! exclamava ele. Depois, fundou duas "Casas para Crianças". Depois...

Eis tudo. A "terra da Revolução" não precisa mais de sementes dessa espécie. (Veremos que, arrastado à barra da "justiça" soviética, será censurado pela acusação por haver, como diretor da lavanderia, trabalhado como seus demais camaradas proletários. "Isso é também um mau exemplo! lançar-lhe-á no rosto o camarada presidente do Tribunal. Ereis diretor. Não devíeis trabalhar".)

Com certeza foi essa a opinião dos comunistas da nova "linha", os quais puseram de lado esse diretor e seus exemplos. Que seria da União Soviética, se todos os diretores, presidentes, secretários e outros burocratas se metessem a trabalhar, como proletários que se "racionalizam"?

Tendo-se tornado uma simples ferramenta que rola de uma usina para outra, Russakov não se agasta absolutamente:

— Para mim é a mesma coisa, disse-me. Como diretor, meus filhos não tinham sapatos e, como operário, continuam a não os ter. Quanto ao pedaço de pão que lhes devo, meus braços ainda servem para isso. E de um modo ou de outro, eu só peço uma coisa: que possa ganhar a vida para mim e minha família, como sempre tenho feito. Eis tudo, e que me deixem em paz!

Aqui começa o drama.

* * *

Em qualquer país burguês, o trabalhador manual que não pretende senão ganhar seu pão, desde que o deixem em paz, não constitui um "caso". Mas na "pátria do proletariado", é um caso, e dos grandes. Primeiramente, não existe paz para ninguém na Rússia, nem mesmo para o burocrata, o qual passa dia e noite a perguntar a si mesmo se está bem "na linha", ou se por acaso não se deslocou um milímetro dela assoando o nariz ou enquanto dormia. Quanto ao pão, é esta a grande questão.

O pão, é toda a vida, quando a vida não passa de um inferno. Quando o direito de pensar e de locomover-se não

é senão uma saudade, ter o pão garantido é grande coisa, é tudo. O ditador sabe disso e disso tira proveito. Enterra sua mão, negra e vermelha, no ventre do homem e fá-lo compreender isto: Morrer, é pouca coisa. Qualquer um é capaz disso; é o que se vê durante as guerras e revoluções. Viver faminto e sem abrigo, é bem pior. Assim, como tenho necessidade de governar, eu te pergunto o que é que tu pensas? E conforme o que pensares, terás ou não pão e abrigo.

— O que é que eu penso? diz o burocrata. Mas eu não penso nada e peço-vos dizer-me o que é que devo pensar. Quero apenas que me lembreis diariamente.

— O que é que eu penso? retruca Russakov. Pois bem, penso que sois uns sujos, que dobrais todo mundo à vossa única vontade, que monopolizais todos os meios de existência, com o que fazeis um instrumento de tortura, reduzis à fome quem não dança ao compasso de vossa flauta e o atirais numa prisão quando protesta à face dos céus. Eis o que penso.

Ditas com a franqueza, com a crueza que se vê, tais palavras, e nada além dessas palavras, nenhuma catástrofe desencadeiam em nenhum país do mundo que o diabo tenha entendido de preservar de uma ditadura. O máximo que acontece é ser-se tachado de "resmungador" e posto na ôlho da rua. Grande coisa! Nunca Deus fecha uma porta, que não abra duas, se diz em França. (Na România se diz melhor: "Havendo lagoa, rãs quantas quisevem!")

Desde que eu seja um proletário capaz e que queira trabalhar. Trabalho, se não o há como há rãs, principalmente trabalho humano, contudo sempre se encontra. E — proletário eternamente "resmungador", semelhante aos bravos Russakov que na Rússia se subjugam a porretadas — mais de uma vez por mês já me aconteceu, durante trinta anos, gritar contra uma injustiça, defender-me ou tomar a defesa de outrem e cuspir meu veneno na cara do "patrão" ou de seus lacaios. Pois bem, a maior desgraça que me tem atingido tem sido receber minhas contas ou, mais frequentemente, ir saindo de uma vez com minha trouxa, sem esperar

por aquele desagradável ponta-pé. Uma vez na rua — essa rua bem mais larga, bem mais bela quando saímos das galés — ia dar meu passeiozinho de homem livre ou que se julga tal, durante o tempo de tragar minha amargura, e depois, metendo o nariz pelo buraco de um guichê: Bom dia, senhor, precisais de empregado?

Era tudo, e era por vezes bem amargo.

Eu não ignorava que podia haver pior e sobretudo pior do que todos os piores imagináveis.

O mal supremo, homenagem ao inesgotável egoísmo humano: o crime de lesa-majestade que o pensamento universal se incumbirá um dia de marcar com seu ferro em brasa; o cúmulo do banditismo e do terror, encontrou sua perfeita expressão na União das Repúblicas Soviéticas Socialistas, sob o regime da pretensa Ditadura do Proletariado.

Tiranos que esmagais a vida! Credes que todas as goelas engolem feno? Que todos os lábios podem ser aferrolhados? Que todas as consciências podem ser entorpecidas? E que nunca mais repercutirá uma voz no deserto?

* * *

Todo o mundo sabe o que é o Partido Comunista: uma arma de combate, para conquista do poder pelo proletariado, cuja alavanca de comando se acha em Moscou. Mas o mundo operário, saberá ele o que são os Sindicatos Vermelhos?

Antes da guerra, quando não existiam nem o vermelho, nem o branco, nem o preto, havia sindicatos operários simplesmente, os quais lutavam contra o patronato. Pergunto eu: contra o que lutam na U.R.S.S. os Sindicatos Vermelhos? Qual é a sua razão de ser, de sua imensa força, nesse país em que o patronato não passa de uma recordação?

Ei-la: é para ter nas mãos todos os meios pelos quais o trabalhador possa ganhar sua vida e para somente distribuir trabalho segundo o modo de pensar daquele que pretende trabalhar para comer. E' por intermédio dos Sindicatos Vermelhos que o Partido dita a lei na usina, na fábrica, na oficina, no armazém, no escritório, no lar, por toda a parte.

Ninguém consegue encontrar colocação, a não ser por intermédio do sindicato. E, uma vez expulso do sindicato, só resta uma coisa, estourar o crânio: pois lhe é recusada qualquer atividade lucrativa, qualquer possibilidade de ganhar a vida.

Que se reflita no espantoso poder colocado dêsse modo entre as mãos de indivíduos a quem as escolas oficiais dizem que a moral e a honestidade são "preconceitos burgueses", e que só o materialismo existe realmente sobre a terra. Que se reflita que mesmo que as escolas comunistas ensinassem exatamente o contrário, ainda seria uma calamidade social entregar a maioria da população ao arbítrio de uma diminuta minoria de indivíduos que, afinal de contas, não podem ser uns anjos.

Dito isto, rasguemos os véus:

* * *

A 1.º de fevereiro de 1929, desmoralizado, vencido, tendo concluído todos os preparativos para minha partida da Rússia, achava-me em meu quarto no Hotel Passage, de Moscou, quando entra Victor-Serge, muito calmo, mas pálido como a morte:

— Está aí — diz ele deixando-se cair numa cadeira — chegou a nossa vez de sermos devorados.

E leu-me um telegrama que os seus acabavam de enviar-lhe de Leningrado. Tratava-se de um artigo abominável, aparecido no dia anterior no maior órgão regional do partido, o Leningradskaja Pravda, o Pravda de Leningrado. O velho Russakov era ali denunciado à vindicta pública, como um inimigo do proletariado. Pediam a sua detenção imediata e um castigo exemplar. Que castigo? Pois bem, o título do artigo indicava-o claramente: Kalganovskaja poroda, o que quer dizer: uma espécie de Kalganov. Ora, Kalganov, filho de um antigo proprietário e assassino de um presidente de cooperativa, acabava de ser fusilado, semanas antes.

Os braços pendentes, o olhar fixo no chão, Victor-Serge parecia aniquilado.

— Vamos ver, disse-lhe eu. Não me vais fazer acreditar que ninguém no mundo possa confundir nosso velho Russakov com o branco Kalganov. Isso não passa de uma farsa sinistra.

Ele dirigiu a mim um olhar apagado:

— Meu pobre velho... Hoje conheces este país como poucos o conhecem, mas ninguém aqui te quis dizer até onde pode ir a potência do mal. Nós procuramos te poupar isso. Agora, o mal te salta aos olhos, a despeito de nossos esforços. Por que não te foste embora oito dias mais cedo?

— Mas de que se trata?

— Trata-se disto: na U.R.S.S., quando se está às voltas com um indivíduo isolado, a coisa vai; as forças são iguais. Mas quando se trata de uma organização, ou de vários indivíduos — como é agora o caso — que perseguem alguém, está perdida a criatura. É a panela de ferro contra a panela de barro.

Fomos à procura do artigo. Ei-lo aqui na íntegra:

UMA ESPÉCIE DE KALGANOV

"Há algumas semanas, foi fusilado, em Moscou, Alexandre Kalganov, filho de um antigo proprietário, o qual matara o presidente da cooperativa de habitação Karavaiev. A execução de Kalganov foi uma advertência brutal aos elementos kulak e nepman, em recrudescimento de atividade.

"Mas parece que o fim de Kalganov não exerceu sobre todo mundo a ação preventiva esperada.

"A 26 do corrente mês, a camarada Maria Svirtsieva, membro da direção da casa n.º 19 da rua Jeliabov, entrou no apartamento do cidadão Russakov, afim de examinar uns concertos que acabavam de ser executados. Aproximando-se de Svirtsieva, o cidadão Russakov perguntou-lhe grosseiramente que é que tinha vindo fazer ali. Ante sua resposta, de que viera na qualidade de membro da direção, ele se lhe atirou em cima aos berros e injúrias. "Em vossa direção, são todos uns bandidos e tu mesma és um deles".

"Afim de apoiarem Russakov, dos quartos ocupados por ele saíram três mulheres e um homem elegantemente vestido,

os quais se puseram, como aquele, a ofender Svirtsieva. Perguntando esta ao cidadão que acabava de se lhe dirigir, com que direito a ofendia, respondeu o desconhecido que era um escritor e que as leis não foram feitas para ele. Apontando em seguida para a condecoração da Bandeira Vermelha que a camarada Svirtsieva trazia ao peito, o escritor exclamou: "Gente com esta espécie de condecoração, nós temos fusilado nos montes".

"Não foi longa a preparação verbal para a agressão. Uma das mulheres, filha de Russakov, agarrou Svirtsieva pelas costas, enquanto Russakov lhe dava na cara. Os cinco, Russakov à frente, arrastaram Svirtsieva pelo corredor até a ante-câmara, espancando-a com tudo o que lhes caía nas mãos. Russakov dava-lhe socos, sua filha brandia não se sabe que espécie de objeto pesado e o "escritor" procurava a todo o transe arrancar-lhe a condecoração da Bandeira Vermelha. Svirtsieva perdeu os sentidos e só voltou a si nos degraus da escada cobertos de cusparadas.

"Ao voltar a si, amparada por moradores da casa, a camarada Svirtsieva foi procurar um médico no hospital Perovskaia, o qual verificou em seu corpo fortes contusões, efusão de sangue, equimoses e arranhões. Seu vestido ficou rasgado. A condecoração da Bandeira Vermelha amarrotada.

"Quem é Russakov? Dos onze cômodos de seu apartamento, ele aluga nove, com os quais especula à vontade. Num desses quartos que aluga, moram duas consomolki emigradas da România, que mais de uma vez já foram também espancadas e aterrorizadas por ele, a ponto de temerem queixar-se disso a quem de direito. Nas reuniões da casa, Russakov segue sempre uma linha anti-soviética manifesta, faz escândalos, desordens, e tenta interromper as reuniões. Ele veio da França, onde possuía uma chapelaria.

"E quem é Svirtsieva? Eis alguns rápidos dados sobre sua biografia de espécie bem característica. Operária há vinte anos; uma das organizadoras do primeiro congresso das mulheres em 1918; durante a guerra civil, serviu no exército vermelho como cavalariana; em seguida, trabalha ilegalmente na Polónia; em virtude de seus méritos militares, foi conde-

corada com a Ordem da Bandeira Vermelha; é membro do Soviet de Leningrado; membro do Partido.

"São estes os principais traços biográficos do agressor e da vítima. Está perfeitamente esclarecido que num corredor meio escuro dum apartamento burguês se deu uma rixa de natureza bem caracterizada.

"Russakov é da mesma massa que o fusilado Alexandre Kalganov. Inimigo encarnizado da sociedade proletária, prejudicado em seus interesses pessoais, tentou descarregar seu ódio em cima da militante-social Svirtsieva. A agressão de Russakov armado de seus punhos, como a de Kalganov, armado de punhal de mola, é uma tentativa de ataque de elementos kulaks e nepmans contra nossas fileiras e nosso trabalho criador.

"A opinião proletária exige a prisão imediata de Russakov. Há necessidade de um rigoroso processo que se mostre tão exemplar quanto o processo de Kalganov em Moscou e traga como este o mesmo caráter de advertência.

"É necessário punir severamente os inimigos do proletariado que operam no front da habitação e da vida quotidiana, os quais atacam nossos militantes a sôco e facada.

"O caso Russakov deve ser retirado do corredor tenebroso dum apartamento burguês e trazido a um amplo processo exemplar seguido de severa sentença, afim de tirar aos demais a vontade de imitá-lo."

"Tour".

(Leningradskaja Pravda de 31-1-1928).

Assim, a opinião proletária exigia a prisão imediata de Russakov, que o camarada Tour descreve, como se acaba de ler, sem nunca o ter visto nem interrogado, sem saber coisa alguma de sua vida, sem nunca ter posto os pés em sua casa, sem ter assistido à cena da agressão.

Peço perdão aos operários que me lêem; mas dessa espécie de "opinião proletária", saída do bolso dos Tour, dos Mour ou dos Cour, faço tanto caso quanto da "opinião" que se exprime, na imprensa burguesa, democrática ou reacionária, pela boca de seus Tour.

— Agora, diz Victor-Serge, eis aqui a consequência lógica: chuva de "resoluções" de usina e outras; prisão do velho, da minha companheira e talvez de mim próprio; nossa expulsão do apartamento que nos querem arrancar há muito tempo; finalmente, "processo e castigo exemplares".

— Agora, digo eu, vamos descemalar nossa roupa, prolongar a validade de nossos "vistos" e passagens e adiar a partida até segunda ordem; que é que achas, minha companheira?

— E' o que eu também pensava.

Que felicidade, na aflição, ter junto a si uma grande companheira de existência!

* * *

Trocamos idéias sobre a maneira de agirmos o mais rapidamente possível. Devia-se sobretudo impedir a todo custo a prisão de Russakov, que arrastaria outras e desencadearia aquela chuva de artigos demagógicos, muito conhecida na U. R. S. S., a qual alimenta a plebe e permite ao poder o aguentar-se.

Nesse momento é que Victor-Serge recebe a primeira carta de sua casa. A verdade: trata-se de uma horrível provocação; a mulher de Victor é espancada, ensanguentada por sôcos na cara que a cavalariana vermelha Svirtsieva lhe descarrega ao procurá-la em sua casa, à rua Jeliabov. Apressamo-nos.

Achava-se então em Moscou, de volta da fronteira mongólica, aonde o enviara o governo soviético, o dr. Nikolaenko, anarquista e homem. Ele conhecia Russakov melhor do que eu. Fôra seu companheiro de internamento em Marselha e também fizera parte do grupo dado em troca de reféns franceses. Um documento raro, uma fotografia da época, mostrava-o, assim como Russakov, Victor-Serge e outros detidos políticos, diante da porta de sua prisão e rodeados por soldados senegaleses. (Mais tarde, um camarada juiz a quem ofereceremos esse pormenor do passado revolucionário de Russakov, contestará a autenticidade do documento, obje-

tando, para grande hilaridade nossa, que os senegaleses não lhe pareciam suficientemente pretos!)

No "Petit Paris" único oásis de liberdade de discussão na tirânica Moscou, Pierre Pascal, seu corajoso anfitrião, genro, como Victor-Serge, de Russakov, o dr. Nikolaenko, Victor-Serge e eu, reunimo-nos em conselho. Pascal e o doutor são cépticos:

— Nada a fazer. E' deixar que nos devorem.

— Mas, digo eu, podemos ao menos espernear e dar de braços, com toda a força, como quando se cai náua.

— Isso depende do que é que entendes por "espernear e dar de braços, com toda a força". Em águas soviéticas, mexer demais só leva a uma rápida asfixia.

Porém Victor-Serge é de minha opinião e combinamos todos bombardear o poder com telegramas, que cada qual redige a seu jeito.

Eis os telegramas expedidos de Moscou, a 1.º de fevereiro de 1929:

Pelo dr. Nikolaenko:

Redação do Pravda de Leningrado. — Conhecendo há vinte anos através de nossa vida comunista de emigrados em França o obreiro revolucionário Russakov, protesto com indignação contra o artigo calunioso de Tour e exijo um inquérito imparcial.

Telegrama análogo é dirigido ao Pravda de Leningrado por Pierre Pascal.

Victor-Serge telegrafia:

Redação do Pravda de Leningrado. — Protesto contra a campanha de ignomínias e calúnias feitas no Pravda de Leningrado, sob a assinatura de Tour, contra o velho operário, emigrado político, Russakov. Essa campanha remata uma longa série de mesquinhas provocações provenientes de uma komсомолка (jovem comunista) do tipo de Smolensk, com o único intuito de obter um quarto, provocações que culminam

tam em uma agressão contra minha mulher em seu próprio domicílio. — VICTOR-SERGE.

E eu:

Ao Presidente do Vitsik da U. R. S. S., Kalinine:

Pravda de Leningrado publicou com o título de Kalganovskaia Poroda, contra o velho obreiro revolucionário Russakov que conheço bem e cuja inocência é fácil de provar, um artigo calunioso que constitui uma intolerável provocação de perseguições judiciais e outras. Devendo deixar a U. R. S. S. dentro de quarenta e oito horas, apelo para vosso espírito de justiça e peço para essa família de trabalhadores uma reparação pública.

Ao Pravda de Leningrado:

A respeito do artigo Kalganovskaia Poroda, apasrecido em vosso jornal, rogo cientificar-vos do seguinte: Conheço a família Russakov por ter vivido em seu seio em Leningrado; estou absolutamente convicto, não só de sua inocência, mas também de que é vítima de perseguições, e sei que estou disposto a agir com a máxima energia, aqui e no estrangeiro, contra semelhantes ignomínias.

Esses telegramas foram expedidos à tarde e à noite. O destinado a Kalinine alvoroçou os empregados do telégrafo, que me conheciam, aí de mim, por não fazerem mais, ultimamente, do que transmitirem meus protestos a Moscou. Mas não havia eu ainda importunado o presidente da União. E onde encontrá-lo? indagam uns dos outros. Chamam um chefe, outro. Telefonam para ali e acolá:

— Há um telegrama para Tovarichtch Kalinine.

— Mande-o para a Central.

Os empregados riem baixinho. Eu faço o mesmo, a despeito d'este coração que não esperava por tal golpe e não tinha nenhuma vontade de rir.

As dez horas do dia seguinte, recebo o primeiro sinal de reação. Mas que reação! É a redação moscovita do *Lenin-grandskaia Pravda* que me pergunta, incrédula, se foi eu mesmo quem enviou tal telegrama ao grande órgão regional do partido; em Leningrado não o acreditam.

Aí eu não aguento mais. E esquecendo que telefono em pleno corredor do hotel, irritado-me como um homem que já não tem mais nada a perder, uma vez que a fé já está perdida:

— Ah, julgai-vos vítimas de uma mistificação? Estão tão pouco acostumados aqui a ver a gente erguer a cabeça, não é mesmo?

— Não... mas... "protestar, aqui e no estrangeiro", "ignomínias"... Isto nos parece um pouco forte.

— Parece-vos um pouco forte?! Muito bem, bando de sujos! Súcias de bandidos! Assassinos de operários! Sim, são ignomínias o que fazeis, e protestarei aqui e no estrangeiro!

Vocifero assim durante dez bons minutos, cortando a palavra a meu invisível interlocutor, sem mesmo saber se ainda me ouve ou não. As portas do corredor se entreabrem. Chego a sentir que só vejo olhos espantados, a me fixarem um instante e desaparecerem.

Detendo-me afinal, conclui a voz do redator:

— Está bem, camarada Istrati, relatarei o que me acabas de dizer. Quanto a mim, não tenho nada com a coisa.

Ao tornar a meu quarto, encontro satisfeita a minha companheira, heidugue luminosamente feliz por saber que alguém ousa pelo menos berrar sua revolta contra a tirania. Mas Victor-Serge, que lá se acha, fica aterrorizado:

— Muito bem! Até aqui jamais homem algum teve a audácia de gritar para os Soviéticos o que acabas de lhes lançar na cara, quase publicamente. Se se tratasse de qualquer de nós, isso seria a Sibéria, no mínimo.

Quem diria que o primeiro efeito do progresso social é não se poder mais exclaimar as palavras que os mais retrógrados burgueses se atiram entre si: assassinos! bandidos! sem por isso correrem o risco de viajar para a Sibéria? Em que consiste então o direito de crítica, o direito de contrôlo, a pretensa faculdade do operário de se poder exprimir em sua

terra, de agir, como somente uma república revolucionária deve permiti-lo? Afinal é progresso ou barbárie, quando, mortas todas as liberdades, os mais abomináveis crimes e os mais monstruosos abusos do poder se expandem como um ninho de víboras ao sol, para agredir o homem e devorá-lo, num silêncio de cemitério?

Narro pormenorizadamente esta página de minha vida, com tudo o que a mesma possa conter de arrôjo, não para me orgulhar com isso, espécie de monstro que sou, porquanto me considero vencido, mas afim de que a humanidade laboriosa e revolucionária possa daí tirar o máximo de ensinamento possível, em proveito de suas lutas de amanhã: oxigênio para as chamas que consumirão a generosidade humana.

Depois de me conservar calado oito meses, não estou aqui para miar minha revolta. Uns olhos que jamais olvidarei, umas vozes que ainda me repercutem no coração, atiraram-me aos ombros encargos que me esmagam e que já não posso suportar. Vejo surgir em meu papel a imagem de homens desfigurados, esqueléticos, de olhares de loucos, a cambalearem tanto de cólera como de privações e que me dizem:

— Pelo modo de nossos *Pravda* falarem de ti, saberemos se no estrangeiro sustentaste tua palavra ou se não passas de um canalha.

Não eram "brancos" aqueles homens. Eram emigrados políticos, aqueles polit-emigrantes, vítimas do fascismo, que erram às dezenas de milhares por toda a União, onde os piores patifes vivem confortavelmente no *Liuxe*, porque estão "na linha". E um desses nômades a oitenta copeques por dia certa vez me exclamou:

— Dize a nossos camaradas do estrangeiro, que eles devem defender sempre a U. R. S. S. com o risco de sua vida e morrer defendendo-a. Mas que não façam como nós: não venham aqui, se são revolucionários, saborear o pão da Revolução.

Tratava-se de um daqueles "resmungões" à Russakov.

— Sim, protesto contra a iniquidade! exclamava ele. Por que é que eu sou um revolucionário? Se eu fôsse um desses

que se dobram e se calam, não estaria aqui agora, e encontraria-me menos mal obedecendo aos burgueses do que aos Soviéticos, porquanto nada me faltava em minha terra, a não ser o direito de falar. E não sabia, quando me refugiei aqui, que o direito de falar morre sob todas as ditaduras.

* * *

Passei o dia 2 de fevereiro agarrado ao telefone e a traçar — para a justiça, para a imprensa e para a presidência — a verdadeira fisionomia de Russakov. Conto a vida do homem e do revolucionário, e dou a versão exata do ato de banditismo, a que se entregara a histórica condecorada com a Ordem da Bandeira Vermelha. E concluo sempre dizendo: Se estou mentindo e se me provaís que Russakov é o "contra-revolucionário" descrito por Tour, disponho-me a ser fuzilado com ele.

Espero que não se possa ser mais claro.

Com o artigo no bolso, fomos visitar alguns dos grandes amigos redatores que me haviam tantas vezes pedido que escrevesse para seus jornais. A redação do *Consomolskaia Pravda* — o mais importante jornal de Moscou, depois do *Pravda* — recebe-me com exclamações de alegria:

— Então! trazei-nos alguma coisa?

— Justamente: venho trazer-vos um artigo. Ei-lo. É moderado, não muito longo, e peço-vos publicá-lo imediatamente, sem alterar uma linha. Trata-se de uma questão muito grave; conto convosco.

Um rápido olhar ao meu papel, e eis que todos os narizes se abaixam para o chão. Todavia, prometem-me deixá-lo passar tal qual.

Vai-se ver como é que cumpriram a promessa. Publico aqui aquele artigo, para proporcionar a todos uma idéia do que é o arbítrio comunista, e da impossibilidade em que se vê um proletário de se defender quando uma organização o abate com mentiras.

(Todas as linhas em *itálico* são trechos suprimidos pela redação).

O CASO RUSSAKOV

"Há um ano que percorro a U. R. S. S. em todos os sentidos. Várias vezes passei por Leningrado. Ali pousei diversas vezes, junto a um amigo, escritor francês, no seio de uma família de gente boa. Lá conheci as preocupações e as alegrias de um verdadeiro proletário russo, que lutou muito tempo contra a miséria, em muitos portos do mundo, em Hamburgo, Nova York, Buenos Aires, Marselha. Expulso da Rússia em 1905, pelos pogroms e pela repressão, ele acabou por se fixar em França. Lá viveu longos anos, a criar penosamente, com o trabalho de suas mãos, sete filhos (seis deles conheci pessoalmente) e consagrando suas noites ao sindicato dos marítimos russos. No tempo da intervenção na Rússia, a agitação a que se entregava lhe valeu ser expulso da França com toda sua família. Chegou a Petrogrado em pleno inverno de 1919 como "refém bolchevique" trocado por oficiais franceses prisioneiros na Rússia. Na hora da fome e do perigo mortal, esse velho proletário levava com alegria seis de seus filhos para o país da Revolução.

"Em Leningrado, foi sucessivamente organizador de casas para a infância, gerente de uma grande casa de crianças instalada no Hotel da Europa, diretor duma lavanderia. Depois ficou bastante tempo sem trabalho. Há perto de dois anos que é operário da fábrica de roupas Samoilova. Seu estágio de proletário é de mais de quarenta anos. É homem ainda vigoroso e conserva de seu passado de agitador uma franquesa quase sempre perigosa.

"Chama-se Alexandre-Ivanovitch Russakov e mora em Leningrado, à rua Jeliabov, 19, KB 4.

"Deixei sua família a 30 de dezembro. Conheço-a bem. Vi como vive. Estava ao corrente de seus aborrecimentos diários. Eu sabia que uma consomolka residente no mesmo prédio obrigava-o, havia meses, a sustentar processos e até o denunciava como criminoso, afim de o expulsar de um quarto — ou melhor, de um canto de corredor atrás dum quarto de banhos — onde ele dorme, para ela ficar com o mesmo. Sei que na U. R. S. S. é grave a crise de habitação e que his-

tórias dessa espécie não são raras, infelizmente. Eis porém que me enviam um artigo revoltante publicado pelo Pravda de Leningrado, a 31 de janeiro, sob o título "Kalganovskaia Poroda" e concernente a este caso. Mande traduzi-lo palavra por palavra. Encontro aqui dois escritores franceses — Pierre Pascal e Victor-Serge — que residem na Rússia desde longa data e conhecem perfeitamente o proletário Russakov. Encontro um médico que o conhece há vinte anos, o dr. N... Verifico com eles que o artigo do Pravda de Leningrado é uma inqualificável agressão moral. E sou levado a perguntar a mim mesmo como é que se pode dar semelhante coisa na segunda capital da U.R.S.S.! Será possível que se possa caluniar, acuar, denunciar, assim ao desprezo e à hostilidade da população, como um malfeitor, como um contra-revolucionário, um velho trabalhador cujo passado e cujo presente são de fato inatacáveis? O artigo do Pravda qualifica-o de "kulak", de "nepman", de "contra-revolucionário"! Três mentiras inadmissíveis e perigosas. Eu não sabia que era permitido brincar assim com aquelas palavras. O artigo apresentava-o ainda como um "especulador". Quarta mentira. Como um "antigo proprietário de chapelaria na França". Quinta mentira. Como o "perseguidor de duas jovens comunistas bessárabes". Sexta mentira. Não digo nada quanto ao tom e conclusões do articulista, que compara o trabalhador Russakov a um assassino recentemente fuzilado!

"Acusam-no de haver, com sua família, maltratado uma comunista chegada a seu apartamento. Por infelicidade dos que engendram essa história, eu conheço muitíssimo bem as pessoas de quem se trata. Esse incidente começou com umas violências praticadas contra uma jovem senhora, honesta e culta, mulher de um amigo meu e que eu sei incapaz de praticar violências contra quem quer que seja. Ela foi insultada, provocada e espancada, em sua casa, por uma pessoa que lhe era desconhecida, vinda de fora e introduzida sem autorização sua. Se a pessoa que deliberadamente provocou esse incidente, sofreu-lhe ela própria as consequências, não devia culpar-se primeiro a si mesma?"

"Se conseguiram pôr fora de si, durante alguns minutos,

o velho proletário ou alguém dentre os seus, de quem a culpa? Toda paciência tem seus limites naturais.

"Há dois meses que o trabalhador Russakov estava às voltas com os ataques continuos da consomolka em questão, que chegara até a denunciá-lo caluniosamente à milícia criminal. Em quatro processos sucessivos armados contra ele, os tribunais lhe deram razão. (Aqui a redação me faz dizer exatamente o contrário: "Os tribunais negaram-lhe razão!!!") Ele se dirigiu — inútilmente — de viva voz, à redação do "Pravda" de Leningrado, há poucas semanas, pedindo-lhe que pusessem um termo a essa perseguição mesquinha. Meu amigo Victor-Serge preveniu de viva voz, sobre o assunto, a dois membros da fração comunista da casa (JAKT), à qual já tinha dirigido, há alguns meses, uma queixa escrita. Todos esses passos deram em nada. Ou melhor: resposta alguma lhes foi dada!

"Fico desolado por encontrar numa das capitais da revolução semelhantes costumes. Fico desolado ao ver consomols e comunistas se portarem assim para com um proletário. Fico desolado ao ver a imprensa participar duma campanha tão inqualificável contra um trabalhador. Peço que essa questão seja tirada a limpo. Peço, para o trabalhador Russakov, publicamente difamado, uma reparação pública".

P. S. — O escândalo prossegue. Terminado este artigo, dizem-me que, em vinte e quatro horas, Russakov fôra excluído do sindicato que o devia defender, e expulso da usina, o que o deverá entregar à miséria, até o fim de seus dias! Ele está de fato inteiramente indefeso. Em minha qualidade de velho proletário, peço para ele uma reparação completa".

Moscou, 2 de fevereiro de 1929.

* * *

Como se vê, não tinham acanhamento de me desfigurar o artigo, nem para me fazer dizer que "os tribunais haviam negado razão" a Russakov, quando a realidade e meu texto asseveravam exatamente o contrário. Não se trata de um simples "pastel": negar razão, é negar razão; e dar razão, é

uma expressão bem diferente, mesmo em russo. Além do mais, a despeito da urgência, da gravidade do caso e da promessa feita, o meu artigo, entregue na tarde do dia 2, só apareceu no dia 5, e fazendo-me dizer uma atrocidade.

Apesar disso, causou uma impressão inaudita. Era sem precedente: dois dos maiores órgãos do Partido a atirarem um em cima do outro, argumentos opostos acêrca de um mesmo drama social. Um dissera: Uma espécie de Kalganov. O outro responde: O Caso Russakov. E quem "consegue essa África?" Um "sem-partido", um "estrangeiro"!

Deve-se reconhecer que o Comsomolskaia Pravda amenizou sua arbitrariedade, acrescentando a meu artigo uma nota da redação, em que exigia "um inquérito e um esclarecimento". E no dia seguinte retificou o desastroso erro. Quanto aos trechos suprimidos, recusou-se a qualquer retificação. Russakov podia agora morrer: para ele eu obtivera, por intermédio da imprensa, tudo o que a imprensa soviética era capaz de fazer por um proletário, cuja morte um "Tour" qualquer podia exigir, em todos os jornais e todos os dias.

Eu não o sabia. Multiplico-me. Corro a toda parte, com um frio de 35 graus, sempre envergando um sobretudo de meia-estação, a exemplo do "polit-emigrante" a 90 copeques por dia e a despeito dos treze mil rublos de direitos autorais que os soviets me haviam pago em quinze meses, mas que eu dispendera a meu jeito.

A respeito dessas corridas às redações, para salvar a vida de um homem, o pão e a honra de duas famílias, recordar-me-ei para sempre da entrevista que tive com o famoso cronista comunista Koltsov. Achávamo-nos em muito bons termos. Ele recebe-nos, a Victor-Serge e a mim, em seu gabinete do Ogoniok. Expomos-lhe o caso. Ele ouve-nos amigavelmente, calmo, um pouco enfiado, sendo como era o homem mais a par da matéria.

Ante meu pedido para agir rapidamente e com sua grande autoridade, diz-me ele:

— Desejo-o bastante, mas para isso é preciso conhecer a questão a fundo, classificar os documentos... Uma semana, quinze dias ir-se-ão.

— Mas, digo eu, em Leningrado as "resoluções" de usina e as reuniões "operárias" da JAKT estão exigindo que se fusile Russakov "sem julgamento".

— Sem julgamento não o fusilarão, mas pode ser fusilado após julgamento. Contra isso, que podemos nós?

E mostrando-me um monte de documentos em cima de sua mesa:

— Olhai só o que me espera: nada mais do que uns casos chegados hoje de manhã.

Havia dos mesmos uns cinquenta. Victor-Serge bisbilhota cinco ou seis deles e cai sobre dois suicídios por causa de perseguição burocrática.

— Na maioria de nossos lares, diz Koltsov, as donas de casa se atiram água fervendo na própria cara. Algumas delas são espôsas de antigos comissários do povo.

Muito bem, pensei eu: é engraçadinha a vossa ditadura!

A 3 de fevereiro, Russakov chega inesperadamente de Leningrado, onde fóra lançado contra ele um mandado de prisão. Nem por isso ele se torna menos imperturbável, decidido, folgazão mesmo:

— Que é que estão querendo conosco, aqueles bandidos? Desta vez, estão inteiramente loucos!

E conta-nos sinceramente, ingenuamente, a cena da agressão. Provocadora inicial: Roitman, uma jovem comunista, judia da Bessarábia, co-habitante dos apartamentos. Conheço-a. Ela pretende expulsar os Russakov e ficar com o seu domicílio. Repelida em todos os processos que intenta contra o velho, desta vez ela decide, de acôrdo com a JAKT, da qual é membro importante a cavalariana Svirtsieva, sua amiga, fazer o diabo a quatro para obrigar os Russakov a irem embora. Quem é que pode resistir a um comitê de habitação, quando uma cara já não lhe agrada? E esse comitê delega poderes a Svirtsieva, a quem incumbe de proceder a uma "inspeção" no apartamento.

Ela entra. Abre as portas. Russakov sai de seu quarto e pede-lhe que lhe mostre o mandato que a incumbe daquela inspeção.

— Não tenho mandato a mostrar a "especuladores" e "contra-revolucionários", exclama ela.

Ante essas palavras, Liuba, filha de Russakov e mulher de Victor-Serge — criatura franzina, incapaz de magoar um gato — intervem:

— Mas, camarada, como podeis insultar assim a meu pai? Bem sabeis que ele é um velho revolucionário, trabalhador da fábrica Samoilova...

Um terrível sôco em plena cara é a única resposta; Liuba cai ensanguentada, atordoada.

— Pegamo-la então os três e a arrastamos à milícia. Ela queria fugir.

Dias mais tarde, quando os juizes-instrutores de Lenigrado e o presidente da redação do Pravda me objetaram que a cavalariana vermelha trazia equimoses pelo corpo, fiz-lhes esta pergunta que eles deixaram sem resposta:

— Que é que faríeis se uma Svirtsieva vos entrasse em casa e magoasse dêsse jeito um ôlho de vossa mulher, sob o pretêxto de ser condecorada com a Bandeira Vermelha? Não lhe quebraríeis a cara?

Esse poltrão de Russakov nem mesmo lhe aplicou dois bons pares de sopapos.

* * *

A 4 de fevereiro solicito à Presidência que se digne receber-me com Russakov. No dia seguinte, às 11 horas, somos recebidos. Victor vai conosco.

Corredores e salas apinhados de gente a mais heteróclita possível, homens e mulheres de todas as idades, de todas as repúblicas, de todas as aparências, trazendo semblantes o mais variadamente inquietos, cada qual com seu papel na mão, cada qual com os olhos grudados na porta do salvador. Acham-se ali — há dias, semanas, meses — à espera de sua vez e a arrastar em Moscou suas misérias, desgraças, mil tristezas sem nome, que ninguém tem tempo de ouvir. Mas o paizinho Kalinine, melhor do que o que foi destronado e morto, deve ouvi-los. Ele está ali para isso. Não tem outra coisa a fazer. Sabem disso, até nos confins da Sibéria, do Cáucaso e

do Turquestão. Ele deve receber todos os Russakovs e todas as Russakovas. Deve ouvi-los, nem que seja durante o tempo de lhes tomar o papel das mãos e dizer-lhes:

— Então, camarada, que é que há?

— E! tovaritch Miúhail Ivanovitch, porque um dia, justamente quando eu acabava de...

— Bem, bem! isso será examinado, podeis estar sossegados!

O povo jamais chega a compreender que a ilusão é o seu único quinhão na vida, e que os poderosos tem todo o cuidado para não destruí-la, justamente como os médicos que vivem da esperança de seus crédulos clientes.

Mas nós, que vamos pedir ao presidente outra coisa que não um apêto de mão ou uma promessa reconfortante, seremos introduzidos diretamente no gabinete do secretariado e recebidos logo, da maneira mais séria.

Uma hora de relógio.

Kalinine é um mujique nervoso, mas que sabe ouvir, interrogar. Quer acima de tudo compreender. Rebusca febrilmente em nosso pequeno documentário, anota fatos, confronta datas, descobre uma inquirição de Russakov, justamente a de que necessita ali, onde tem o dedo, começa a se desembaraçar sem nossa ajuda, e em seguida, já senhor do assunto, discute com conhecimento de causa.

Seu nariz chato, suas ventas largas, cheiram-nos as almas e os corações. Seus furtivos olhinhos lançam breves relâmpagos aos nossos, bem diretamente, mas se dissimulam imediatamente, para que lhe não apanhemos o efeito consciente.

Prefere antes ouvir Russakov, que fala como um moínho a rodar. Para mim, lança de vez em quando umas olhadelas zangadas, que parecem dizer: "Sujeito cacete dos diabos!"

O próprio Kalinine se admira de a simples publicação do artigo de Tour, em 31 de janeiro, conseguir, já no dia seguinte, provocar a exclusão do velho de seu sindicato, assim como sua despedida da usina, em que trabalha há dois anos. Não sabe se Russakov é ou não o que afirma Tour, mas tem diante dos olhos um fato que é flagrante: um trabalhador é votado à morte pela fome, vinte e quatro horas após a publica-

ção de um artigo infamante, que exige e pode exigir contra ele tudo o que se quer, mas que não deve, sem processo, sem mesmo um inquérito, privar uma família de seu pão. Kalinine sabe o que é que isso quer dizer.

Perfeitamente! Ele soa o tímpano, toma da pena e escreve sobre a queixa de Russakov esta nota:

"Ao camarada Komarov (presidente do Soviet de Leningrado) ou ao camarada Tchudov (secretário do partido, na mesma cidade):

"Peço-vos com empenho tirar a limpo essa questão. Penso que se trata de história bem tenebrosa. Peço-vos informar-me do resultado.

(a) M. I. KALININE."

Entra um secretário, toma da papelada e volta com um grande envelope timbrado.

— Enlia logo isto em teu bolsol diz o presidente da União a Russakov. E corre imediatamente para Leningrado!

Como estivéssemos todos comovidos e o velho com vontade de chorar, Kalinine teria podido acrescentar: "E ficai sabendo de uma vez por todas que, mesmo quando vos recebo no topo da escada, o que nunca me acontece, é ainda para tapear, é ainda poeira nos olhos de imbecis como vós três!"

Mas isso, só o saberemos seis meses mais tarde, quando não poderei mais dizer ao primeiro magistrado do poder comunista o que é que eu penso da ditadura "do proletariado", e das notas suas, dele.

Que ele saiba aqui, ao mesmo tempo que os proletários do mundo inteiro, e fique sabendo também, por sua vez, que tudo se paga aqui neste mundo.

* * *

5 de fevereiro. Ao sair da presidência, Russakov corre a Leningrado.

Recapitulamos: ao publicar meu artigo, o Comsomolskaia

Pravda fechou a boca de seu confrade de Leningrado; este não retrucará, ao que me informam. Koltsov prometeu-me publicar um artigo sobre o caso. (Acérca do mesmo ele não dirá palavra. Trata-se de um comunista agarrado a seu conforto.) Duas das mais altas personalidades do Partido a quem pedi audiência, bem que me querem receber, porém uma é inesperadamente atacada de uma recrudescência de moléstia que lho impede; a outra, que me manda dizer que às 11 horas um carro virá apanhar-me para levar-me ao Kremlin, telefona-me às 10,45 que acaba de ter também uma recaída, política esta, cujas conseqüências o tornam impossibilitado de palestrar comigo. Conto todavia com o primeiro desses dois homens. Afinal, temos em mãos uma garantia: a nota de Kalinine. Trata-se de uma ordem vinda do alto demais, para que os bandidos se atrevam a ir além. Ora, nós não pedimos senão luz e justiça.

* Conclusão: podemos tomar o trem para Paname? — Veremos amanhã, depois de amanhã, quando o velho nos telegrafar, o efeito produzido pela nota do novo papaizinho Kalinine, cuja paternal intervenção estávamos a mil léguas de pensar que fôsse uma embromação, bem mais cruel que a de seu predecessor, o czar digno de todas as forças.

No dia seguinte, porém, 6 de fevereiro, cai em cima de mim um documento que me faz desconfiar de antemão da eficácia da intervenção presidencial. Trata-se de uma resposta de Rafail, presidente do comitê de redação do Pravda de Leningrado, a uma carta bem amarga que eu lhe escrevera no dia 4, afim de lhe confirmar e reforçar meu telegrama do dia 1.º.

Eis essa resposta:

"Leningrado, 5-11-1928, 23 horas.

A Bandine, Moscou.

Favor transmitir hoje mesmo minha carta a P. Istrati:

Querido camarada, recebida hoje vossa carta de 4 de fevereiro. A redação do Pravda de Leningrado

iniciou, desde o dia imediato à declaração de Russakov, a averiguação mais rápida, circunstanciada e pormenorizada sobre esse caso de habilitação. Antes mesmo de recebermos vossa carta, incumbimos um camarada responsável do partido de estudar todas as circunstâncias da questão. Podeis ficar inteiramente tranquilo: se ficar provado que o artigo publicado contém inexactidões, que a Cooperativa de Habitação caluniou conscientemente Russakov, ou que qualquer outra falta foi cometida, reabilitaremos rápida e enérgicamente a Russakov.

Neste momento não disponho de documentos que me permitam comunicar-vos qualquer conclusão definitiva a que se possa chegar.

O Pravda de Leningrado, órgão do Comité Regional do Partido, considera sempre com atenção e tato os fatos que publica. Não creio que possais ter razões, sejam quais forem, para pôr em dúvida os costumes de nosso país e de nossa imprensa. Estou certo de que se estivesseis em Leningrado e possuísseis em mão os documentos que nossos jornalistas têm neste momento, teríeis também vós exigido um julgamento público imparcial. Também vós teríeis insistido pela publicação de tais documentos. Eis aqui o que declara a assembléia geral da fábrica Samoilova: "Aproveitando-se do rótulo de operário e fingendo-se de proletário na fábrica, Russakov é na realidade um vil apêndice da contra-revolução interna, um miserável membro dos cem-negros(*) e um pequeno-burguês anti-semita encarnado.

Fomentando na oficina manifesta agitação de pogrom contra a U. R. S. S., Russakov não se atreve a ir além das irrupções verbais; mas na qualidade de "dono de uma habitação", o pequeno-burguês Rus-

(*) Organização clandestina, espécie de Ku-Klux-Klan anti-semita.

sakov já não tem peias e passa de insuflação de pogrom a ações de pogrom".

Permiti que vos assegure que o caso Russakov será estudado tão rapidamente quanto possível por camaradas imparciais e que se impõem como autoridade.

Saudações comunistas.

RAFAIL.

Confere a cópia: ilegível."

Escutai agora, "Proletários de todos os países", e "un-vos", ao menos para não serdes tolos demais. Ouvi e compreendi. É fácil. Trabalhamos com documentos oficiais, autênticos.

1.º — O querido camarada Rafail faz publicar um artigo contendo graves acusações ao indigitado, que é comparado a um assassino que acabava de ser fuzilado. Conclusão do artigo: fazer de Russakov o que se fez com Kalganov. É uma espécie de Kalganov, título e conclusão. Consequência fulminante e sem precedente, que espanta francamente até a Kalinine: exclusão do velho de seu sindicato; posto na rua pela fábrica; ordem de prisão lançada contra ele. É claro.

2.º — Pergunto eu: em que documentos que levem a tirar uma conclusão definitiva se baseara Rafail para entregar um homem à vindicta pública e pô-lo no olho da rua, enquanto espera pelas balas? Respondo: em nenhum! E a mesma resposta será fornecida por longo e mortificante desenrolar dum inquérito que durará seis meses; que comportará dois processos, o primeiro dos quais terminará com uma absolvição triunfal, sob aplausos de toda uma sala repleta de operários; o segundo — obra de um verdadeiro corcovear de tirania comunista — abortará lamentavelmente e condenará três inocentes a penas tão benignas (1, 2 e 3 meses de trabalhos forçados!), que jamais se reabilitará a justiça soviética de semelhante vergonha; jamais poderá provar perante a Internacional que aquelas penas são exatamente as que merece um especulador, um dos miseráveis cem-negros convicto de

insuflação de pogrom, um vil apêndice da contra-revolução interior, um espião francês, um pequeno-burguês anti-semita encarnado, um monstro que tortura durante dois meses duas comsomolkas, um contra-revolucionário afinal, para o qual o órgão do Partido e cem "resoluções proletárias" haviam exigido a pena capital, chegando até a exigir que Russakov fosse "fusilado sem julgamento".

Por conseguinte: nenhum documento que permita desgraçar duas famílias, nove bocas, desgraçando-as no sentido que elas morrem de fome há seis meses e continuarão a morrer por isso, enquanto ficarem à disposição de seus perseguidores. Nenhum documento que permita exigir imediatamente a morte de um homem.

3.º — Mas quando solicito ao camarada Rafail que repare com a mesma presteza um gesto cujas consequências horríveis ele não podia ignorar, que é que me responde o caro irmão? Isto aqui: Não disponho neste momento de documentos que me permitam comunicar-vos qualquer conclusão definitiva a que se possa chegar.

Entendeis isso, proletários? Ele não "dispõe" de documentos para reparar, mas "dispõe" para destruir!

VINTE E QUATRO HORAS FORAM SUFICIENTES PARA ATIRAR UM HOMEM FORA DO SINDICATO-OKHRANA, FORA DA USINA-OKHRANA! CINCO DIAS NÃO BASTAM PARA AO MENOS PEDIR A SUA REINTEGRAÇÃO NESSAS MESMAS OKHRANAS QUE LHE ASSEGURAM UM PÃO ABSOLUTAMENTE INCOMIVEL QUANDO GANHO EM MEIO A UMA INQUISIÇÃO COMO O MUNDO JAMAIS CONHECEU IGUAL!

4.º — Mas talvez o grave "militante responsável" — como lá se intitulam os assassinos do maior ideal humano — talvez não possa de fato solicitar aquela reparação, porque possui documentos que lhe permitiram realmente atacar Russakov. E os possui efetivamente. Possui DECLARAÇÕES. Não discutimos mais essas DECLARAÇÕES, essas RESOLUÇÕES, que se atiram aos ombros da classe operária e com cuja ajuda se estrangulam todos aqueles que se atrevem a vacilar, isto é, cento e trinta milhões entre os cento e cinquenta milhões de

habitantes. Não diremos que essas DECLARAÇÕES, essas RESOLUÇÕES sejam — em qualquer país não comunista e não fascista — trapos de papel, papel higiênico. Não. Levamo-las a sério, uma vez que no-lo dizem gravemente. Quem no-lo diz é Rafail. Escutai só:

"... Teríeis vós próprio exigido um julgamento público imparcial. Vós mesmo teríeis insistido pela publicação de tais documentos. Eis o que DECLARA a assembléia geral (a assembléia geral!!!) da fábrica Samoilova: "Aproveitando-se do rótulo de proletário, fingindo-se de operário na fábrica, Russakov é na realidade um vil apêndice da contra-revolução interna, um dos miseráveis cem-negros e um pequeno-burguês anti-semita inveterado.

"Fomentando na oficina manifesta agitação de pogrom contra a U. R. S. S., Russakov não se atreve a ir além das irrupções verbais; mas na qualidade de "dono duma habitação", o pequeno-burguês Russakov já não tem peias e passa da insuflação de pogrom a ações de pogrom!"

Bom. Pelo menos isto está claro. E é uma "DECLARAÇÃO DE ASSEMBLEIA GERAL". Baseando-se nela, o Pravda de Leningrado afligiu nove criaturas humanas.

Mas quando foi que se reuniu essa "assembléia"? Quando foi que ela se manifestou naquela linguagem?

Pois bem, proletários do mundo inteiro, ficai sabendo e não o olvideis nunca mais: REUNIU-SE AQUELA ASSEMBLEIA E FORAM FEITAS AS CITADAS DECLARAÇÕES NO DIA 1.º DE FEVEREIRO, E O ARTIGO ASSASSINO QUE SE BASEIA NUMA E NOUTRA COISAS, É DE... SI DE JANEIRO! O FALSÁRIO RAFAIL, O FALSÁRIO JORNAL DO PARTIDO, O FALSÁRIO COMUNISMO BUCROCRÁTICO SE BASEIAM, PARA ESCREVER UM ARTIGO E MATAR DUAS FAMÍLIAS, EM DECLARAÇÕES DUMA ASSEMBLEIA QUE SE REALIZOU UM DIA DEPOIS DA PUBLICAÇÃO DAQUELE ARTIGO E QUE SE FUNDAMENTOU JUSTAMENTE EM TAL ARTIGO PARA FAZER SUAS DECLARAÇÕES DITADAS PELO ÓRGÃO DO PARTIDO, COM O INTUITO DE ATIRAR NO OLHO DA RUA UM TRABALHADOR QUE PASSA

QUARENTA ANOS DE SUA VIDA A "SE FINGIR DE PROLETÁRIO" E A "SE APROVEITAR DO RÓTULO DE OPERÁRIO!"

Dêse jeito, quatro instituições comunistas se baseiam umas sobre as "DECLARAÇÕES" das outras para assassinar trabalhadores e realizarem essa proeza de não saber, no final das contas, qual delas é responsável por declarações que se atribuem umas às outras; a JAKT (Cooperativa de Habitação) provoca uma agressão; o Pravda relata-a, fulmina, exige a morte; o sindicato lê o Pravda e exclui Russakov; a fábrica Samoilova despede o indivíduo que o sindicato excluiu; o Pravda se documenta pelas declarações da fábrica; a JAKT reúne a seguir assembléias em que lê o Pravda e exige a execução imediata do monstro. Depois disso, quando corro à Leningrado e encaro Rafail bem dentro dos olhos, este me mostrará documentos, declarações, resoluções com que o bombardavam todas as usinas de Leningrado. As usinas se apoiam no Pravda, este se baseia nas usinas, e a engrenagem inteira duma ditadura se apoia no Guepeu para subjugar milhões de infelizes e comprometer por todo o sempre umas lições que tinham sua razão de ser quando eu as lia em Kautsky, já lá vão vinte anos.

Pois bem: é isto que pretendeis estender a toda a terra? Muito obrigado. Isto, Mussolini o "edificou" com muito mais franqueza e sem ofender a classe operária, sem dizer, como vós, que é ela quem edifica. Não, Mussolini teve pelo menos a coragem de seus crimes. Para subjugar a Itália, para amordaçá-la, para torná-la pacífica como um cemitério, não precisou de fabricar resoluções proletárias e declarações de assembléias de usina. Ele declarou:

— Quem fustiga sou eu, não é a massa! Sou eu quem dita, não o proletariado! Eu é que sou responsável por todo o mal. Assim pelo menos ficou de pé o prestígio e a honestidade do proletariado.

Praga burocrática! Não faleis mais em nome do proletariado! Governa, oprime, mata, mas cala-te!

* * *

A 6 de fevereiro, vinte e quatro horas após a partida de Russakov, sigo para Leningrado em companhia de Victor-Serge, que volta para casa afim de ver sua mulher espancada e trazendo ainda no rosto as marcas da agressão. O velho se acha na audiência do juiz instrutor.

Encontramos a casa mergulhada naquela atmosfera de terror, conhecida por todas as famílias perseguidas, na véspera de prisões em massa. Não fôra a minha certeza absoluta quanto à natureza inatacável das pessoas em cujo meio me achava, haveria ali razão para se indagar se não seria mais prudente tirar logo suas cartas do jogo. Mas não me era possível duvidar. Por ter ali morado quatro vezes, eu conhecia o lar e sua alma. O fundo do coração de um por um dos membros daquelas duas famílias e a menor particularidade de seu caráter me eram familiares. Seu trabalho, sua completa sobriedade, a modéstia e quase sempre a dureza de sua existência ao Deus-dará, as múltiplas preocupações decorrentes da magreza de seus salários e da independência de suas convicções, sob um regime burocrático absolutista, tudo isso nós havíamos debatido durante longas noites, indo por vezes até aos mais íntimos pormenores da vida de uma numerosa família.

Efetivamente, não eram "comunistas", mas peço que me digam o que é que é ser comunista hoje em dia na Rússia. E além do mais, acabemos de uma vez por todas com os equívocos: porventura somente os comunistas podem viver nesta terra? E que é que se vai fazer do operário, do camponês, do intelectual, do empregado, da esmagadora maioria humana, que não compreende coisa alguma do comunismo, mas que sofre? Deve-se exotizá-la de seu labor? Expulsá-la de seu lar? Mandá-la para a Sibéria? Matá-la?

Se um Russakov e um Victor-Serge — um labutando como um mouro na usina, o outro traduzindo as obras de Lenine para o francês, ambos a colaborar, embora "resmungando", naquilo que os soviets fazem de melhor — se tais homens são "contra-revolucionários" dignos do patíbulo, pergunto a mim mesmo o que é que seria da pobre humanidade no dia em que o comunismo das Svirtsievas e das Roitmans, o comuni-

mo que pilha e viola a cidade inteira de Smolensk, o dos "Kabuki" da maionese, o dos Comsomols farristas de Smolensk, o dos juizes soviéticos que dançam ao som da flauta do Guepeú, enfim o que hoje em dia é dono da U.R.S.S., — pergunto a mim mesmo o que seria do mundo no dia em que tal comunismo se incumbisse de impor-lhe sua justiça e ensinar-lhe a viver.

Não, não! Cem vezes não! O mundo já é miserável demais para que se permita aumentar-lhe ainda o mal. E se minha classe possui a missão histórica de o transformar melhorando-o, não tem contudo a missão de o matar.

Eu tenho a consciência do que estou fazendo aqui. Sei qual é o alcance destas palavras. Mas me poderiam acusar de tudo, salvo de leviandade e de desonestidade, porque esperei um ano para escrever este livro e não o escrevi senão depois de haver mergulhado até o fundo do abismo soviético, onde encontrei o mais alto magistrado da União em perfeito acôrdo com a mulher Svirtsieva.

Eis aqui este acôrdo:

Ele me choca assim que chego a Leningrado, que não é nenhuma aldeola da Sibéria. Orgulhosa de seu poder, Svirtsieva reina à embocadura do Neva. A ordem de Kalinine não passa de uma farsa. O juiz instrutor não a tomará quase em consideração. Ele sabe que aquilo não tem importância, porquanto todos os comunistas estão de acôrdo. Assim, à nossa chegada, saberemos que nem mesmo se permitin a Russakov que levasse o envelope com os cinco sinetes presidenciais a seus destinatários, Komarov ou Tchudov. E encontraremos o nosso velho, com o envelope no bolso, sentado há muitas horas diante de um jovem e belo cavalheiro que é o juiz de instrução e que o cozinha em fogo brando, chicanando, descosando, abusa de sua simplicidade, trapaceia com sua boa-fé, aproveita-se de todos os seus descuidos e faz todo o possível para achar em suas respostas um motivo para trancafiá-lo na cadeia, uma vez terminado o interrogatório.

Nossa entrada "sem bater" parece não nos tornar simpático ao juiz. Que importa? Declinamos nossos nomes, apertamos fortemente a mão do "miserável membro dos

cem-negros" e mostramo-nos inquietos quanto ao destino do salutar envelope:

— Eu o tenho, mas ordenaram-me que viesse imediatamente aqui.

— O camarada juiz sabe disso?

— E' claro, mas não está ligando a isso.

Pego a Victor que diga em russo ao jovem burocrata que, se detiver o acusado antes de conseguirmos prevenir o presidente do Soviet de Smolny quanto à existência do envelope, eu provooco um ajuntamento na praça Nevsky, berrando tudo o que sei do comunismo e de sua ditadura. Mas Victor me acalma, dizendo apenas ao juiz que lhe peço marcar-me naquele mesmo dia uma audiência, afim de eu fazer minhas declarações, e ele concorda. Em seguida, apanhamos o envelope-trapo e corremos a Smolny.

Lá o acolhimento é diferente. Komarov recebe-nos imediatamente. Gabinete modesto. Homem portador de fisionomia plácidamente marcada de gravidade. Lê, ouve-nos, parece sinceramente entristecido. E' dos tais que não ignoram coisa alguma, porém nada pode fazer. E' o círculo vicioso.

Pego a ele que me permita fazer uma investigação pessoal na fábrica Samoilova. Ele toma do telefone, fala. Entra um rapagão. E' Tchudov, o secretário do Partido da região de Leningrado. Sêrio, simples, simpático.

Pouco depois, deixamos Komarov para acompanhar Tchudov a seu gabinete, do outro lado daquele imenso edificio, cujos corredores são tão extensos que Lenine propunha a Trotsky instituir um serviço de estafetas-ciclistas entre seus gabinetes de trabalho, separados por toda aquela lonjura.

O gabinete de Tchudov é o modelo do que deveriam ser a ordem, a severidade, a limpeza, a simplicidade comunistas nas questões materiais, como nas questões morais. Não conheço coisa alguma na U.R.S.S. que dê uma imagem mais exemplar disso, desde o aspecto do homem que ocupa o gabinete até o mais ínfimo pormenor da austeridade que ali reina.

Fornecem-nos aqui a autorização escrita que nos permi-

tirá penetrar na fábrica Samoilova, por outra porta e com outro fim que não os que conheci durante um ano de visitas triunfais e muito inúteis a tantas fábricas, usinas, instituições cujas tragédias íntimas não eram feitas para que eu as conhecesse.

De Smolny voltamos para casa, onde encontramos o velho. Marcamos um tento: a nota de Kalinine serviu ao mesmo para suspender qualquer detenção preventiva. O mandado de prisão fôra anulado. Avante!

Esse avante é a investigação que vem fazer no apartamento o correspondente do *Consomolskaia Pravda* de Moscou. Rapagão desembaraçado, cheio de fé. Consentem-lhe que abra todas as portas, interrogue todos os locatários e descubra se Russakov "especula", não com os nove quartos, mas com um apenas.

Nunca jamais foi publicado o resultado dessa averiguação, e com razão...

O comitê de redação do honrado esfregão *Leningradskaia Pravda*, reúne-se para me ouvir e dar-me explicações. Enfim, querido camarada Rafail, entre nós dois agora, que somos escrivinhadores! Mas eis aí Tour, "dandy" de calções, que me estende a mão. Eu digo:

— Quem sois vós?

— Tour.

— Não dou a mão a êsses "Tour"!

E deixo a dele no vácuo. A impressão é das mais penosas. Rafail é todo açúcar-cândi. Salamaleques.

— Não fôsseis vós, camarada Istrati, quem escreveu aquele artigo em Moscou contra o nosso jornal, pois temos aqui "resoluções de usinas"...

— Perdão! Não estou aqui para examinar vossas "resoluções de usinas", mas para que me proveem que Russakov é: 1.º — espião francês; 2.º — anti-semita membro dos cem-negros; 3.º — especulador de nove quartos dos doze de que dispõe; 4.º — antigo fabricante em França, e tudo mais que tendes afirmado.

Não se trata de nada disso. Tudo se explica. Ele afirma haver escrito o artigo em consequência da "resolução"

tomada pela JAKT: quatro pessoas do comitê da habitação!

A tal de Roitman é a principal organizadora do negócio.

Isto é suficiente, na União Soviética, para pôr a funcionar todo um monstruoso aparelho político e judiciário, fusilar um trabalhador e obter um quarto a mais. Isso não é um verdadeiro pesadelo?

Presto minhas declarações ao juiz de instrução, cujos autos se atrasam especialmente para precisar se a testemunha (ou o acusado) é dos nossos ou dos deles, como se nunca houvessemos visto os nossos acabarem como perfeltos crápulas e os deles morrerem como um Lenine.

— Ascendência:

— Proletária.

— País:

— Operários.

— Instrução:

— Aprendi a ler e escrever.

— Estivestes na prisão em regime burguês?

— Sim (Para lá irei, talvez também em regime comunista).

Etc., etc. Papelada. Declaração que se fará aplaudir por ocasião do primeiro processo e que no segundo não será nem lida, por ordem de cima: cassar a imprudente absolvição e condenar; devemos ter sempre razão; somos infalíveis.

Justiça comunista, que a história julgará.

* * *

Fábrica Samoilova.

Para irmos ao gabinete da direção atravessamos, em pleno meio-dia, a *stolovaia* (restaurante) e sou imediatamente surpreendido pela melhor impressão por mim até hoje sentida, de uma turba de operários apanhada de surpresa em seu ambiente de trabalho.

Uma juventude travessa, simpática — homens e mulheres — mastiga devagarinho um resto de refeição e dança ao som dum gramofone. Todos ruidosos, inebriados, fisionomias expansivas. Sinais de cansaço, que conheço perfeita-

mente, alguns d'êles não existem, mas são visíveis na maioria, conforme as circunstâncias: se se é sozinho a comer ou se se tem outras bocas além da própria a alimentar. Nada de guarda-pós. Cada qual traz a roupa que encontra, e isso dá um ar de cocha de retalhos. Assio sofrível. Liberdade total de brincar.

Nossa entrada atrai todas as atenções. Os pescoços se esticam. Arreganham-se todos os olhos. O ruído diminui até ao silêncio completo, mas todas as fisionomias manifestam uma viva curiosidade. Seguem-nos até o gabinete do "camarada diretor", diante de quem não se sentem acanhados.

E' ali que nos recebe o comitê da fábrica, e tudo muda imediatamente de figura. Um único rapaz simpático que, apanhado de improviso por nossas prontas perguntas, deixa escapar algumas verdades.

— O que foi que provocou a convocação da assembléa de 1.º de fevereiro e a dispensa de Russakov?

— O artigo do Pravda, aparecido no dia anterior; os membros do comitê da casa onde mora Russakov e a exclusão d'êste de seu sindicato, ocorrida no mesmo dia e mediante intervenção dos mesmos membros da JAKT e após leitura do mesmo artigo do Pravda.

Ora, a lei é formal: o operário não pode ser despedido senão por crime ou delito cometido na usina ou por incapacidade de trabalho (art. 47).

— Russakov era mau operário?

— Não se pode dizer isso d'êle.

— Ele algum dia veio êbrio para o trabalho?

— Nunca.

— Faltava?

— Não.

— Discutia com seus camaradas?

— Não, mas clamava a todo momento contra o aumento dos alugueres e a diminuição do preço do trabalho por tarefa, e nos tratava de "bandidos".

— E' tudo o que eu queria saber.

Entretantes, o motivo de nossa chegada à usina se espalhara rápido como fogo num palheiro. Comprimem-se à

entrada do mesmo gabinete, onde o diretor só consegue penetrar com esforço.

E' um porco êsse diretor, desde o crânio até à barriga enorme. E em torno d'êle começa a reunir-se tudo o que a ditadura do "proletariado" tem de mais porco e de mais barbaramente imbecil.

Escutai só como é que ela é informada sobre a família Russakov:

— Será que não existem, em todos os cantos de sua casa, ícones e lamparinas acesas?

— Imbecis, Russakov é judeu: Josselevitch! Está aí a vossa documentação! (E tivesse êle quarenta mil "ícones e lamparinas" dependurados de seu nariz, ainda assim teria direito ao trabalho e à paz. Animaís!)

Não temos mais necessidade de discutir. Mas antes de deixarmos o gabinete, armamos um laço ao diretor. E êle cai com toda a sua pança:

— Esperamos poder provar a inocência de Russakov. E nesse caso será justo que lhe deis trabalho de novo.

— Aqui, nunca mais.

Obrigado. Vindo de tal asno, êsse coice nas leis mais claras do sovietismo, quando as mesmas militam em favor do operário, tem grande significação.

Para pronunciar aquele "nunca mais" absoluto, esqueceram o "camarada" diretor que é necessário preliminarmente, convocar uma assembléa da usina, e fazê-la tomar uma "resolução".

* * *

Deixo Leningrado, Moscou e a U. R. S. S. muito mais miserável do que no tempo em que eu próprio era um d'êsses obreiros que se esmagam sob todos os regimes. Explorar a humanidade, fazê-la viver de um pedaço de pão preto, roubando-lhe até o mísero direito de resmungar, e depois fusilar a quem um dia grita, apenas grita, um pouco mais forte que de costume, isso, isso não existe em parte alguma do mundo, nem mesmo na terra de Mussolini.

E eis aqui o fim, o completo acôrdo entre o pináculo do poder e a última histórica do comunismo:

1.^o — Oito meses de processo, durante os quais os acusados morrem de fome;

2.^o — Liuba Victor-Serge a 31 de janeiro entra com uma queixa apoiada em atestado médico, provando que fôra vítima de agressão em seu próprio domicílio. Sem resultado algum, contrariamente à lei. Recebida a queixa, puseram-lhe uma pedra em cima;

3.^o — Primeiro processo, de 12 a 15 de abril, no Tribunal Popular do setor central: lamentável esboroamento de toda a engrenagem. Pormenor que empurro orlhas a dentro da Internacional: uma vez reduzida à extremidade, a acusação exige audiência secreta afim de fazer revelações; concedem-lha, e que é que ela declara? "ESTÁVAMOS METIDOS NISSO PELO GUEPEU AFIM DE ESPIONAR VICTOR-SERGE". Afobação no Tribunal, que reabre a sessão pública e absolve todos os acusados, entre aplausos de uma sala repleta de operários, o que prova que a Rússia, do mesmo jeito que pode ser humana, pode ter verdadeiros juizes, mas esperai;

4.^o — Neste ponto a lei é formal: indenização a pagar ao indivíduo, privado de seu trabalho desde 1.^o de fevereiro; reintegração; reparação pública por intermédio da imprensa, a qual não solta uma palavra a respeito.

Ora, ide pentear macacos. Há mais o que fazer:

5.^o — Fim de abril: a pedido do procurador da cidade, o Tribunal Regional cassa a absolvição, como contrária aos dados do processo, forçando dêsse modo a condenação. E de fato, de 10 a 12 de maio o Tribunal Regional permite à acusação fazer o que entende, inclusive excluir em plena sessão. "Não precisamos de intelectuais na U.R.S.S." Põem de lado o depoimento do dr. Nikolaenko que afirma que Svirtsieva sofre de histeria. Põem de lado seu verdadeiro testemunho em favor de Russakov. Recusam-se a ler meu depoimento, não obstante ser eu a única testemunha que tinha vivido em casa dos Russakov e os conheça. Aterrorizam

todas as testemunhas da defesa e não levam em conta as suas declarações.

E quais são as penas a que se chega à custa de tantas violências? De acôrdo com os artigos do Código relativos ao caso vertente, os acusados deveriam ser condenados a penas de 6 meses a 3 anos de prisão.

Não infligem senão: 3 meses a Russakov; dois meses a sua mulher, e a Liuba Victor-Serge (a espantada), um mês — porém 6 meses de que? De prisão? Não. O legislador soviético é generoso, não gosta de privar as criaturas de sua liberdade, pune-as somente com trabalhos obrigatórios.

Que é que quer dizer em linguagem comunista a expressão trabalhos obrigatórios? Uma coisa muito simples: OS CONDENADOS IRÃO A PRISÃO COMO SE FOSSEM A FÁBRICA, COM A DIFERENÇA QUE NÃO SERÃO PAGOS NEM TERÃO COMIDA. MAIS AINDA, TERÃO DE EXECUTAR, POR TAREFA, UM TRABALHO CUJA QUANTIDADE QUOTIDIANA JAMAIS CHEGAM A CONHECER E LHES É DISTRIBUIDA DA MANEIRA A MAIS ARBITRÁRIA POSSÍVEL, POR GABEÇA, SEGUNDO O GRAU DE SUBMISSÃO OU SEGUNDO A SOMA DE ESPIONAGEM DE QUE SE É CAPAZ.

Não é afixado regulamento algum. Ninguém se atreve a pedir informação acêrca do que talvez existisse. É um lugar imundo, onde é possível tornar-se louco, ou "aprender a viver".

Eis aí a face da "Pátria proletária". Eis aí a sua justiça.

Ela castiga impiedosamente a todos os Russakov que ossem trepidar diante da "linha" estabelecida. Ela castiga até a revolucionários estrangeiros que se tenham feito condenar à morte em suas pátrias, por defenderem a U.R.S.S., a "Pátria proletária" que os tem chamado e recebido em sua terra como se fossem seus melhores filhos, a exemplo daquele Francesco Ghezzi cuja fé inatacável conheci bastante e que o Guepêu acabá de condenar a 3 anos de prisão, sem processo e sem dar explicações a ninguém.

Dum extremo a outro do império subjugado pelo porrete do fascismo comunista, gemem as Sibérias com as lampi-

tações dos Russakov, dos Guezzi e de outros homens ainda, que o comunismo criador e justificador do fascismo mussoliniano empregou a princípio em sua tarefa nojenta e em seguida atirou dentro duma prisão.

Já não se trata absolutamente de socialismo, mas de uma espécie de terror que trata a vida humana como um material de guerra social, do qual se servem para o triunfo de uma nova e monstruosa casta louca por fordismo, americanismo, produtos Coty, modas parisienses, duma casta cruel, ávida de dominação e tão belicosa que está disposta a agarrar pelo pescoço a pobre China, culpada de haver ousado desembaraçar-se de uma concessão que data do czarismo, e continua a ser uma vergonha em que os revolucionários não se deviam intrometer (ó *Le Temps!* eis-te afinal ao lado de "comunistas" para acusar a China de haver "violado um contrato", semelhante àquele que todos os imperialismos possuem e cujo respeito pretendem impor!).

Essa casta, ignorante, vulgar, perversa, é em sua maioria constituída por uma juventude vinda ao mundo depois do início deste século. Ela não sabe e não quer saber de coisa alguma daquilo que constituiu a grandeza e a força do idealismo revolucionário russo de outrora, hoje em dia objeto de museus, trapo bichado que ela catalogou caprichosamente entre coisas mortas. Ela não conhece senão as "palavras de ordem" de um poder do qual é o cimento e o arcabouço. Desfraldar de bandeiras: Internacional ouvida de pé; "esquinas de Lenine"; alto-falantes; imensas faixas cobertas de frases; frases para julgar a vida; frases-feitas para substituir as idéias; o Guepeu para substituir os argumentos; a censura para evitar a crítica: um universal vácuo com que ela se delicia e de que se serve para dominar.

* * *

Para lhe arrancar das mãos pelo menos algumas das vítimas que essa casta devora, não poupamos coisa alguma. Porém, todos os passos lá dados pelos interessados e, depois

de minha partida, todos os telegramas e todas as cartas que daqui dirigi a Kalinine, a Rafail, ao procurador Krilenko, não obtiveram nem efeito nem resposta.

Eis o final de minha carta de 1.º de julho ao procurador da R.S.F.S.R., sr. Krilenko:

"... Eu declarei: se essa família fôr culpada, eu quero ser condenado com ela a partilhar de sua sorte. Ora, eis que, após terem sido brilhantemente absolvidos em abril último três de seus membros, acabam de ser condenados com tal denegação de justiça, que me é impossível não vos apontar o escândalo e não vos lembrar aqui que me solidarizo com os condenados; estou disposto a ir a Leninegrado e a suportar a mesma pena.

"Rogo-vos, camarada Krilenko, não tomeis esta declaração por uma frase de efeito: se tal julgamento se torna definitivo, solicitar-vos-ei fazer-me participar da sorte daqueles com quem me solidarizei; se necessário, pedir-vos-ei publicamente, não sem primeiramente submeter o caso ao julgamento público da Internacional Comunista".

* * *

O julgamento torna-se definitivo a 3 de junho. A 5 de junho, o humano Pravda comunista publica, desta vez, a sentença, qualificando os acusados de elementos anti-sociais e comparando mais uma vez Russakov a Kalganov.

O' Kalganov! Assassino que abriste o ventre de um presidente à moda de Svirtsieva e foste passado pelas armas: permite a um inimigo de tua "classe" mergulhar os olhos em teu sangue e indagar se, afinal de contas, não eras um Russakov levado ao desespero, uma vez que, depois de teu gesto, uns autênticos operários repetiram teu ato de vingança, mataram presidentes iguais àquele cujo terror te armou o braço e te fez cometer tal crime, a dez anos de distância do dia em que se consumou uma desapropriação que tiveste muito tempo para esquecer. Mas não topaste ninguém, ninguém no mundo, que interferisse em teu favor, para "chatear" os

Kalinine, os Krilenko, os Komarov, os Tchudov, os Rafail; não encontraste senão o sombrio corredor em que um "comunista na linha" põe em movimento um barulhento motor, enquanto outro "comunista na linha" faz partir a bala, que recebem à queima-roupa, e sem o saber, todos aqueles que se atrevem a gritar: socorro!

Em nome de quarenta anos de sofrimento e de uma vida que ponho à disposição de qualquer indivíduo honesto que a queira examinar, peço justiça para todos os Russakov e para todos os Kalganov, que vivem e morrem na União das Repúblicas Soviéticas Socialistas de nossos dias.



CONCLUSÃO PARA COMBATENTES

Só é combatente, a meu ver, quem subordina seus interesses pessoais aos interesses da humanidade melhor, que deverá vir no futuro.

Creio nessa humanidade. Ela existe hoje em dia, como o sol existe de noite. Mais de uma vez a lama que sou, a tem tocado. Mais de uma vez, em minhas inúmeras horas de angústia, sua mão me tem erguido do solo.

Tudo o que tenho feito de bem e de belo é a ela que o devo. Não tenho feito apenas o bem e o belo: já tive minha parte de lama; ainda a tenho; e sempre a terei. Mas me sinto infeliz quando essa lama transborda de seus limites, e quase morro de felicidade, quando colho um raio de luz da bela humanidade.

Eis por que lhe quero consagrar todas as minhas forças, ajudar a todos aqueles que combatam por ela.

Não creio mais em "credo" algum. Não quero mais ouvir o que os homens dizem, mas apenas observar o que fazem:

— Mostrai-me o que podeis sacrificar de vossa vida, que vos direi qual o valor que dais à vida dos outros.

Não fugimos ao aviltamento, senão unindo nossa existência a tudo aquilo que vive. Só assim nos tornamos livres: sentindo tudo aquilo que em torno de nós realiza o bem e o mal.

Depois de outras mil, acaba de se extinguir uma flama em vasta terra rica de esperanças. Hoje em dia, nessa mesma terra, não sopra mais senão o vento frio do egoísmo, que enregela a vida.

Mas será sempre a terra donde proveem as mais belas
flamas que reanimam a humanidade. Por isso, ela é sagrada
e cheia de esperança.

Auxiliemo-la a abrir suas entranhas generosas à nossa
alma sequiosa do bem e do belo.

Vamos para outra flama.

— F I M —

INDICE

Nota preliminar	5
Confissão para vencidos	9
16 meses na U.R.S.S.	
Sobre a viagem	37
Uma pergunta	38
A Partida — Christian Rakowsky. Siebeje	43
Em Sofijskaja Nabierejnaja	47
Prelúdios de festas e divagações de homem solitário...	49
Em torno das festas do 10.º aniversário	52
Outubro Vermelho	59
Depois de Outubro Vermelho	65
Um companheiro de viagem	67
Em Atenas	71
Volta à pátria do proletariado	76
Através de cidades e aldeias, estepes e mares, montes e rios.	81
Odesa.	82
Criméia.	83
Ucrânia.	85
Moscovo.	87
Bekowo.	89
Murmansk.	90
Kem.	92
R.R.S.A.M.	93
O Volga — Nijni-Novgorod-Balakhna	97
Kazan.	99
Samara.	100

Saratov-Pokrovsk,	103
Sta Ingrado,	104
Astrakhan,	104
Transcaucasia — Tiflis	109
Borjomi,	110
Erivan,	111
Akhalsikh-Bardzha,	112
Baku,	112
Telavi (Kakheti)	113
Batum, Sukhum, Novi-Afon	114
Gagry-Satchi-Moscon,	116
Mo cou, supremo apelo	118
O caso Russakov ou a U. R. S. S. de hoje	123
Uma espécie de Kalganov	130
O caso Russakov	139
Concursado para combatentes	165

ERRATA

Página	Linha	Em vez de:	Leia-se:
17	15	Chigancouri	Chigancourt
26	25	por semana lhes consta, grava uma página única sob o título	muito mais pomposamente no oficial "Pravda", que uma vez
27	1	muito mais pomposamente no oficial "Pravda", que uma vez	por semana lhes consta, grava uma página única sob o título
63	26	que eu analligoi	que eu não analligoi
64	27	koldhoz	kolchoz

Há mais alguns erros de fácil correção.